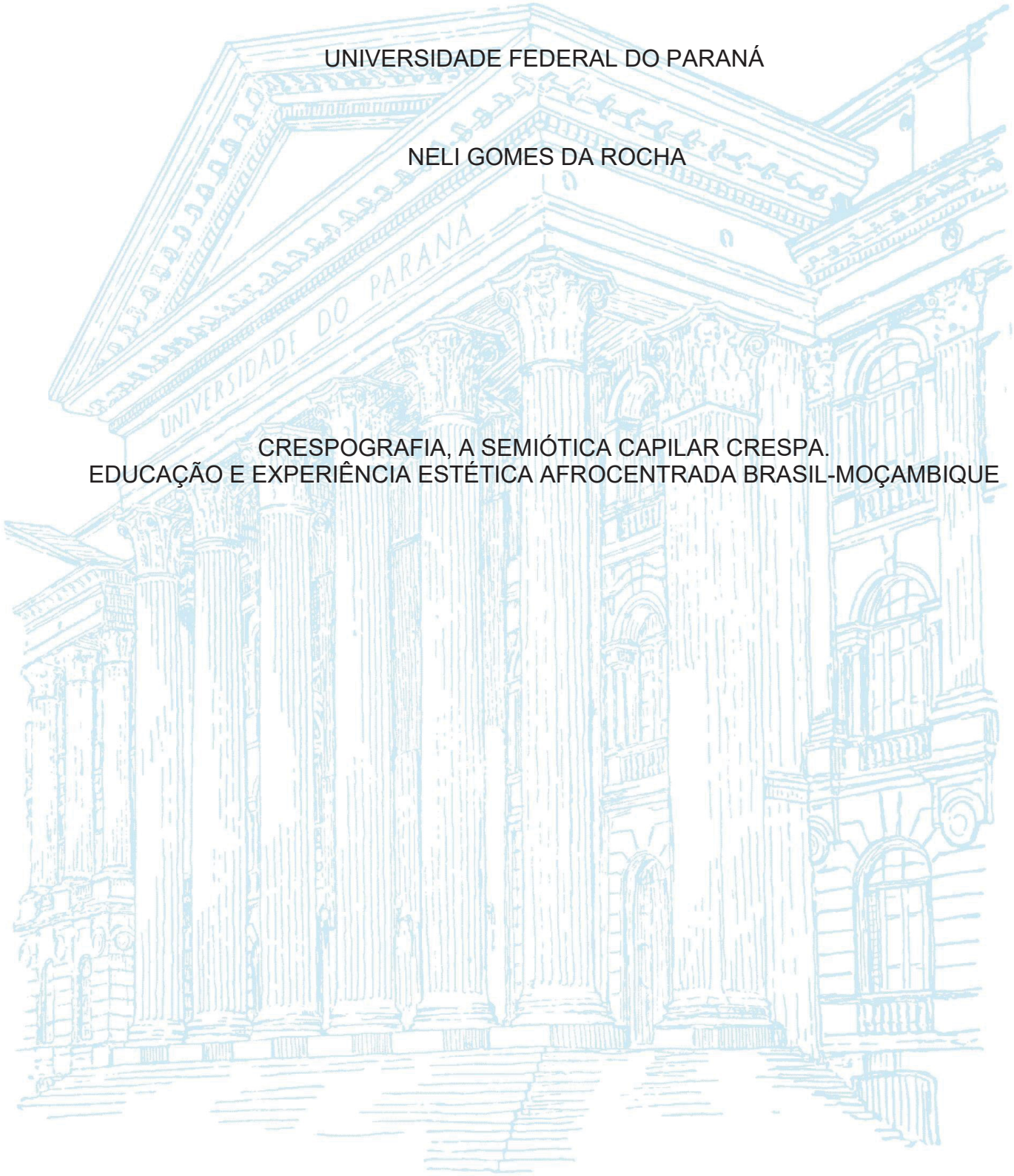




UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

NELI GOMES DA ROCHA

CRESPOGRAFIA, A SEMIÓTICA CAPILAR CRESPA.
EDUCAÇÃO E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA AFROCENTRADA BRASIL-MOÇAMBIQUE

CURITIBA

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

NELI GOMES DA ROCHA

CRESPOGRAFIA, A SEMIÓTICA CAPILAR CRESPA.
EDUCAÇÃO E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA AFROCENTRADA BRASIL- MOÇAMBIQUE

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutora em Educação, Setor de Educação, da Universidade Federal do Paraná. Área de Concentração: Diversidade, Diferença e Desigualdade e Diversidade Social em Educação.

Orientador: Profº. Drº. Paulo Vinicius Baptista da Silva

CURITIBA

2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

Rocha, Neli Gomes da.

Crespografia, a semiótica capilar crespa : educação e experiência
estética afrocentrada Brasil-Moçambique / Neli Gomes da Rocha. –
Curitiba, 2023.

1 recurso on-line : PDF.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de
Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientador: Profº. Drº. Paulo Vinicius Baptista da Silva

1. Penteados afro. 2. Pessoas negras – Identidade racial. 3.
Afrocentrismo. I. Silva, Paulo Vinicius Baptista. II. Universidade Federal do
Paraná. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

Bibliotecária: Tania de Barros Baggio CRB-9/760



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO -
40001016001P0

ATA Nº578

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DOUTORADO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTORA EM EDUCAÇÃO

No dia vinte e quatro de novembro de dois mil e vinte e três às 09:00 horas, na sala 232-A, modalidade híbrida, link para acesso <https://meet.jit.si/orientandesProfPaulo>, 2º pavimento, Edifício Teixeira Soares, Campus Rebouças da Universidade Federal do Paraná, bairro Rebouças, Curitiba/Paraná, foram instaladas as atividades pertinentes ao rito de defesa de tese da doutoranda **NELI GOMES DA ROCHA**, intitulada: **Crespografia, a Semiótica Capilar Crespa. Educação e Experiência Estética Afrocentrada Brasil-Moçambique**, sob orientação do Prof. Dr. PAULO VINICIUS BAPTISTA DA SILVA. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: PAULO VINICIUS BAPTISTA DA SILVA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), DENISE FERREIRA DA COSTA CRUZ (UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA), BRUNA MORAES BATTISTELLI (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), DALZIRA MARIA APARECIDA IYAGUNÃ (AUTONOMA), ROSA CAMPOALEGRE SEPTIEN (CENTRO DE INVESTIGACIONES PSICOLÓGICAS Y SOCIOLOGICAS), ALINE LEMOS DA CUNHA DELLA LIBERA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL). A presidência iniciou os ritos definidos pelo Colegiado do Programa e, após exarados os pareceres dos membros do comitê examinador e da respectiva contra argumentação, ocorreu a leitura do parecer final da banca examinadora, que decidiu pela APROVAÇÃO. Este resultado deverá ser homologado pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais definidos pelo programa. A outorga de título de doutora está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, PAULO VINICIUS BAPTISTA DA SILVA, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos demais membros da Comissão Examinadora.

Observações: A banca aprova o trabalho e sugere a publicação do mesmo em outros formatos visto suas contribuições na intersecção dos campos de conhecimento: para o campo das pedagogias críticas e decoloniais e dos estudos afro e feminismos negros, o trabalho agrega contribuições importantes. O trabalho aporta conteúdos que podem trazer importantes transformações, tanto pelas trancas como pelas ideias.

Assinatura Eletrônica
27/02/2024 16:17:37.0
PAULO VINICIUS BAPTISTA DA SILVA
CURITIBA, 24 de Novembro de 2023
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
29/02/2024 10:31:04.0
DENISE FERREIRA DA COSTA CRUZ
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO
INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA)

Assinatura Eletrônica
27/02/2024 15:35:54.0
BRUNA MORAES BATTISTELLI
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
28/02/2024 15:10:39.0
DALZIRA MARIA APARECIDA IYAGUNÃ
Avaliador Externo (AUTONOMA)

Assinatura Eletrônica
28/02/2024 10:54:55.0
ROSA CAMPOALEGRE SEPTIEN
Avaliador Externo (CENTRO DE INVESTIGACIONES PSICOLÓGICAS
Y SOCIOLOGICAS)

Assinatura Eletrônica
27/02/2024 16:18:43.0
ALINE LEMOS DA CUNHA DELLA LIBERA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO
SUL)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO -
40001016001P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **NELI GOMES DA ROCHA** intitulada: **Crespografia, a Semiótica Capilar Crespa. Educação e Experiência Estética Afrocentrada Brasil-Moçambique**, sob orientação do Prof. Dr. PAULO VINICIUS BAPTISTA DA SILVA, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 24 de Novembro de 2023.

Assinatura Eletrônica
27/02/2024 16:17:37.0
PAULO VINICIUS BAPTISTA DA SILVA
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
29/02/2024 10:31:04.0
DENISE FERREIRA DA COSTA CRUZ
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO
INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA)

Assinatura Eletrônica
27/02/2024 15:35:54.0
BRUNA MORAES BATTISTELLI
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
28/02/2024 15:10:39.0
DALZIRA MARIA APARECIDA IYAGUNÃ
Avaliador Externo (AUTONOMA)

Assinatura Eletrônica
28/02/2024 10:54:55.0
ROSA CAMPOALEGRE SEPTIEN
Avaliador Externo (CENTRO DE INVESTIGACIONES PSICOLÓGICAS
Y SOCIOLOGICAS)

Assinatura Eletrônica
27/02/2024 16:18:43.0
ALINE LEMOS DA CUNHA DELLA LIBERA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO
SUL)

DEDICATÓRIA

Adupé a saudosa professora Nicea Quintino Amauro, nossa ancestral. O projeto Crespura é uma semente de baobá que não esquecerá seu legado. Somos o conjunto de todas as trocas estabelecidas pelos encontros, não se faz nada sozinho.

ADUPÉ & KANIMAMBO

Peço licença para agradecer, ao tempo e a paciência no desafio da escrita. Sou grata aos que me permitiram trilhar tantos caminhos. Agradecida ao pai Manoel e a mãe Maria, sou fruto desse encontro em terras piauienses. Agradeço aos manos e manas por não largarem a minha mão. Agradecida sou por ter cruzado o caminho de tantas mulheres de pura potência e afeto, sem elas o peso da travessia seria insustentável. Sua benção Iyagunã Dalzira, nossa matriarca e griote.

Grata aos filhos gerados em meu ventre José Abdias e Djavan, companhias de tantas horas e muitas que virão. A vida nos presenteia com seres de muito asé.

Ao amigo Michel Yakini, pela partilha tão marcante com as palavras e afetos de ubuntu. Aos professores e as professoras, por acreditam na chama que permanece acesa. Às amigas de muitas vidas Manuela Faria “mana Manu”, Claudia Nunes e Alcione Batista Leite por tecemos elos de afeto e cumplicidade. Ao amigo Izaque por nossas prosas e trocas. Agradecida pela convivência de longa data com Débora Pereira e sua prole Naomi e Jamal, nossas tramas seguem tecendo memórias. Por permitir encontrar tantas pessoas incríveis em seu espaço de beleza negra.

Ao Raimundo Thavede, Pérola e Gânia por confiar sua arte capilar africana de peito aberto. E às mulheres moçambicanas do Salão Alice pela interação e intercâmbio de saberes.

Agradecimentos institucionais ao PPGE da UFPR e ao qualificado corpo docente, em especial à Linha de Diversidade, Diferença e Desigualdade Social em Educação – DDDS por abraçar o projeto de tese e ser pilar desta formação acadêmica transgressora.

Gratidão ao NEAB/UFPR e a importância do espaço para nos fortalecer diante das intempéries. Saúdo as mulheres negras intelectuais que de perto ou de longe estiveram de olhos e ouvidos atentos, acompanhando o passo a passo dessa escrita performática. Em especial para Maria Inês Carvalho pela leitura atenta e Edicleia Furlanetto pelas tabelas e gráficos.

Agradecimento para equipe da SIPAD/UFPR, em especial para Nathália Savione, Kelvi, Marcos Rogério, Diana.

Agradecimentos para a Associação Brasileira de Pesquisadoras/es Negras/os – ABPN.

Agradecimento especial ao orientador-amigo professor Paulo Vinicius, perspicaz e afetuoso com sua fecho certa.

EPÍGRAFE

Oríkì para Exú¹

Nko o
Èsù, ba nse ki imo
Èsù, keru o ba onimimi
Èsù, fun mi ofo ase mo pele Òrisà
Èsù, alayiki a juba
Àse

Oríkì para Òrúnmìlà²

Òrúnmìlà Ajana Ifa
Olokun A Soro Dayo
Eleri Ipin
Ibikèjì Eledunmare
Òrúnmìlà Akere Finu Sogban
A Gbaye Gborun
Olore Mi
Ajiki Okitibiri Ti
Npa Ojo Iku Da Opitan Ife Òrúnmìlà

¹ Elogiado é o espírito do mensageiro divino / Mensageiro Divino, eu chamo a você por seus nomes de elogio / Mensageiro Divino guia minha cabeça para minha rota com destino / Mensageiro Divino, eu honro a sabedoria infinita / Mensageiro Divino, ache lugar onde submergir meus sofrimentos / Mensageiro Divino, dê força para minhas palavras de forma que evoque as forças da natureza fortemente / Mensageiro Divino, nós pagamos nossos cumprimentos dançando em círculo. Axé

² O Testemunho Do Destino O Vice Do Pré-Existente Òrúnmìlà, Homem Pequeno, Que Usa O Próprio Interior Como Fonte De Sabedoria Que Vive No Mundo Visível E No Invisível O Meu Benfeitor, A Ser Louvado Pela Manhã O Poderoso Que Protela O Dia Da Morte O Historiador Da Cidade De Ife Òrúnmìlà

RESUMO

Esta investigação visa analisar modalidades de experiências estéticas e identificar formas de transmissão de técnicas corporais afrocentradas (ASANTE, 2009) identificadas em contextos de socialização voltados para o embelezamento capilar crespo, denominado o salão de beleza étnico. O foco da pesquisa se restringe a dois espaços distintos: o primeiro está localizado no Brasil e o segundo em Moçambique, pois nos interessa perceber rupturas e continuidades na forma de embelezamento dos grupos sociais negros – brasileiros e moçambicanos – que buscam opções de cuidados com os cabelos crespos-carapinhas na dimensão da ancestralidade negro-africana (DIOP), de ‘memória viva’ (HAMPATÉ BÂ) de enaltecer a cultura africana e da beleza negra pelo mundo. Multifacetada a perspectiva teórica e metodológica segue de forma dialógica com a realidade empírica de base qualitativa com imersão no campo de pesquisa inspirada na etnografia crítica, nas escrevivências de (EVARISTO) e na pedagogia transgressora de (bell hooks). Além da linguagem visual que a fotografia de campo permite e os dados quantitativos com perfil de clientes, algumas perguntas norteadoras perpassam a escrita, tais como: Qual o perfil do público que busca experimentar tranças e dreads? A escolha individual tem implicação no ambiente de convivência? Há pressão social diante da escolha da aparência capilar crespa? A reflexão aqui apresentada versa sobre os processos de ensino-aprendizagem incorporados ao locus de trabalho “salão de beleza étnico” - com ênfase no manejo com os crespos - objetiva identificar formas de transmissão do conhecimento pautadas pela oratura através da experiência estética. Dentre os resultados de pesquisa: 1. possibilita formas de emancipação estética negro-africana de mulheres e homens; 2. impulsiona a geração de renda e a autonomia profissional. De outra feita, os salões de beleza étnicos configuram espaços que refletem o legado ancestral transmitido de geração a geração, dados culturais de cuidados e conhecimentos, como as técnicas e elaboração dos penteados, a exemplo, de trançados e dreads.

Palavras-chave: salão de beleza étnico, identidade negra, estética afrocentrada, crespografia, .

ABSTRACT

This investigation aims to analyze modalities of aesthetic experiences and identify forms of transmission of Afro-centered body techniques (ASANTE, 2009) aimed at specific socialization contexts for curly hair beautification, referred to as ethnic beauty salons. The focus of the research is restricted to two distinct spaces: the first is located in Brazil and the second in Mozambique, as we are interested in discovering ruptures and continuities in the form of beautification of black social groups – Brazilians and Mozambicans – who seek care options for their frizzy-curly hair in the dimension of black-African ancestry (DIOP), of 'living memory' (HAMPATÉ BÂ) of praising African culture and black beauty around the world. Multifaceted, the theoretical and methodological perspective follows in a dialogic way with the qualitative-based empirical reality with immersion in the field of research inspired by critical ethnography, the proven writings of (EVARISTO) and the transgressive pedagogy of (bell hooks). In addition to the visual language that field photography allows and the quantitative data with customer profiles, some guiding questions permeate the writing, such as: What is the profile of the public looking to try braids and dreads? Does individual choice have implications for the living environment? Is there social pressure when choosing a curly hair appearance? The reflection here is about the teaching-learning processes incorporated into the "ethnic beauty salon" work locus - with an emphasis on handling frizz - aiming to identify ways of transmitting knowledge guided by orature through aesthetic experience. Among the research results: 1. enables forms of black-African aesthetic emancipation for women and men; 2. boost income generation and professional autonomy. On the other hand, ethnic beauty salons are spaces that reflect the ancestral legacy transmitted from generation to generation, cultural data of care and knowledge, such as techniques and creation of hairstyles, for example, braids and dreadlocks.

Keywords: ethnic beauty salon, black identity, Afro-centered aesthetics, crespography

LISTA DE ILUSTRAÇÕES FIGURAS

Figura 1. Localização – Salão Deby Tranças – Curitiba/Paraná/Brasil.....	22
Figura 2. Localização Geográfica – Salão Alice – Maputo/Moçambique	24
Figura 3. Oficina de turbantes mediada pela escritora moçambicana Fátima Langa.....	27
Figura 4. Rito de Beleza Capilar – Penteado Tradicional Swazilândia, África Austral....	31
Figura 5. Mulheres Hamer região Etiópia, Penteado contem Argila, Ocre, Gordura	41
Figura 6. Mulheres Hamer região Etiópia, Penteado contem Argila, Ocre, Gordura	41
Figura 7. Mulher Himba região Namíbia, penteado tradicional, utam os cabelos com mistura (ocre e manteiga de base animal)	41
Figura 8. Mulher Himba região Namíbia, penteado tradicional, utam os cabelos com mistura (ocre e manteiga de base animal)	41
Figura 9. Autorretrato, Crespo quimicamente tratado para definição dos cachos por uso da linha de produtos do Instituto Beleza Natural, 2014	46
Figura 10. Registro Caravana Instituto Beleza Natural - Crespo quimicamente tratado para definição dos cachos por uso da linha Beleza Natural, 2012.....	48
Figura 11. Autorretrato, Crespo quimicamente tratado associado ao uso de tranças elaboradas no Salão Deby Tranças, 2014	50
Figura 12. Identidade visual dos eventos AfroChic de Curitiba, organizado pelo Deby Tranças e público alvo	52
Figura 13. Identidade visual dos eventos AfroChic de Curitiba, organizado pelo Deby Tranças e público alvo	52
Figura 14. Identidade visual dos eventos AfroChic de Curitiba, organizado pelo Deby Tranças e público alvo	52
Figura 15. Registro do Corte integral dos fios quimicamente tratados, realizado no Salão Deby Tranças, em 2015	53
Figura 16. Registro do Corte integral dos fios quimicamente tratados, realizado no Salão Deby Tranças, em 2015	53
Figura 17. Autorretrato penteado black power. O uso exclusivo de produtos naturais de base vegetal (Manteiga de Karité, Óleo de Coco e Rícino) 2016.....	55
Figura 18. Registro da elaboração de dreads à moda moçambicana, “Salão Alice”	57
Figura 19. Registro da elaboração de dreads à moda moçambicana, “Salão Alice”	58
Figura 20. Autorretrato, Penteado Jimi em Maputo, uso da planta Lichéchua 2016	60
Figura 21. Registro da ‘planta shampoo’ ou Lichéchua na língua materna Changana e nomeada cientificamente como Dicerocaryum Serecioides – 2016	61
Figura 22. Autorretrato, penteado dreads em contexto Moçambique 2016, Brasil 2017..	63
Figura 23. Autorretrato, penteado dreads em contexto Moçambique 2016, Brasil 2017..	63
Figura 24. Autorretrato, crescimento penteado dreads Curitiba/Brasil 2019, 2022	66
Figura 25. Autorretrato, crescimento penteado dreads Curitiba/Brasil 2019, 2022	66
Figura 26. Autorretrato, uso de dreads em contexto docência - online 2022/2023	67

Figura 27 Registro performance corte dreads – Convidadas e Deby Tranças	68
Figura 28 Registro performance corte dreads – Convidadas e Deby Tranças	68
Figura 29 Registro performance de raspagem dos locs com uso de navalha - 2023	69
Figura 30 Registro performance de raspagem dos locs com uso de navalha– 2023	69
Figura 31. Rotina equipe trabalho – salão Deby Tranças	71
Figura 32. Salão Deby tranças - uso de extensão sintética em penteado trançado.....	73
Figura 33. Salão Deby tranças - uso de extensão sintética em penteado trançado.....	73
Figura 34. Registro Débora Pereira aos 19 anos – Curso Cabelereiro Afro	79
Figura 35. Registro Débora Pereira aos 19 anos – Curso Cabelereiro Afro	79
Figura 36. Registro Técnica Trança Nagô com raiz trabalhada	81
Figura 37. Registro Técnica de Trançado tipo “Twist” com cabelo natural.....	82
Figura 38. Técnica Braid loose (técnica de colocação sintética em forma de twists aplicados 1 a 1 no método trançadinho.....	83
Figura 39. Técnicas: Microlink, Entrelace, Nó Italiano, Fixação por queratina	84
Figura 40. Técnicas: Microlink, Entrelace, Nó Italiano, Fixação por queratina	84
Figura 41. Técnicas: Microlink, Entrelace, Nó Italiano, Fixação por queratina	84
Figura 42. Técnicas do Entrelace (costura na tela), trançado para disfarçar alopecia	85
Figura 43. Técnicas do Entrelace (costura na tela), trançado para disfarçar alopecia	85
Figura 44. Técnicas do Entrelace (costura na tela), trançado para disfarçar alopecia	85
Figura 45. Técnicas do Entrelace (costura na tela), trançado para disfarçar alopecia	85
Figura 46. Técnicas do Kanikalon (atual jumbo/fibra/orgânico), alimentação fibra	87
Figura 47. Técnicas do Kanikalon (atual jumbo/fibra/orgânico), alimentação fibra	87
Figura 48. Técnicas do Kanikalon (atual jumbo/fibra/orgânico), alimentação fibra	87
Figura 49. Técnicas do Kanikalon (atual jumbo/fibra/orgânico), alimentação fibra	87
Figura 50. Técnicas do “Nó italiano”	88
Figura 51. Técnicas do “Nó italiano”	88
Figura 52. Técnicas do “Nó italiano”	88
Figura 53. Técnicas de Dreadlock sintéticos com uso de lã.....	90
Figura 54. Técnicas de Dreadlock sintéticos com uso de lã.....	90
Figura 55. Técnicas de Dreadlock com cabelo desfiado e agulha de crochê.....	91
Figura 56. Técnicas de Dreadlock com cabelo desfiado e agulha de crochê.....	91
Figura 57. Técnicas de Dreadlock com cabelo desfiado e agulha de crochê.....	91
Figura 58. Técnicas de Dreadlock com cabelo desfiado e agulha de crochê.....	91
Figura 59. Encontro de gerações – avó materna, mãe e neta com fibra e tramas.....	93
Figura 60. Ilustração cabeça coma separação em mechas	95
Figura 61. Ilustração cabeça coma separação em mechas	95
Figura 62. Penteado tradicional africano adaptado ao contexto brasileiro – Birotas	96
Figura 63. Penteado tradicional africano adaptado ao contexto brasileiro – Birotas	96
Figura 64. Cidade de Maputo e localização Salão Alice – Família Thavede	99
Figura 65. Cidade de Maputo e localização Salão Alice – Família Thavede	99
Figura 66. Entradas do Salão Alice - Cidade de Maputo	100
Figura 67. Entradas do Salão Alice - Cidade de Maputo	100
Figura 68. Atendimento no Salão Alice para retocar dreads – 2017	101
Figura 69. Atendimento miúda (menina) no retocar dreads – 2017	102
Figura 70. Penteados dreads realizados no Salão Alice – 2017	102
Figura 71. Penteados dreads realizados no Salão Alice – 2017	103
Figura 72. Cadernos de registros espaços dreads - Salão Alice – 2017	107
Figura 73. Penteados dreads realizados no Salão Alice – 2017	111
Figura 74. Penteados dreads realizados no Salão Alice – 2017	111
Figura 75. Penteado birotas realizado em contexto de Maputo 2017 e Curitiba 2018 ..	116
Figura 76. Penteado birotas realizado em contexto de Maputo 2017 e Curitiba 2018 ..	116
Figura 77. Penteado birotas realizado – Menina Ofélia , Maputo 2016	122
Figura 78. Registro do formato do couro cabeludo após raspagem com navalha.....	125

Figura 79. Registro do formato do couro cabeludo após raspagem com navalha	125
Figura 80. Registro corte do fio crespo natural para penteado com desenho	126
Figura 81. Registro corte do fio crespo natural para penteado com desenho	126

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Ritos de Beleza – Inventário de Plantas Brasil-África	118
---	-----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Cidade de Nascimento período Abril-Agosto 2017 - Moçambique.....	109
Tabela 2. Tempo de uso do penteado dreads Abril-Agosto 2017 - Moçambique.....	110
Tabela 3. Grupo Étnico - Moçambique	113
Tabela 4. Línguas faladas pela população de 5 anos e mais, Moçambique 2010	114

LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

ABPN	-	Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as
BNCC	-	Base Nacional Comum Curricular
BNM	-	Biblioteca Nacional de Moçambique
CAPES	-	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCBM	-	Centro Cultural Brasil-Moçambique / Instituto Guimarães Rosa
CISM	-	Centro de Investigação em Saúde de Manhiça//Moçambique
CEA	-	Centro De Estudos Africanos – Maputo/Moçambique
CES	-	Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra
DCN-ERER	-	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana
FFLC	-	Fundação Fernando Leite Couto – Maputo/Moçambique
IBGE	-	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	-	Instituição de Ensino Superior
MEC	-	Ministério da Educação e Cultura
NEAB	-	Núcleo Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Paraná
ONU	-	Organizações das Nações Unidas
PPGE	-	Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR
RMN	-	Rede Mulheres Negras do Paraná
SINCACES	-	Sindicato dos Institutos de Beleza, Salões de Cabeleireiros, Centros de Estética e Similares de Curitiba
SIPAD	-	Superintendência de Inclusão, Políticas Afirmativas e Diversidade
UNESCO	-	Organização das Nações Unidas para a Educação
UEM	-	Universidade Eduardo Mondlane

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. TRAJETÓRIA DA PESQUISADORA E A PROGRESSIVA CONSTRUÇÃO DO OBJETO	21
3. TEORIA POR UM FIO METODOLÓGICO.....	29
3.1. Aspectos Metodológicos	39
4. AUTOETNOGRAFIA E A TRAJETÓRIA CAPILAR COMO METODOLOGIA	45
5. ENTRELACANDO VIVÊNCIAS: DEBY TRANÇAS TECENDO O ORI	71
5.1 Memórias traçadas nos movimentos das mãos	79
6. EXPERIÊNCIA ESTÉTICA DREADS: SALÃO ALICE EM MOÇAMBIQUE	96
6.1 Caderno De Registro – Perfil Atendimento Salão Alice	107
7. BIROTES, A ORATURA DO PENTEADO BANTU ÁFRICA - BRASIL.....	116
8. CRESPOGRAFIA: SEMIÓTICA CAPILAR CRESPA E EDUCAÇÃO.....	124
PALAVRAS FINAIS.. ..	127
REFERÊNCIAS	131
ANEXOS	141

1. INTRODUÇÃO

Mu kânda, babo longa ye longwa³ (Provérbio Bantu)

Amasunzu⁴, bantu knots⁵, tranças nagô⁶ são exemplos de penteados tradicionais de origem africana que resistem ao tempo. O ato de se embelezar é tão antigo quanto recorrente nas mais remotas civilizações. Marcado pelo contínuo movimento das mãos mostra-se atemporal quando percebido sob a ótica do processo de ensino-aprendizagem transmitido de geração a geração. Portanto com base na observação performática e na oralidade, situando o indivíduo ao seu grupo de pertença através da internalização de valores morais e estéticos.

O foco dado ao campo da Educação associados a construção do saber pela vivência e pela observação. Os processos de ensino imbricados ao movimento das mãos sobre a cabeça configuram uma modalidade de aprendizagem mimética⁷ e tem impacto direto no desenvolvimento das técnicas humanas por meio do conhecimento prático. Ou seja, são nos processos miméticos aquela ação sustentada pelo agir diretamente no corpo, transformando-se de acordo com os valores culturais do grupo social. Para cada tecnologia social apreendida, há novas formas de movimentos do corpo em constante performance, resultando em linguagens corporais altamente complexas que culminam na ancestralidade vigente.

Por considerar que o cabelo crespo é o próprio veículo de comunicação, como bem coloca Nilma Lino Gomes (2002), envolvendo um intercâmbio de saberes quanto à percepção da beleza negra, cada fio capilar é circunscrito de ideias e configura um elemento físico que permite expressar representações de mundo, de feminidade e de masculinidade. Para GOMES (2000, 2001, 2003) e LODY (2000) traços como os cabelos crespos são “memoráveis símbolos corporais distintivos de identidade étnica, de inserção e mobilidade social, além de mecanismo de reconhecimento pelo direito à identidade pela diferença” (GOMES, 2000, p.29).

³ Dentro da comunidade, todos têm o direito de ensinar e serem ensinados. Educação é uma questão de reciprocidade. O verdadeiro conhecimento é adquirido através de compartilhamento. Máxima do pensamento tradicional africano.

⁴ “penteados elaborados tradicionalmente em Ruanda, usado por homens e mulheres solteiras, com o cabelo penteados em cristas, frequentemente descrito como em forma de crescente. O penteados indicava status social” Fonte: Umutesi, Marie Béatrice (2004). *Surviving the slaughter the ordeal of a Rwandan refugee in Zaire*. Madison, Wis.: University of Wisconsin Press. p. 8. ISBN 9780299204938.

⁵ Penteados tradicionais do continente africano, primeiros registros entre o povo Zulu África Austral e encontrado em culturas bantu e com diferentes nomenclaturas bitores, coquinhos. Coques de cabelos distribuídos ao longo da cabeça.

⁶ Penteados elaborados rente ao couro cabeludo, com diferentes formas e diâmetros. Presente em culturas africana com variação na técnica e uso de acréscimo de fibra para alterar comprimento e volume.

⁷ A aprendizagem mimética, fundamentada no corpo e nos sentidos, permite a aprendizagem de imagens, de esquemas, de movimentos pertencentes à esfera da ação prática (GEBAUER, 2004, p. 38).

Nesse sentido, a educação e a cultura são pilares para a formação da pessoa. Além disso, os hábitos cotidianos irão moldar gradativamente expressões culturais a exemplo dos penteados ou mesmo dos cuidados de higienização destinados aos fios crespos em contexto anteriores ao processo colonial europeu datado do século XV e releituras consolidadas em realidades fora do continente africano, como é o caso do Brasil.

Descolonizar corpos e mentes - como prática emancipatória dos modos de viver e de sentir através da experiência estética - é premissa na escrita da intelectualidade negra, como aponta Frantz Fanon (2008) em relação à “experiência vivida do negro”, Nkiru Nzegwu (1989) ao apontar a “tentativa de compreender a experiência estética em contextos não-ocidentais” e Conceição Evaristo (2019) ao afirmar “o meu corpo, e não outro, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta”.

Na tese é proposto o conceito de *Semiótica⁸ Capilar Crespa* na perspectiva da *Beleza Negra* e da *Estética Afrocentrada* buscando compreender a ressignificação no uso de penteados ancestrais – tranças e dreads – como signos norteadores que permitem ao indivíduo negro-africano se construir como *persona* de maneira integral no processo de reconhecer e valorizar o belo em nós. Além do mais, ela está situada no propósito de analisar modalidades de experiências estéticas e identificar formas de transmissão de técnicas corporais afrocentrada, na perspectiva de Molefi Kete Asante (2009), inseridas e reconhecidas em contextos de socialização voltados para o embelezamento capilar crespo, o salão de beleza étnico⁹.

Defendemos que o microcosmo do salão de beleza étnico reflete dimensões socioculturais como as mudanças na autoconsciência a partir do gesto obtido pela experiência social de repensar os cuidados de si outrora sustentados pela lógica colonial. Para a pesquisadora Grada Kilomba (2019) “mais do que a cor da pele, o cabelo tornou-se a mais poderosa marca de servidão durante o período da escravização”. Assim como ao movimento de superação da sensação de medo refletido no espelho construído pela insatisfação com os resultados das intervenções capilares pregressas e a pressão social ainda pungente destinada aos cabelos crespos sem intervenção química. No processo de ensino e aprendizagem “a educação tem a ver com cura e plenitude. Está relacionada com empoderamento, libertação, transcendência; renova a vitalidade. Diz respeito a encontrar e reivindicar nossa existência e nosso lugar no mundo” (hooks, 2021, p. 62)

⁸ Semiótica e o pioneirismo do linguista Suíço Ferdinand Saussure (1857 – 1913), e o filósofo Americano Charles Sanders Peirce (1839 – 1914).

⁹ Consideramos as diferentes nomenclaturas destinadas aos espaços de cuidados com os crespos como Salão Afro, Salão beleza Negra com traço das diversidades de linguagens e a aproximação com o foco no cabelo crespo e suas texturas.

Ou seja, diante da diversidade de possíveis formas de cuidados com os cabelos com textura crespa oferecidos pelos espaços profissionais de embelezamentos a nossa ênfase àqueles que busquem maior aproximação com as culturas africanas e seu legado estético no Brasil e em Moçambique, a exemplo das tranças e dos dreads. Por considerar as narrativas encontradas no campo e no mercado da beleza negra até as trocas simbólicas de memórias afetivas de satisfação e de dor.

Nesta perspectiva, os direitos à igualdade de tratamento e acesso pleno à cidadania passam pelo autoreconhecimento, a autorrealização, o pertencimento identitário e configura pilares desta investigação. É relevante destacar que partimos da hipótese de que a autonomia da escolha da aparência capilar possui interdependência com o conceito de Bell Hooks (2013) a busca por autorrealização da pessoa negra, em especial pelo público feminino. Esta situação via de regra reverberará em outras instâncias da vida pessoal e social do indivíduo.

A tese está disposta, para tanto, sobre a ambiência do salão de beleza étnico dos quais discorreremos durante o percurso, por entender a diversidade de narrativas que podem ser acionadas a partir das experiências vivenciadas com os próprios cabelos crespos em momento destinado para o cuidado e embelezamento. O primeiro espaço sobre o qual discorreremos está localizado no Brasil e o segundo em Moçambique. Interessa-nos perceber rupturas e continuidades na forma de embelezamento dos grupos sociais negros – brasileiros e moçambicanos – que buscam opções de cuidados dos cabelos com a textura crespa. Distante da ótica colonizadora e, conseqüentemente, maior aproximação com a dimensão da ancestralidade negro-africana sustentada por Cheik Anta Diop (1981), a perspectiva da memória viva de Amandou Hampatê Bá (2002) e do enaltecimento da matriz cultural africana e da beleza negra pelo mundo.

A Semiótica Capilar Crespa aqui proposta e entendida na perspectiva cultural e formativa do ser e presente no cotidiano da população negra, possui para tanto a característica de interlocução e reciprocidade ao formar sistemas significantes que integram a memória coletiva e o imaginário social. Nesse sentido, diferentes abordagens acadêmicas têm evidenciado os cabelos crespos em relação de interdependência com a identidade, a cultura, a autorepresentação e a autoestima observando as técnicas de cuidado e os espaços de embelezamento negro brasileiro (COSTA 1984; CUNHA, 1991; FIGUEIREDO, 1994; NOGUEIRA, 1998; SANTOS, 2000; GOMES, 2002; LODY, 2004; MALACHIAS, 2009; COUTINHO, 2010; QUINTÃO, 2013; CHAGAS, 2013; CRUZ, 2018; OLIVEIRA, 2019;). E é exatamente este o campo norteador desta pesquisa.

Hábitos e cuidados de si são resignificados e as transformações sociais renovam o olhar para os saberes ancestrais revigorados “Educadores que se desafiam a ensinar para

além do ambiente de sala de aula, a se deslocar pelo mundo compartilhando conhecimento [...] Pela prática vigilante, aprendemos a usar a linguagem capaz de dialogar com o cerne da questão, independentemente do ambiente de ensino em que nos encontremos. (hooks, 2021, p. 62)

Consideramos o impacto da dimensão Educação das Relações Étnico-raciais e o papel da consolidação das identidades individuais e coletivas na formação do indivíduo enquanto processo de autoconhecimento contínuo e passa pela representação valorizada, estimulando experiências de reconhecimento e de pertencimento a partir da corporeidade negra enaltecida e positivada.

Diante disso, é relevante apontar que a presente investigação está situada em interlocução com o campo dos estudos das Relações Raciais, Educação e Cultura. Nesse sentido podemos apontar para a tradição em pesquisas sobre a questão racial negra e o eixo educacional e cultural como apontam Silva, Regis & Miranda (2018) pautadas na abordagem antirracista no trato com a diversidade étnico-racial e a construção de identidade negra, cujo marco legal é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB normativa na lei nº 10639/03 que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana nas escolas públicas e privadas.

A mobilização da intelectualidade negra no Brasil, e no mundo, tem promovido avanços que ultrapassam os bancos escolares e adentram de forma crescente os espaços acadêmicos, em parte fruto das políticas de Ações Afirmativas de inclusão de negros e negras no ensino superior. Avanço que é reflexo do ativismo de nomes como Abdias do Nascimento, Joel Rufino, Clóvis Moura, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento dentre outros.

Inspirada nas trajetórias engajadas da intelectualidade negra do Brasil, das Américas e do continente africano o desafio da presente escrivência, como um ato político, materializada na experiência estética crespa em contextos de Brasil e África, é expor de modo performático a possibilidade de linguagem corporal negra múltipla e ainda assim única. A intenção é suplantar a mera subalternidade dada historicamente ao crespo.

O propósito desta investigação se desdobra em: 1. aprofundar o debate acadêmico no campo educacional e cultural, situado na educação das relações étnico-raciais e nos processos de ensino-aprendizagem que se estendem para além das instituições educacionais formais e adentra ao mundo da vida cotidiana. Observando para tanto os diferentes espaços de socialização que atuam cotidianamente com práticas de reconhecimento e valorização dos traços físicos negros, a exemplo dos salões de beleza étnicos; 2. identificar hábitos e cuidados em contextos de reafricanização, que promovam revalorização de elementos culturais do corpo com melanina, considerando este um elo ancestral com a matriz africana.

Algumas perguntas de investigação: Como se dá a interlocução entre a elaboração dos penteados afrocentrados no Brasil e a associação às culturas africanas, como é o caso de Moçambique? Quais os hábitos de cuidados com os cabelos com textura crespa no Brasil e na África contemporânea? Qual a motivação dos profissionais para a especialização em penteados com forte inspiração nas culturas africanas? Qual o papel do salão de beleza étnico na valorização da estética capilar negro-africana no Brasil e em Moçambique? Quais as técnicas utilizadas para a elaboração dos penteados? Como foram e são aprendidas e ensinadas? É possível identificar técnicas ancestrais de cuidados? Qual o perfil do público que busca essa modalidade de autocuidado?

Do ponto de vista empírico, o campo de investigação está centrado ao contexto sociocultural do Brasil em diálogo com a realidade africana de Moçambique, ambos frutos de colonização ocidental de Portugal, falantes da língua portuguesa e imbuídos de influência cultural mútua. Multifacetada a perspectiva teórica e metodológica segue de forma dialógica com a realidade empírica e se apresenta tão rica e complexa exigindo a flexibilidade na condução reflexiva e analítica.

No processo de profissionalização desses espaços, a identificação como especializados em cuidados com os cabelos crespos em sua paleta de texturas, tem o movimento com as mãos como primordial na arte do trabalho para realização de penteados com forte inspiração nas culturas africanas. As técnicas acionam a comunicação do pensar com o agir, as mãos em ações preestabelecidas para a execução dos penteados incorporam na rotina familiar atribuições para divisão social do trabalho e configura segundo Richard Sennett (2009) “a maneira de fazer que parte da relação estreita que o artesão mantém entre o pensamento e a ação, o projeto e a execução; e um conjunto de valores e práticas intrinsecamente associadas ao seu trabalho” (SENNETT, 2009, p. 20).

Do ponto de vista metodológico, adotamos a pesquisa de base qualitativa realizada durante o campo investigativo com a possibilidade de vivenciar a rotina de embelezamento crespo em ambos os espaços. No Salão Deby Tranças, situado no Brasil, mais especificamente em Curitiba, acompanhamos a trajetória desde seu surgimento do espaço nos anos de 2008, convivendo com a equipe gestora, profissionais e os diferentes perfis sociais das pessoas interessadas em experimentar o uso de trançados. Em 2016, veio a oportunidade de conhecer o “Salão Alice”, em Moçambique, e acompanhar a técnica de dreads, estabelecendo vínculos com a equipe gestora e a clientela do salão. Em ambos os espaços o predomínio do perfil da clientela presente feminina, negra, adulta, moradoras de centros urbanos.

Quanto ao embelezamento capilar, o campo de investigação está situado em seus diferentes processos, elaborados em dois contextos e espacialidades: as tranças

elaboradas no Salão Deby Tranças (Curitiba estado do Paraná, Região Sul do Brasil) e os dreads retocados no Salão Alice (Maputo, Província de Maputo, Sul de Moçambique na África Oriental).

Embora distantes geograficamente as duas realidades sociais possuem perspectivas convergentes quando observada as alternativas de cuidados de si em ambientes profissionais que tenham como sustentáculo a valorização da beleza negro-africana utilizando penteados na forma de tranças e dreads. Tanto na realidade brasileira, quanto na realidade moçambicana é perceptível a crescente intencionalidade em reconhecer a textura natural dos fios crespos e sua variedade de texturas.

Seja em Curitiba ou em Maputo o processo de embelezamento dos crespos outrora estavam restritos ao âmbito privado e paulatinamente adquirem a dimensão do espaço público por se reinventarem como fonte de renda e autonomia no trabalho, especialmente para as mulheres negras, embora conte de forma crescente com a presença masculina.

O *locus* da pesquisa é, portanto, o espaço voltado para o embelezamento capilar que surgiu inicialmente como extensão dos ambientes domésticos (salas, terreiros, cozinhas e quintais), conduzidos primordialmente por mulheres nos cuidados dos próprios cabelos crespos e de seus familiares, evoluindo de forma crescente para espaços públicos profissionalizados identificados de diferentes maneiras: salão afro, salão de beleza negra ou os salões de beleza étnicos. Em comum, a característica de se tornarem fonte de renda para subsistência e autonomia sobre a gestão do lar e da prole.

2. TRAJETÓRIA: PESQUISADORA E A PROGRESSIVA CONSTRUÇÃO DO OBJETO

Na escrita de si descortinamos a tradução de um nós que fora ocultado e que gradualmente emerge reluzente como o abebé de Oxum, nossa ancestral que guarda o segredo do feminino e do belo. Para Evaristo (1995) significa “passar para o papel uma experiência que não cabia mais em mim a experimentação de uma escrita, marcada por uma escrevivência”.

A tese que aqui se apresenta percorreu longa caminhada no tempo e no espaço acadêmico. Em pouco mais de uma década de investigação, a gradual complexificação do tema de estudo tem seu nascedouro na pesquisa de Iniciação Científica (2005-2009) com foco analítico na “Representação de Negros e Brancos na Publicidade Paranaense” expondo a sub-representação de pessoas negras em comparação com pessoas brancas com base em metodologia quantitativa. O corpus de análise utilizado foi a mídia impressa brasileira a partir das peças publicitárias veiculadas em jornais do Paraná – Brasil, acrescida da perspectiva da legislação brasileira e mecanismos legais para superação desta posição sociocultural da população negra no imaginário social brasileiro e ocidental. Os dados obtidos corroboraram com pesquisas já consolidadas sobre a literatura e os meios midiáticos (SILVA, 2007; ROSEMBERG, 2008) e ressaltaram a postura contínua da estereotipia dos corpos negros (BELELI, 2005; CORRÊA, 2006) e sub-representação no contexto do estado do Paraná (ROCHA, 2010) e em diferentes regiões do Brasil. A experiência com a investigação aguçou o olhar para a representação dos corpos negros e a construção de imaginários sociais na dimensão estético-expressiva negro-africana.

A trajetória de aproximação com o campo da pesquisa acadêmica e de ativismo negro influenciou para a seleção do signo encontrado para esta pesquisa, o cabelo crespo e a experiência de cuidados e técnicas de rotinização ancestrais e contemporâneas nos mais diferentes espaços de sociabilidade, privados e públicos. Trabalhamos desde os espaços educacionais e culturais (escolas, centros comunitários, espaços de cultura) até espaços de embelezamento com salões de beleza étnicos, na forma de atividades formativas (entre os anos de 2007-2015) com objetivo de implementação de ações antirracistas que dão cumprimento à Lei 10.639/2003, desmistificando ideias estereotipadas sobre os cabelos crespos como: “cabelo ruim”, “cabelo rebelde”, “cabelo duro” e em consonância com pesquisas sobre identidade negra e padrão de beleza (GOMES, 2002; REZENDE, 2017; CRUZ, 2017).

A realização de atividades de educação antirracista contou com a participação orgânica da tranquista e assistente social Débora Pereira, atuando na interface entre teoria e prática com a realização de penteados na forma de tranças acompanhadas de atividades

produção acadêmica e participação em congressos regionais¹¹, nacionais¹² e internacionais¹³ em grupos de trabalhos sobre as temáticas: memória social, identidade negra, práticas pedagógicas emancipatórias, estética negra, autoestima, implementação da lei 10639/03. Na construção do objeto de pesquisa para o doutoramento na Pós graduação em Sociologia da UFPR (2014-2018), o ímpeto de investigação na dimensão da Cultura e da Sociabilidade teve foco na construção Identitária das pessoas negras e as técnicas de embelezamento capilar.

Merece destaque a retomada na realização das oficinas formativas de penteados afro e turbantes em espaços culturais do Paraná e instituições de educação com a inclusão da experiência vivida em Maputo. Por exemplo, as técnicas de penteados e formas de cuidado inspiradas nas culturas africanas como o uso de manteigas vegetais como as plantas: Karité, Aloe Vera e Rícino. Segundo Nilma Lino Gomes (2019), o processo de inserção e uso dessa qualidade de utensílios de embelezamento crespo a exemplo dos óleos naturais e plantas, remetem às práticas culturais localizadas em diferentes etnias africanas ainda hoje.

A oficina ORI¹⁴ (cabeça em iorubá) foi elaborada visando promover a discussão entre as temáticas: relações raciais, gênero, estética negra, autoestima e construção de uma identidade negra, com ênfase nos cabelos crespos. A base referencial da atividade é a implementação da lei n° 10.639/03 de inclusão do ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira em todos os níveis de ensino passando pela construção histórica do “ser negro/negra” em diálogo com as práticas educacionais. Um exemplo de penteado ancestral que foi incluído nas oficinas é o birotos ou bantu knots elaborado com a separação de coques ao longo do couro cabeludo e a hidratação com óleos vegetais como alternativa de cuidado com os crespos para definição dos fios.

As oficinas seguem percorrendo os mais diferentes locais e públicos, com foco na valorização dos crespos e na orientação sobre como cuidar dos fios com respeito à sua textura e saúde. Além de incorporar as pessoas interessadas em aprender a técnica das tranças ou dos dreads. Associada à atividade, são dispostos produtos comercializados no

¹¹ Congresso de Pesquisadores(as) Negros(as) da Região Sul - COPENE SUL nas cidades de Pelotas/RS em 2014 e Curitiba, 2015.

¹² Congresso Nacional de Pesquisadores(as) Negros(as) – COPENE na cidade de Belém/PA, 2014.

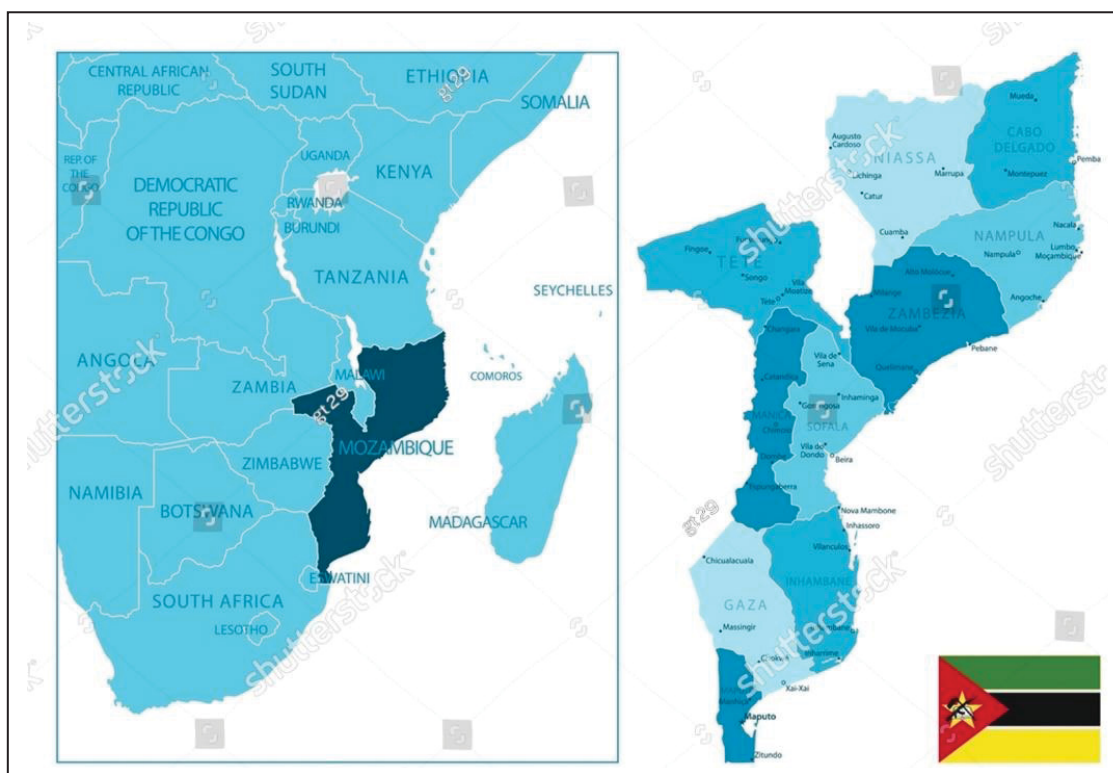
¹³ Congresso Luso, Brasil-África, 2015 na cidade de Lisboa/Portugal.

¹⁴ Ministrada por Neli Gomes da Rocha e Débora Caroline Pereira, dividida em parte teórica e prática. Algumas referências de leitura: DIOUF, Syuviane A. As tranças de Binton. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. GOMES, Nilma Lino. Sem perder a raiz – Corpo e Cabelo como símbolo de identidade negra. 2.ª ed.. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. GROTERA. Qual é o pente que te penteia? O perfil do consumidor negro no Brasil. Relatório de Pesquisa, 1997. HALL, Stuart. Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais/ Liv Sovik (org). Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2003. LODY, Raul Giovanni da Motta. Cabelos de axé: identidade e resistência. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2004.

salão Deby Tranças como toucas de cetim, fibras capilares sintéticas e pentes tipo garfo. Itens ideais para os cabelos crespos e fruto da organização de afroempreendedores que identificam o salão como espaço estratégico de visibilidade das marcas e produtos.

A convivência no ambiente do Salão Deby Tranças se manteve constante. Devido a isso, associado ao contato direto com a clientela do espaço trouxe a inquietação por vivenciar em contexto africano formas de autocuidado e estreitar diálogos sobre a espacialidade do salão de beleza étnico na África de hoje. A concretização desse desejo aconteceu em 2016 com a possibilidade de ministrar curso de curta duração na cidade de Maputo/Moçambique no espaço acadêmico da Universidade Eduardo Mondlane e no Centro Cultural Brasil-Moçambique. Na figura abaixo segue a localização geográfica da cidade de Maputo, capital de Moçambique.

Figura 2 - Localização Geográfica – Salão Alice – Maputo/Moçambique



FONTE: Mozambique – highly detailed blue map. Vector illustration¹⁵

A escolha por Moçambique não se deu de forma aleatória, ainda na graduação a oportunidade de cursar disciplina de História da África no curso de História da UFPR e a

¹⁵ Disponível em: <https://www.shutterstock.com/pt/image-vector/mozambique-highly-detailed-blue-map-vector-2068176179>. Acesso em: 10.10.2022

aproximação com a história de Moçambique antes da presença colonial europeia. Posteriormente, o contato com eventos acadêmicos¹⁶ envolvendo culturas que falam a língua portuguesa no mundo em especial estudantes africanos intercambistas. A similaridade e aproximação histórica da mesma matriz colonizadora ocidental, Portugal, e, portanto, sendo a língua portuguesa como fator facilitador na interlocução pois daria maior agilidade na comunicação verbal e interação interpessoal. Segundo NGOENHA (1992)

Em Moçambique, desde o tempo colonial até hoje, a língua portuguesa é a língua oficial de ensino. Ela garante a ligação entre as elites económicas, políticas e intelectuais moçambicanas com o mundo internacional. Os falantes do português têm acesso mais facilitado aos mercados de trabalho e maiores possibilidades de ascensão social. O português também é o meio de participação política: É a língua parlamentar, é a língua pela qual circulam os panfletos eleitorais, etc. Dificilmente uma pessoa seria escolhida para cargos públicos de alto nível se ela não fosse bom falante e cultor da dita língua de Camões. (NGOENHA, 1992, p. 189)

Portanto, destaca-se o elo histórico colonial¹⁷ entre os dois países que sustentam línguas oficiais como o português e possuem a marca colonial da cultura lusofônica assim como Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau entre outros.

Neste primeiro contato de 30 dias com a realidade moçambicana o objetivo foi conhecer e interagir em espaços de embelezamento com foco na realização do penteado dreads e o exercício da experiência estética em aderir ao uso deste penteado como parte da pesquisa na dimensão da experiência estética capilar crespa à moda moçambicana. Dos espaços visitados, a maioria realizava alisamentos químicos e uso intenso do calor para mudança na textura do fio capilar. O mercado da beleza entre a população moçambicana abarca importante espaço para diferentes faixas etárias – das miúdas às mamas¹⁸ – expondo um campo de análise complexo e interdisciplinar, como bem expõe a pesquisadora Denise Ferreira da Costa Cruz (2017) “com o cabelo liso, de peruca, com o cabelo crespo, somos negras de todo jeito.”

Por outro lado, estão muito presentes noções de autocuidado ancestrais como os usos das plantas para ritos de beleza moçambicana e o mercado da beleza na interface tradicional e contemporâneo. A interlocução com a cultura africana moçambicana trouxe uma série de questionamentos de pesquisa no campo da estética negra e os processos de embelezamento na relação Brasil e Moçambique.

¹⁶ Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais (CONLAB) edição 2015 em Lisboa, Portugal.

¹⁷ Ver: José Capela, O tráfico de escravos nos portos de Moçambique, 1733-1904, Porto, Afrontamento, 2002, pp. 308-354 e Manolo Florentino, Em costas negras: uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro, São Paulo, Companhia das Letras.

¹⁸ Forma de tratamento dado respectivamente para meninas e mulheres maduras.

O trânsito por espaços culturais¹⁹ de Maputo com a realização das oficinas de turbantes foi fundamental para estreitar laços com diferentes perfis sociais utilizando a mediação dos já tradicionais tecidos africanos que em Moçambique são identificados como capulanas. Seu uso é plural e signo da cultura moçambicana e do universo feminino em especial.

Durante a oficina de turbantes realizada em 2016, um ponto merece destaque, a interação de diferentes perfis de moçambicanas, dentre as quais intelectuais como a escritora Fátima Langa (*in memoriam*) e a organização de oficina para as “mamanas”. As moçambicanas atuam com guardiãs das tradições e também estão em constante atualização com as novidades contemporâneas. Observadoras e gestoras de seus núcleos familiares driblam as dificuldades com astúcia e criatividade. Acompanhadas pela prole são importantes interlocutoras para o desenvolvimento das tecnologias sociais produzidas em contexto moçambicano. Apesar das desigualdades que são abissais, elas compõem a base da pirâmide social e prosseguem ocupando os espaços profissionais que são possíveis, abrindo trincheiras de fonte de renda como o mercado da beleza (e as diversidades de possibilidades desde a comercialização de produtos, a elaboração de penteados e higienização dos espaços). Ou ainda no ramo da alimentação e do trabalho doméstico, do preparo do alimento à organização e limpeza do ambiente residencial.

Durante a atividade, em meio a conversa sobre cuidados femininos e beleza conseguimos organizar 16 turbantes seguindo de desfile em meio ao grupo, não havia espelho. A audácia em propor uma oficina de turbantes em contexto africano se mostrou muito eficaz pela riquíssima experiência estética. Essa vivência foi possibilitada através dos tecidos africanos, o elo para mulheres imersas na tradição das capulanas que, devido à relação com tais tecidos, conectam gerações e culturas de diferentes etnias moçambicanas, e como parte de todo esse vínculo afetivo acabaram por destinar tempo para a atividade.

Para cada capulana envolvida na cabeça e na cintura há também muita história para contar, narrativas do que foi vivido e que são associados diretamente ao objeto de uso pessoal. Ao esculpir diferentes turbantes sob o olhar atento das pessoas presentes o reconhecimento partilhado de muitas memórias de beleza e afetividade afrocentradas.

FIGURA 3 – Oficina de turbantes mediada pela escritora moçambicana Fátima Langa

¹⁹ Centro Cultural Brasil-Moçambique / Av. 25 de Setembro, 1728, Maputo.



Fonte: Acervo de Pesquisa da Autora²⁰

A concretização da vivência com a cultura africana na região de Moçambique ampliou a intenção de realizar pesquisa de campo com foco nos ritos de embelezamentos capilares contemporâneos Brasil-África. Em 2017 a investigação adquiriu envergadura internacional, envolvendo a realização de estágio doutoral²¹ (bolsa sanduíche) no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra/Portugal e no Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane em Maputo/Moçambique, com a realização do campo empírico em um salão de beleza localizado na cidade de Maputo-Moçambique. O objetivo de estabelecer elos de aproximação entre duas realidades sociais que passaram pela colonização portuguesa como Brasil e Moçambique.

O contato inicial estabelecido em 2016 evoluiu para pesquisa social tendo o espaço do salão como cenário de investigação. O “Salão Alice”, sob a responsabilidade da Família Thavede concordou em participar da pesquisa de campo e o cabelereiro-professor de

²⁰ Oficina de Turbantes - história da capulana no Brasil. Palestra e Oficina com Neli Gomes da Rocha, doutoranda em Sociologia - UFPR, integrante do NEAB/UFPR. Entrada Gratuita - traga a sua capulana. Link > <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1817253891831072&set=programa%C3%A7%C3%A3o-ccbm-agosto-de-2016oficina-de-turbantes-1-e-3-de-agosto-14hs-%C3%A0s-17hs>

²¹ Envolvendo as instituições de ensino superior, elencadas a seguir: a UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ/ BRASIL, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia; a UNIVERSIDADE DE COIMBRA/PORTUGAL, a partir do Centro de Estudos Sociais-CES e a UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE/MOÇAMBIQUE, a partir do Centro de Estudos Africanos realize a investigação sociológica intitulada: “Memória, Beleza e Identidade, Brasil - Maputo. Técnicas de cuidados com o corpo na recuperação da rotinização anterior ao processo colonial e o papel do universo feminino no espaço de embelezamento crespô”,

dreads Raimundo Thavede , o “Tio Ray” aceitou ser o interlocutor prioritário desta fase da pesquisa. A forma de aproximação foi sustentada pelo interesse em vivenciar o penteado dreads sem usos de utensílios como agulhas, linhas e apliques.

Ao adentrar ao espaço do Salão Alice, entre março de 2017 e agosto de 2017, houve a possibilidade de imersão na rotina do espaço de embelezamento e a convivência com a comunidade moçambicana que busca os cuidados com os cabelos carapinha (termo associado ao cabelo africano sem ação produtos químicos) a exemplo do penteado dreads à moda moçambicana em contexto urbano. Durante o campo investigativo²² foi utilizada a metodologia etnográfica e de autoetnografia, através da imersão na realidade moçambicana urbanizada e o vivenciar da rotina do “Salão Alice”, acompanhando prioritariamente a técnica do penteado dreads e estabelecendo interação direta com a clientela do salão (predominantemente feminina e moçambicana de origem bantu) além de partilhar a experiência de fazer as próprias dreads no mesmo espaço, ou seja, “puxar as dreads” “cultivar as dreads”.

Concluída a fase de trabalho de campo, aconteceu o retorno ao Brasil e a possibilidade de retomar a vivência no Salão Deby Tranças e replicar a técnica apreendida no Salão Alice entre 2017 até a atualidade.

Em função de uma série de intercorrências pessoais não foi possível concluir o doutorado em sociologia. O material empírico obtido em 2017, entre trabalho de campo e pesquisa iconográfica passou a ser utilizado para esta tese. Apresentamos então um projeto com ajuste no foco, centrado nos processos formativos, para o doutorado em educação na UFPR. O ingresso em 2021 possibilitou a reinserção de forma institucional no Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UFPR e dar continuidade no processo de aquisição e produção de conhecimento em conjunto com discentes e docentes deste grupo de pesquisa, assim como no desenvolvimento da tese.

3 A TEORIA POR UM FIO METODOLÓGICO

O campo de pesquisa que estuda as representações sociais do corpo já possui consolidação e pode se estender para diferentes focos de reflexão. Como pontua Le Breton (2006)

Nas sociedades comunitárias, o corpo não se diferencia da pessoa, torna-se, na verdade, ferramenta de união e manifestação do coletivo, mergulhando o homem no

²² Importante pontuar a crescente interlocução entre as instituições de ensino superior brasileiras e as moçambicanas na condução de pesquisas não restritas ao campo das Humanidades (Educação, Letras, História, Ciências Sociais e Artes), áreas como Engenharia Ambiental, Ciências da Vida e Saúde. Um dado de importante relevância considerando inclusive a possibilidade de intercambistas negros e negras com proposta e projetos de pesquisas interessadas em descortinar o campo das identidades e elos entre Brasil e Moçambique. Situação que é reflexo da ampliação do incentivo para pesquisa no ensino superior e na formação de quadro de cientistas brasileiros e africanos de ponta.

interior de determinado grupo e em sua simbologia própria. Aqui, as marcas e modificações corporais encontram um papel fundamental para o coletivo: além de instrumentos de intimidação ou sedução, o corpo modificado representa um ritual de afiliação, determina que o homem e sua identidade fazem parte exclusivamente daquele coletivo, insere a pessoa diretamente no centro da comunidade ou do clã, distingue-se apenas dos outros que não compõe seu grupo, sejam estes outros clãs ou até mesmos animais ou a natureza. [...] Essas marcas corporais preenchem funções diferentes em cada sociedade. Instrumentos de sedução, eles são ainda com maior frequência um modo ritual de afiliação ou de separação” (LE BRETON, 2002, p.59 e 60)

A questão estética negra configura um campo peculiar como bem ressalta o ativista brasileiro Abdias do Nascimento (2003), o intelectual negro reafirma esta posição quando institucionaliza nos anos de 1940 o Teatro Experimental do Negro²³ em consonância com as ideias de Aimé Cesaire (1939) e Léopold Sédar Senghor (1964) quanto ao papel da Negritude na construção da identidade negra em tempos de diáspora. Nascimento (2014) nos elucida que “o TEM promoveu iniciativas no sentido de enaltecer os padrões estéticos afro-brasileiros e de valorizar a figura da mulher negra”.

O signo do cabelo crespo perpassa muitas das facetas da discriminação e ao mesmo tempo é um símbolo da identidade negra e sua resistência aos processos opressores, como bem colocado por GOMES (2003). Em pesquisa etnográfica a autora chama a atenção para as memórias produzidas por práticas discriminatórias que afetam diretamente a subjetividade. Os traços da corporeidade negra foram historicamente deturpados por ideias padronizadas de embelezamento que possuem como referencial o corpo não negro²⁴ (enquanto portador hegemônico de beleza, impondo-se simbolicamente como única via)

A relação com o próprio corpo envolve questões de subjetividade, dentre as quais a questão da miscigenação (em especial aos indivíduos pigmentação da pele, traços físicos e texturas de cabelos) muito variada ao longo da história do país. Estudos sociológicos dos anos 1940-1950 apontaram denúncia de ativistas negros sobre o processo de branqueamento, possibilidade que muitos recorrem para serem aceitos e inseridos no meio social desejado, notadamente instituições educacionais e meio profissional formalizado. LOPES (2011) aponta que o embelezamento da mulher negra, historicamente, passa pelo branqueamento de traços, visando à mobilidade social, e estabelecendo “padrões de beleza apropriados para os negros”, manuais de conduta de civilidade, formas de superação dos vícios como álcool, fumo, incentivo ao trabalho honesto e hábitos civilizados.

²³ Segundo Nascimento (2014) “O Teatro Experimental do Negro ensejou a criação de uma dramaturgia que contemplasse o legado cultural e humano do africano no Brasil” (p. 157-158)

²⁴ Ideia reproduzida inclusive em espaços educacionais formais como apontam reiterados estudos, condicionando o corpo negro à aceitação e ao aval do olhar avaliador do “outro” em especial nos espaços públicos. Pautado muitas vezes pelo desconhecimento sobre o autocuidado e julgamento da aparência culmina em situações de alteração drástica dos próprios traços físicos, visando em último grau aceitação em espaços públicos e privados.

Cientes da inevitável necessidade de trazer a público a subjetividade que a discriminação à brasileira toma forma no contexto escolar, midiático, familiar, social busca-se no momento repensar a construção de uma identidade negra no sentido de valorizar técnicas ancestrais de cuidados com a pele e os cabelos crespos e reconhecer seu teor didático. Voltar o “olhar” atento sobre a diversidade presente nos mais diversos âmbitos sociais e perceber a relevância em trabalhar a autoestima da população negra brasileira através da educação estética e da conscientização no que se refere a arte capilar dos trançados e dos dreads, como ferramenta pedagógica de legitimação da cultura africana e da Diáspora Africana, reafirmando a visão positiva diante da diversidade étnico-racial. “O negro quando assume o seu cabelo de negro assume também o seu papel na sociedade como pessoa negra” (LODY, 2000, p.58).

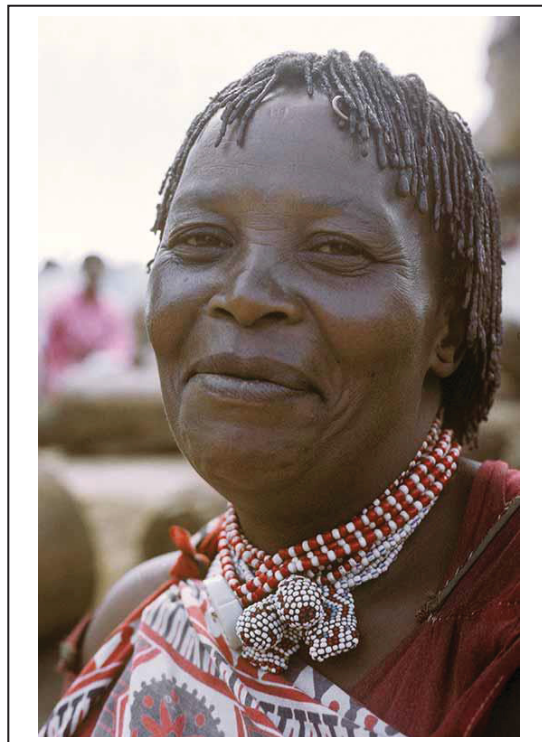
No sentido de aprimorar formas de produção de arquivo e memória afrocentrada a partir das experiências vivenciadas no espaço do salão de beleza étnico enquanto espaço de socialização de diferentes grupos etários, atenção será dada para as lacunas de pesquisas que abordem vivências de autorrealização (hooks, 2015) entre o grupo de mulheres negras, jovens e adultas. Será desenvolvida a tese que a busca por substituir práticas de embelezamento capilar com uso de produtos químicos (sob a ótica do processo de embranquecimento) por alternativas de cuidados que permitam reconhecer o legado vivo dos saberes das ancestrais dos penteados de origem africana são cotidianamente replicados no mundo diaspórico.

O crespo, enquanto signo, concentrou muitas das ações na busca por reconhecimento em contexto de diáspora negra, conceito este esmiuçado por Stuart Hall. Ao ‘mexer’ na cabeça, podemos ativar nossa “memória ancestral” e assim, repensar a si mesmo no mundo de forma diferenciada do qual o ocidente nos legou. Faz-se tão crucial rever a história da contribuição negra ao mundo e de aspectos da vida social a partir de nossas origens negro-africana que pode se dar por uma tomada de consciência através da ‘cabeça’. Essa consciência sobre a cabeça o ‘ori’ (termo na língua iorubá) não se trata apenas da cabeça física, mas também faz referência aquilo nos molda como pessoa e a possibilidade de me tornar “eu”. O Ori, enquanto, possibilidade de transmissão do conhecimento ancestral fruto da Diáspora Africana na experiência social brasileira, conforme o pesquisador Nei Lopes na “Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana” informa:

ORI - na tradição dos orixás, denominação da cabeça humana como sede do conhecimento e do espírito. Também, forma de consciência presente em toda a natureza, inclusive animais e plantas, guiada por uma força específica que é o orixá (LOPES, 2004, p. 498).

Para muitos povos da cultura africana, a cabeça possui peso ímpar. Por exemplo, em seus rituais, as mulheres mais velhas orientam as jovens sobre os segredos femininos, no processo de ensino-aprendizagem do rito de beleza que irá comunicar simbolicamente a mudança de status da mulher e orientar a entrada da mesma na vida adulta da comunidade. O processo educativo anda de mãos dadas com a simbologia cultural. Por intermédio da corporeidade o ser humano infere em seu meio suas experiências “transformando-o em tramas familiares e coerentes, disponíveis à ação e permeáveis à compreensão. Emissor e receptor, o corpo produz sentidos continuamente e assim insere o homem, de forma ativa, no interior de dado espaço social e cultural”. (LE BRETON, 2012, p. 5).

FIGURA 4 – Rito de Beleza Capilar – Penteado Tradicional Swazilândia, África Austral



FONTE: Shutterstock_9856548a

Podemos citar o exemplo as jovens do grupo étnico localizado na região de Swazilândia na África Austral que são preparadas para a entrada na vida adulta via ritualização. Nessas celebrações, seus cabelos são tratados com gordura animal e um tipo de argila, “siyendle” é o nome dado ao penteado e durante longa ritualização visa comunicar ao grupo a mudança de fase etária. Na Figura 4, temos a ilustração do penteado tradicional e que pode ser localizado em outras regiões e culturas africanas, dentre eles a Etiópia, passando pela Namíbia como os povos Himbas e a África do Sul. Como aponta a reflexão

das pesquisadoras Nicea Amauro & Neli Gomes da Rocha na publicação *Crespura: Beleza Negra sem Química*, em 2021.

o grupo étnico Himba, da Angola e Namíbia, onde as mulheres utilizam uma mistura chamada de otjize, feita com manteiga, ocre esfarelado e argila de tom avermelhado, para formarem dreads naturais, caracterizando o estado civil da mulher. Quando solteira, seus dreads são expostos na frente do rosto, e quando casadas, ganham um adorno de couro e são lançados para trás da cabeça (AMAURO & ROCHA, 2021, p. 35)

O uso ancestral de ocre está associado ao uso de gorduras animais formando um tipo de pasta que é aplicado nos fios capilares e dependendo do grupo cultural também na pele como forma de proteção dos raios solares. Segundo AMAURO & ROCHA, 2021

O cabelo foi um “guarda-sol” natural, desenvolvido por nosso corpo e aperfeiçoado pelos povos tradicionais africanos. As ondulações nos fios reduzem o espaço entre o cabelo e o couro cabeludo, dando pouca abertura para a penetração dos raios solares, fato que não ocorre com asiáticos e europeus, pois ficam menos expostos ao sol. (AMAURO & ROCHA, 2021, p. 10)

No interior do grupo étnico a formação da comunidade e suas distinções culturais são expressas via linguagem corporal, pelos seus cuidados com o cabelo e com a cabeça. Sua classe social (família tal, grupo tal), sua condição social (solteiro, casado, viúvo), sua função social (sacerdote, guerreiro, curandeira), assim como aponta GOMES (2006)

Os estudos sobre as esculturas africanas, ao mostrar a evolução histórica dos penteados, revelam-nos todo um percurso de mudança, recriação e extinção deles. Ao estudá-los juntamente com dados históricos, relatos dos viajantes e exploradores, mapas e desenhos, podemos recompor um pouco do contexto cultural e histórico de povos que viveram séculos passados e que nem sempre nos deixaram registro escrito. [...] Os diversos povos africanos reproduziam nos seus penteados formas encontradas no seu meio natural [...] Podemos observar que, embora apresentem transformações, os penteados complexos continuam sendo uma forte marca estética do negro na diáspora. (GOMES, 2006, p.344).

As experiências africanas marcadas na memória são extremamente ricas e complexas e não raro podem ser encontradas em comunidades urbanizadas ou rurais na realidade brasileira e consequentemente nos espaços formais de educação e de cultura. Para GOMES (2006) “trançar cabelos pode simbolizar uma homenagem de cunho religioso ou uma prática social de cunho estético em busca do embelezamento herdado por nossos ancestrais africanos” (GOMES 2006, p. 344).

Na conceituação de ‘memória viva’ de Hampaté Bâ (1982) o autor nos apresenta²⁵ a reflexão pouco realizada nos espaços acadêmicos e que merece maior atenção que é a tradição oral como “a grande escola da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos”. Destina assim um outro lócus para os saberes transmitidos pela oralidade entendida aqui como uma interação complexa que permite a continuidade do saber humano enquanto prática cotidiana. Na concepção do autor

os ofícios artesanais tradicionais são grandes vetores da tradição oral. Na sociedade tradicional africana, as atividades humanas possuíam frequentemente um carácter sagrado ou oculto, principalmente as atividades que consistiam em agir sobre a matéria e transformá-la, uma vez que tudo é considerado vivo (HAMPATÉ BÂ, 1982, p. 189)

A sacralidade que envolve a atividade manual é de longa data entre os povos africanos, da figura do ferreiro que domina as técnicas de manusear o ferro; os usos de unguentos para curar de feridas do corpo, sapiência que é própria da figura mítica do curandeiro; e, também, a função e o exercício das atividades de barbeiros e cabelereiros. Aqui, por sua vez, a interlocução central posta é com o profissional de dreads e a profissional trancista, que protagonizam valores de cuidado com os crespos, atuando como artífices capilares contemporâneos, transformando a ambiência do espaço doméstico em fonte de renda para si e para seu núcleo familiar imediato. Os consideramos como transmissores de saberes através da oralidade expressa na artesanaria. Nesse sentido completa o autor:

Toda função artesanal estava ligada a um conhecimento esotérico transmitido de geração a geração e que tinha sua origem em uma revelação inicial. *A obra do artesão era sagrada porque ‘imitava’ a obra de MAA Ngala e completava a sua criação.* [...] A atividade artesanal, em sua operação, deveria ‘repetir’ o mistério da criação. Portanto, ela ‘focalizava’ uma força oculta da qual não se podia aproximar sem respeitar as condições rituais. *Os artesãos tradicionais acompanham o trabalho com cantos rituais ou palavras rítmicas sacramentais, e seus próprios gestos são considerados uma linguagem.* De fato, os gestos de cada ofício reproduzem, no simbolismo que lhe é próprio, o mistério da criação primeira [...] (HAMPATÉ BÂ, 1982, p. 189) [grifos nossos]

Consideramos que o conhecimento prático configura uma modalidade de tecnologia social que é recebido de uma pessoa mais velha e retransmitida para uma pessoa de igual interesse (independentemente da idade). O ato de ensinar algo que se sabe também significa aprender mais, pois o conhecimento ao ser transmitido ficará mais aguçado e ambos são beneficiados em um movimento que se retroalimenta, permitindo assim a manutenção dos elementos culturais. Ideia presente e materializada no ato de elaboração

²⁵ Dentro da publicação da UNESCO, História Geral da África: I Metodologia e pré-história.

dos penteados afro, aqueles realizados em cabelos crespos. Adquirem faceta contemporânea sem, todavia, deixar de conter elementos de ancestralidade com forte teor de referência nas culturas de matrizes africanas e os cuidados ancestrais.

Nesse sentido, um conceito que cabe reflexão é a noção de Oratura²⁶ como um saber transmitido pela oralidade agregando a esta a dimensão performática. No caso, movimentos dos membros superiores (braço, antebraço, mãos, dedos) devem ser repetidos à exaustão até o domínio pleno e posterior execução adequada.

O termo Oratura, cunhado pelo linguista ugandês Pio Zirimu²⁷, nos anos 1960 é aqui acionado para refletirmos sobre a dimensão da experiência estética dos penteados e suas técnicas ancestrais. Em consonância, podemos refletir sobre o conceito de oralitura da pesquisadora Leda Maria Martins (2003), nas palavras da autora “sua performance indica a presença de um traço cultural estilístico, mnemônico, significante e constitutivo, inscrito na grafia do corpo em movimento e na velocidade” (MARTINS, 2001, p. 84)

Importa-nos compreender a movimentação das mãos e do corpo executado pela cabelereira ou cabelereiro na elaboração de um penteado elaborado no fio crespo de inspiração africana. Processo esse que irá replicar pela via da memorização do ato performático que lhe permitiu aprender, ou seja, apropriar-se e reapropriar-se dos movimentos das mãos na cabeça. Tal movimento conclui-se com a consagração que será dada quando este ciclo de movimentos cumprir em torno do ori (da cabeça), utilizando os fios crespos como matéria prima. Quanto mais elaborado, minucioso e detalhista o penteado maior será o tempo de dedicação com a pessoa que recebe o penteado escolhido. Para o intelectual moçambicano Théophile Obenga “Nada é novo! Conservamos na cabeça todos os passos e os caminhos da nossa ancestralidade” (OBENGA, 2013, p. 23).

Há um ritual de beleza em curso, com procedimentos sincronizados. E quanto mais repetida a sequência, maior a habilidade de quem executa a ação, no caso o penteado. A

²⁶ “Num sentido propositivo, pode definir-se a oratura como a arte de criar, recriar, transmitir e conservar oralmente composições poéticas, narrativas, dramáticas e outras configurações performativas. Devido à sua transmissão através de gerações, estas constituem um património oral que configura, e reforça, a identidade de uma comunidade” Gomes(2019), “Oratura”, *Dicionário Alice*. Consultado a 19.10.22, em https://alice.ces.uc.pt/dictionary/?id=23838&pag=23918&id_lingua=1&entry=24459. ISBN: 978-989-8847-08-9.

²⁷ Pio Zirimu, o linguista ugandense que fazia parte do quadro do Departamento de Inglês em Makerere, cunhou o termo oratura como uma alternativa para o oxímoro, mas também como contraponto para a pretensa inferioridade do oral nas artes literárias. A oratura era para a oralidade o que a literatura era para a escrita. Zirimu rejeitou a equação entre oralidade e analfabetismo, porque o segundo, vindo da oposição binária entre letrado e não letrado não viveu o suficiente para desenvolver o conceito de forma ampla; sua vida foi precocemente encurtada pela ditadura brutal de Idi Amin, cujos agentes o envenenaram na Nigéria durante o famoso Festac '77. Mas sua breve definição de oratura como o uso da fala como meio estético de expressão permanece sedutora, apontando para um sistema oral de estética que não precisava de validação pelo literário, a necessidade implícita de tal validação é um produto da colonização literária da oralidade. (NODARI, 2020, p. 525-526)

reflexão e a ação caminham de mãos dadas. O campo da linguagem corporal através da gestualidade configura parte fundamental da interação construída na ambiência do salão de beleza, uma vez que a linguagem corporal expressa silenciosamente condições da interação interpessoal. Na reflexão de TAVARES (1997)

Passa o corpo a falar e salvaguardar a memória do grupo por meio de modulações gestuais referidas às formas de vida e tempo e no espaço de origem. Passa o corpo a constituir o saber da comunidade e a perfazer-se como arquivo e como arma, fortalecendo uma sabedoria corporal. (TAVARES, 1997, p. 217)

Aos diferentes lugares onde os africanos da diáspora negra foram levados no globo podemos encontrar penteados nas mais variadas formas geométricas de tranças ou ainda formas cilíndricas dos dreads como aponta o estudo de Luane Bento Santos (2019)

as trançadeiras negras têm sido responsáveis por um resgate de valorização estética silencioso, na realidade seus trabalhos e todas suas políticas não são destacados ou devidamente referenciados. Contudo afirmamos que são nessas políticas da imagem, do pouco espaço de fala que brotam e permanecem saberes e conhecimentos que podem ser aproveitados em contextos escolares. (SANTOS, 2019, p.15)

Exemplos vivos de cuidado com a ‘cabeça’ através da tradição oral, experiências estéticas que os fazem coparticipantes dessa “memória ancestral” independentemente de sua consciência etnoracial. Os rituais de embelezamento capilar atribuíram à função da cabeleireira o papel de mediação entre o estágio de insatisfação com a própria aparência e o renovar das expectativas sobre si frente ao espelho. Ponto de extrema relevância para nosso campo de investigação por alterar a dinâmica de auto percepção.

O corpo comunica de modo singular e contribui para o conjunto avaliativo, respondendo com atitudes de acolhimento ou de repulsa. Nesse sentido, o corpo é ainda visto como espaço performático, como aponta a pesquisadora Judith Butler (2001) ao discutir a performatividade do gênero e sua atuação nas formas de subjetivação dos sujeitos como sempre dinâmica.

Outrossim, perceber a feição, de um dito feminino, de modo interseccional como aponta a pesquisadora Kimberle Crenshaw (1990), destinando ao feminino maior autonomia, autoconfiança e amor-próprio ao entendermos a categoria feminismo como forma de observação do meio social em constante dinâmica. Chimamanda Ngozi Adichie (2013), por sua vez, apresenta o conceito de “ecossistemas do feminino” ao se referir ao prisma de ações que podem ser identificadas como feminismo. Ações que ultrapassam o

espaço puramente acadêmico e se estende para as ações cotidianas de superação das assimetrias sociais. Vale pontuar, ADICHIE (2013) ao afirmar que “pegar toda a complexidade de uma pessoa e de seu contexto e reduzi-los a um só aspecto”, conduz-nos a perceber que a história de muitas mulheres não são ou não foram contadas com a complexidade que lhe cabe. O pensamento de Adichie advoga pela não legitimação da história única como viés exclusivo ou inclusivo de um grupo ou categoria.

3.1 Aspectos Metodológicos

A metodologia de base qualitativa lança mão de ferramentas que permitam a interpretação da complexidade social como é o caso da Etnografia e da Pesquisa-ação, enquanto caminhos metodológicos que visam amplificar a possibilidade de reconhecer vozes dissonantes e comportamentos convergentes. Um modo, portanto, de estabelecer pontes de aproximação com as narrativas dos públicos que frequentam os espaços de embelezamento e da proposta ideológica da gestão do espaço em priorizar cuidados que valorizem a estética capilar negro-africana, ou seja, agregar identidade negra à ancestralidade africana.

Os primeiros trabalhos etnográficos datam do século XIX e possuem forte adesão ao campo da Antropologia e da expansão colonial europeia (material e simbólica) sobre os continentes africanos e americanos. Eternizando assim grupos sociais dos mais diversos, estabelecendo comunicação com diferentes culturas não ocidentais e sustendo teorias e caminhos metodológicos. Nesse sentido, a descrição etnográfica pode ser identificada nas seguintes dimensões: 1. Interpretação do contexto social; 2. Tradução da realidade em um contexto específico e 3. Microsocial, por sua localização espacial definida.

O uso da etnografia remete ao ato de escrever, descrever a realidade social de forma densa e detalhada, transformando em palavras a realidade experienciada sobre um determinado contexto, sustentado a partir do vivido e transformado sistematicamente em categorias de análise a organização do social. Observação e registro são técnicas amplamente utilizadas em crescente diálogo com os avanços tecnológicos como o uso de gravador para o registro de som e câmeras para registro de imagem. Para quem conduz a pesquisa, a saída do espaço de socialização e a realização de atividades no campo de pesquisa acabam por afetar mutuamente os grupos envolvidos, tanto para quem realiza a pesquisa e também ao grupo que frequenta e interage com o meio ambiente observado.

O campo de pesquisa etnográfica já se mostra consolidado na investigação do social, com importantes avanços na condução do “olhar” ainda que o “filtro” dado pelo pesquisador

não deva ser deixado de lado, elencamos como marcos teóricos os estudos etnográficos elaborados pela escola de pensamento social referente ao interacionismo simbólico (PARK; BURGESS, 1921; BLUMER, 1937; THOMAS, 1927; MEAD, 1928), situados em geral em espaços de intensa urbanização e aprimorando técnicas e métodos em campo.

A crítica feita ao campo etnográfico (FOLEY; VALENZUELA, 1994)²⁸ é marcada por rupturas conceituais construídas por intelectuais decoloniais, africanos e latino-americanos decoloniais no século XXI, no sentido de não mais escrever “sobre” e sim escrever “com”. Segundo o pesquisador moçambicano Severino Ngoenha faz-se necessário a superação “tradicional paradigma etnológico” (NGOENHA, 2019, p. 55)

Uma importante ferramenta é a autoetnografia como alternativa de narrativa pela experiência estética, no sentido pontuado por Alfonso Bennetti (2017) “[...] a autoetnografia distingue da etnografia (sustentada pela observação em campo, seja ela de forma participativa ou não durante a pesquisa) pela inserção do observador como próprio objeto de investigação” (BENNETTI, 2017, p.152).

Do ponto de vista metodológico temos presente a perspectiva autoetnográfica sob a ótica das Escrevivências inspirada na pesquisadora e escritora Conceição Evaristo (1995) ao inferir ao campo da escrita de si a dimensão analítica, no sentido da auto inscrição da dimensão individual que todavia abarca espacialidades coletivas, nas palavras da autora:

Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere “as normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada. (EVARISTO, 1995, p.13)

A escrita abarca e é marcada pela trajetória de quem a produz, assumindo para si a autonomia de expressar as escrevivências de maneira singular ainda que destoe das normativas, por isso a escrita insubordinada como bem pontua Evaristo. As escrevivências enquanto proposta metodológica prima pela criação dessa forma de escrita autoral, sustentada pelo recriar o vivido a exemplo da obra “Becos da Memória” (2006). A autora ressalta que “as histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas”. A escrita do viver é visceral e ardente, transbordante em experiências de muitas vidas e ultrapassa a vivência do próprio sujeito envolvendo para tanto as interações com o grupo social. A

²⁸ FOLEY, D.; VALENZUELA, A. Critical ethnography. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y.S. Handbook of Qualitative Research. 3 ed. Thousand Oaks: Sage, 1994.)

exemplo das memórias enraizadas do toque das mãos nos crespos que por vezes remetem a à sensação de dor do puxar e repuxar dos fios; outras ressalta o toque de afeto da trama feita por muitas mãos.

O ato de escrever também envolve a recepção de quem absorve as escrevivências e nelas se vê refletido, estreitando elos de identidade e de pertença. Se por um lado, a escrita de si é individual; por outro lado pode abarcar elos coletivos ao acionar lembranças e vivências intragrupais e , podemos pensar na gestualidade por exemplo.

Outro importante pilar metodológico é a pesquisa-ação conduzida na dinâmica daquela ambiência, espacialmente delimitada, do salão de beleza. Lugar onde se promove convivências múltiplas entre os mais diversos perfis sociais, se aguça o olhar para a linguagem não verbal e também para os silêncios. A técnica da escuta atenta e a descrição densa nos apresentam os constantes e intensas narrativas em tom de “desabafo” apontados por diferentes perfis sociais a partir de suas experiências cotidianas nos espaços públicos de socialização como as instituições educacionais, profissionais ou mesmo na ambiência doméstica. Nesse sentido, para Mercer (2000), a experimentação com os cabelos crespos fornece uma gama de “soluções estéticas” em resposta às representações depreciativas atribuídas ao traço negro, em especial os cabelos crespos em sua diversidade de texturas, enquanto capacidade de construir alternativas estilisticamente valorizadas e carregadas de significados simbólicos e sociais, mas também políticos (MERCER, 2000, p. 115).

Em nossa investigação a entrada no contexto do salão de beleza insere não apenas o corpo físico e o modo de pensar da pesquisadora, mas também a dimensão simbólica fruto da trajetória percorrida, complexificando ainda mais o ambiente estudado. Em termos metodológicos a experiência estética capilar com os crespos tem sido registrada por meio de fotografias/vídeos e configura parte estrutural da pesquisa. Esta metodologia permite acompanhar as mudanças na aparência e destinar maior visibilidade ao signo capilar crespo em diferentes experiências estéticas, na forma de penteados inspirados nas culturas africanas e afro-brasileiras.

3.2 “Socializar e embelezar, tudo em um só espaço” ou “o salão que eu vi de dentro”

Múltiplo, diverso, inclusivo e contraditório. Muitos adjetivos para identificar um espaço que se propõe trazer a beleza negra ocultada e enaltecer a estima ou reativar o brilho dos olhos refletidos no espelho. A etnografia realizada por GOMES (2016) já configura um estudo clássico e nos aponta que,

No universo dos salões de beleza, os espaços onde se realizou essa pesquisa são chamados de salões étnicos. Essa classificação é usada para destacar a especificidade racial da clientela prioritariamente atendida por esses estabelecimentos, a saber, negros e mestiços. Ela também é atribuída devido ao pertencimento étnico-racial do proprietário ou proprietária, à especificidade do serviço oferecido, a saber, o trato do cabelo crespo e à existência de um projeto de valorização da beleza negra” (GOMES, 2016, p.45)

A espacialidade do salão de beleza abarca muito além do interesse “mudar a aparência capilar”, versa sobre a ampliação do trabalho feminino e negro, a criatividade em gerar renda visando sustentar o núcleo familiar imediato e situa o protagonismo da mulher em superar desigualdades. Isto é, ela busca alternativas de subsistência para si e para os seus para além das relações consanguíneas. Neste sentido, “os salões demarcam com maior clareza um projeto em prol da afirmação da identidade e da beleza do negro quanto aqueles que o fazem de maneira mais fluida se autodenominam étnico ou afro-étnicos” (GOMES, 2016, p. 34)

Podemos refletir sobre a realidade observada em uma década de convivência no salão “Deby Tranças”²⁹ com sua ambiência construída inicialmente no espaço doméstico mas ao longo do tempo amplia sua abrangência e adquire o status de espaço profissional quando estabelece a separação público-privado. Nessa nova fase, amplia também a equipe e passa a contar com o auxílio constante de outras mulheres formando um grupo de profissionais especializadas na comercialização de variados produtos: maquiagem, adereços para cabelos, corte dos fios e informativos de cuidados com a beleza. O espaço de embelezamento tem uma clientela prioritariamente feminina e negra de diferentes classes sociais e com o desejo de experimentar as técnicas de trançados elaborados pelas profissionais, sempre conduzido pela supervisão da gestora do espaço. Podemos aqui refletir que a mudança e separação entre público e privado atribui status de profissionalização, considerando que outrora, os cuidados com os cabelos estavam circunscritos ao espaço privado.

Assumidos, em geral, pela figura feminina, dentro das responsabilidades de cuidar do “espaço-tempo doméstico” e manter a prole devidamente “alinhada”, situação que exige tempo-espaço que a vida moderna tende a ocupar com outras demandas. Ressaltadas,

²⁹ Localizado na cidade de Curitiba, Débora Pereira de 39 anos é a proprietária e gestora do salão há 17 anos, embora utilize seus saberes como fonte de renda desde os 16 anos. Possui clientela assídua de grupo prioritariamente feminino, negro, diferentes faixas etárias. O seu salão é percebido também como espaço de ativismo político no campo da valorização da beleza negra e do legado vivo das tranças e penteados de origem negro-africana. Nos últimos anos as ferramentas tecnológicas atuam como interlocutores entre a profissional e sua clientela através das redes sociais virtuais e comunidades em rede. A equipe envolvida no cotidiano do salão é flutuante, jovens e para muitas configura a primeira experiência profissional, aprendendo técnicas que irão aguçar o interesse em aprender maior variedade de penteados. A profissional organiza eventos de forma periódica com importante entrada em espaços educacionais e formativos, a exemplo do evento AFROCHIC.

cabe dizer, pela crescente demanda da “boa aparência”, com isso, aquela atividade concentrada aos ambientes familiares, passa ao âmbito público e torna-se um serviço prestado e uma profissão. Recorremos a reflexão do pesquisador indiano Arjun Appadurai ao ponderar sobre as linguagem e instrumentos do mercado da beleza, “esses circuitos subterrâneos e genuínos – que servem às necessidades de povos menos afluentes ou marginalizados – pegam carona em sistemas de intercâmbio que decorreram do processo de globalização [...] Appadurai (2004, p. 56)

Os penteados na forma de geométricas tranças configuram um legado vivo de memórias negro-africanas que são resignificadas nos espaços dos salões de beleza étnicos, reconectando elos entre Brasil e África, todavia com uma dimensão contemporânea que revigora a noção de tradição e evita que o conhecimento seja esquecido.

No caso do uso de ‘dreads’ ao estilo moçambicano significa de forma pragmática, alterar a própria aparência capilar por longos períodos com objetivo de “cultivar” o cabelo carapinha na forma de penteado ancestral dreads³⁰ (ASSEFA, 2021) e experimentar a própria textura capilar crespa em sua diversidade na forma cilíndrica e a técnica utilizada em muito se aproxima de penteados tradicionais nas regiões da Etiópia, Namíbia, Suazilândia, África do Sul. A memória viva dos penteados inspirados na matriz africana oxigena a relação com o próprio corpo da pessoa negra, permitindo a construção de novas bases identitárias já não mais restritas ao universo estético embebido da representação eurocentrada de beleza e autocuidado.

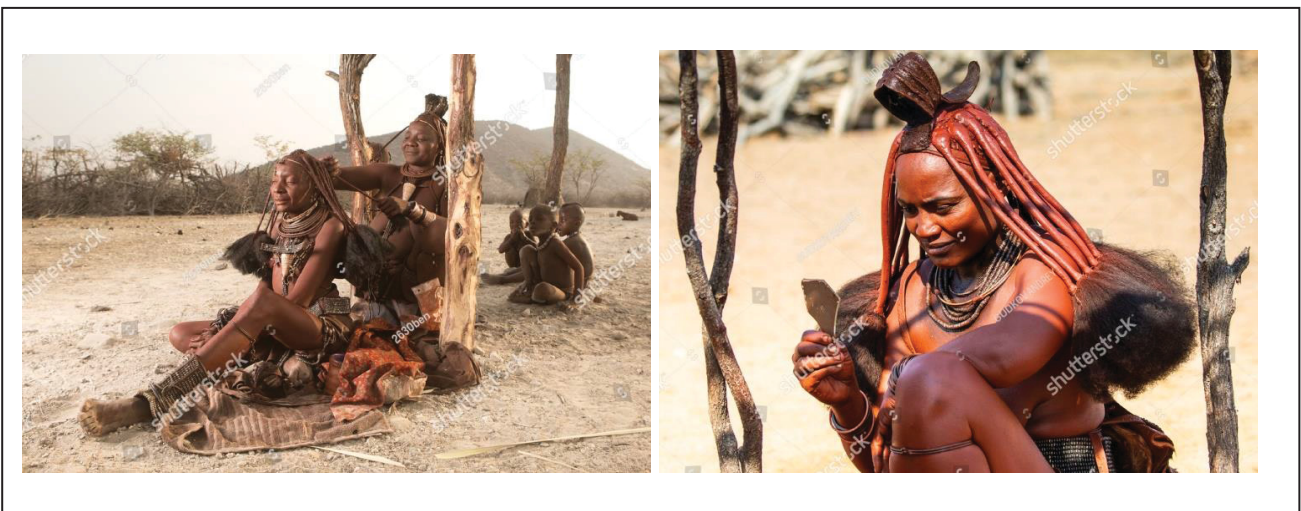
³⁰ Abel Assefa, ed. *A cera e o ouro do penteado na Etiópia*. Frankfurt am Main: Frobenius Institute, 2021.

Figura 5 e 6 - Mulheres Hamer região Etiópia, Penteados contêm Argila, Ocre ³¹, Gordura



Fonte: Dimeka, Ethiopia - March 12 2012: Unidentified Hamer woman takes part at village festival in Dimeka, Omo Valley, Ethiopia. Hamer women are famous for their hairstyles made of clay, fat and ochre³²

Figura 7 e 8 - Mulher Himba região Namíbia, penteado tradicional, usam os cabelos com mistura (ocre e manteiga de base animal)³³



FONTE: Epupa, Namibia - Circa August³⁴

³¹ Dimeka, Ethiopia - March 12 2012: Unidentified Hamer Woman Takes Part At Village Festival In Dimeka, Omo Valley, Ethiopia. Hamer Women Are Famous For Their Hairstyles Made Of Clay, Fat And Ochre.

Fonte: <https://www.shutterstock.com/pt/search/similar/1763757038>

³² Disponível em: <<https://www.shutterstock.com/pt/search/similar/1763757038>> . Acesso em: 01.10.2023

³³ EPUPA, NAMIBIA - CIRCA AUGUST 2016 - A Himba woman has her traditional hair replaced. Himba women cover their hair in a mixture of ochre and butterfat . Fonte: Acesso em 10.10.2023

³⁴ Disponível em: <<https://www.shutterstock.com/pt/image-photo/himba-tribes-namibia-africa-08-august-2007826988> /> . Acesso em 10.10.2023

O rito de beleza passa pela experiência sensorial e conduz formas de transmissão de conhecimentos em espaços não formais de aprendizado, destinando outro sentido ao processo de ensino-aprendizagem que toma como eixo norteador a oralidade e a experimentação via interação e troca de saberes.

Embora a socialização produzida nos espaços de embelezamento possa inicialmente ter cunho determinado e pragmático, sustentado pela promessa de mudança na aparência há também importante espaço para fortalecimento de vínculos e laços intergrupais com forte teor simbólico. Nas palavras de Gomes (2016) “os salões étnicos são, portanto, espaços privilegiados para pensar várias questões que envolvem a vida dos negros, dos mestiços e dos brancos” (GOMES, 2016, p.47)

Todavia, nem tudo são flores, não podemos perder de vista as imposições de tantos padrões sobre a corporeidade, a distinção social imbuída sobre o tipo de produto ou serviço que se almeja, nos valores cobrados pelos serviços prestados ou mesmo as possíveis frustrações quando o desejo não foi efetivamente concretizado pelo motivo que for. E vale lembrar ainda da carga de responsabilidade atribuída à gestão do espaço que precisa buscar constantemente o equilíbrio entre as inúmeras variáveis aqui elencadas. Dentre essas variáveis estão a organização do espaço, equipe de trabalho, equilíbrio das finanças e rede de contatos para ampliação da clientela.

No que se refere ao perfil do público, como já sinalizado acima, o salão de beleza étnico se coloca como um lugar de protagonismo feminino, seja na posição de gestora ou de cliente, embora os vínculos não estejam restritos ao sentido monetário. O papel da trancista, do profissional cabeleireiro³⁵ ou hair style se constrói no dia a dia no ato de manusear os fios crespos, através do reconhecimento pela comunidade como especialista de determinada técnica.

Orientar diferentes perfis sobre os cuidados adequados de quem por vezes já percorreu caminhos tortuosos é parte do trabalho da gestora e acontece no cenário do salão de beleza étnico pela sua característica de espaço bem definida entre os “de dentro” que são os profissionais envolvidos na gestão e operacionalização do espaço e os “de fora” que são as pessoas que buscam os serviços oferecidos no espaço de embelezamento, todavia que possuam a condicionante de conhecer técnicas de cuidados dos cabelos crespos.

Neste sentido Gomes (2002) sustenta que

Os salões étnicos apresentam, no seu interior e na sua constituição, todas as tensões e ambiguidades que envolvem a construção da identidade negra no Brasil. Porém, não é só isso. Eles se destacam como espaços de resistência. Revelam-se

³⁵ Regulamentação das profissões de cabeleireiro, barbeiro, esteticista, manicure, pedicure, depilador e maquiador (Lei [12.592/12/BRASIL](#)) Disponível em Agência Senado Brasil. Acesso em: 12.10.2023.

como algo muito além de microempresas ou lugares de “embranquecimento”, como julgam algumas pessoas. Eles são espaços da comunidade negra. As pessoas que por ali circulam e as que ali trabalham enfrentam, cotidianamente, o desafio de “lidar” com as questões concernentes à construção da identidade negra. Nesses espaços, a identidade negra, enquanto processo, é problematizada, discutida, afirmada, negada, encoberta, rejeitada, aceita, ressignificada e recriada. Tudo isso acontece ao mesmo tempo e, nesse sentido, os salões étnicos nos colocam no cerne das tensões e também das possibilidades de recriação vivida por homens, mulheres, crianças, adolescentes, jovens e adultos negros (GOMES, 2003, p.179).

Outro autor que refletiu sobre a ambiência dos salões de beleza étnicos em sua condição de mediador é Santos (2000). Em suas palavras, “as imagens de uma beleza negra produzidas nos salões se inscrevem em um caleidoscópio no qual se articulam elementos diversos. Aparentam ser homogêneas, visto que são reproduções de um ideal de beleza que se contrapõe ao ocidental”. Santos (2000) aponta que os salões de beleza étnicos configuram

espaços que podem ao mesmo tempo ser considerados públicos, uma vez que são um empreendimento mercantil, constituem uma empresa e praticam algum tipo de publicidade, e locais alternativos para a construção de um outro padrão de beleza, já que os discursos e imagens ali contidos são reproduzidos na direção de uma reafirmação substancialmente étnica. Os salões de beleza, portanto, permitem a produção de imagens adscritícias, por produzirem signos voltados à criação de uma estética “alternativa” e por expressarem intertextualidade em relação às imagens dominantes na estética ocidental.

Reforçamos para tanto o significativo papel estratégico de intermediação do profissional da beleza negra ao atuar junto ao indivíduo de forma pragmática em momentos que a instituição educacional não cumpriu o seu objetivo de instruir e incluir grupos de estudantes e profissionais da educação na efetiva ação geradora de pertencimento ao espaço formativo.

No que diz respeito ao trabalho etnográfico esta delimitado em dois contextos: 1. inicialmente no Salão Deby Tranças, localizado na cidade de Curitiba/PR, sul do Brasil desde o ano de 2014 e 2. posteriormente no Salão Alice, localizado na cidade de Maputo/Moçambique, sul da África, cuja atividade teve início no ano de 2016 e posteriormente em 2017.

O trabalho de campo realizado dentro do salão de beleza gerou muitas perguntas: Qual a origem desses penteados? Qual o perfil social de quem os utiliza no Brasil e em Moçambique? Qual a simbologia agregada ao uso das tranças e de dreads, um signo capilar que interage de forma silenciosa com o meio social tanto em contexto moçambicano, quanto na realidade do Brasil.

A pesquisa nos espaços dos salões abarcou temporalidades diferentes, todavia, ambos com foco na experiência estética com os dois penteados, tranças e dreads. De pronto, na realidade brasileira a relação iniciada como cliente desde 2008 para elaboração

de trançados e posterior marco da realização em 2015 do corte Big Chop – BC (retirada dos fios quimicamente tratados).

No contexto moçambicano, as dreads através da vivência em período determinado e distribuído entre 2016 e 2017. O vínculo se estendeu para amizade e ativismo estético negro, no caso brasileiro, e por vínculo de amizade e projeto político pan-africanista³⁶, no caso moçambicano.

Ambos os espaços são localizados em espaços urbanizados, mais especificamente em região central com intenso fluxo de pessoas e vias de deslocamento de veículos e com aproximações e similaridades no sentido da ocupação urbana em sociedades capitalistas ocidentais, fruto da colonização portuguesa. No caso brasileiro, o espaço é gestado integralmente por uma mulher negra e no caso moçambicano, o espaço é gestado pelo núcleo familiar composto por mulheres e homens moçambicanos, todavia o foco de atuação etnográfica foi conduzido no setor do salão destinado para a realização do penteado denominado dreads e integralmente elaborados por um homem moçambicano.

Ambos os profissionais de beleza negra, brasileira e moçambicano, pontuam a prioridade de atuação profissional voltado para o manejo com os cabelos crespos, no caso brasileiro e carapinha, no caso moçambicano. E este é um ponto convergente entre os espaços de embelezamento, a perspectiva técnica evidencia a prioridade em expressar sua atuação utilizando as mãos e as técnicas de manejo com os fios crespos com baixa ou pouca adesão aos produtos do mercado da beleza convencionais. Ou seja, focam no público negro que visam a alteração drástica do formato do fio crespos quimicamente modificados. Há prioridade em atuar na elaboração de penteados com salutar inspiração afrocentrada como é o caso das geometrias tranças e os cilíndricos dreads.

4 AUTOETNOGRAFIA E A TRAJETÓRIA CAPILAR, MÉTODO E RESULTADOS

Outra peculiaridade desta investigação foi inserir a intencional mudança na aparência capilar da pesquisadora como alternativa encontrada para tecer memórias capilares de forma visível do ponto de vista metodológico. A experimentação capilar de técnicas voltadas para os cuidados com os cabelos crespos teve a intencionalidade de

³⁶ A construção teórica Pan-africana possui várias representações encontrada nos escritos de Kwame Nkrumah, Julius Nyerere, Ahmed Sékou Touré e Léopold Sédar Senghor. Segundo Edebe (1970) “O Pan-africanismo pode ser descrito como um fenômeno político-cultural que, nos seus primeiros estágios, considerava a África, os africanos e as pessoas de origem africana como uma unidade. Tem consistentemente visado à regeneração e elevação da África e a promoção de um sentimento de unidade (grifo nosso) entre os africanos em geral. Também se orgulha do passado africano e infunde altivez na cultura africana. (ESEDEBE, 1970, p. 127)

embarcar em vários planos. Nesta trajetória capilar o registro da experiência utilizou como fonte fotografias obtidas ao longo do período, desde 2014 até 2023.

A fotografia é utilizada como ferramenta metodológica quanto narrativa visual de fundamental importância para o entendimento da tese. Aqui apresentada através da expressividade de linguagem capilar, comunicadora de ideias e um elemento visível que impulsiona a ação do “outro” a partir do olhar e da gestualidade no gradiente entre “aceitação” e “recusa” da aparência capilar crespa durante a pesquisa de campo. Ou seja, nos propomos a registrar a trajetória do fio crespo em seu percurso e a simbologia a ele associada nos permitindo perceber a Semiótica Capilar Crespa percorrendo diferentes estágios: i) o corte dos fios quimicamente tratados; ii) o uso de produtos de base vegetal com plantas que historicamente, no continente africano, são utilizados para o cuidado dos fios e da pele; iii) a realização do penteado dreads à moda moçambicana; iv) o acompanhamento do crescimento dos fios na forma de dreads; v) o corte dos fios em formato cilíndrico denominados dreads, inspirados em penteados ancestrais de matriz africana, por fim, vi) a raspagem do couro cabeludo com navalha.

Nossa intencionalidade é tornar o fio crespo registrado em fotografias como elemento metodológico de investigação, atuando como mediador e condutor das interações realizadas de modo presencial em espaços de embelezamento, no Salão Deby Tranças na cidade de Curitiba/PR em perspectiva com o Salão Alice na cidade de Maputo/Mz. Acrescido da interação indireta, e online, como forma de adaptação ao momento vivido globalmente com o advindo da pandemia do COVID-19.

Figura 9 - Autorretrato, Crespo quimicamente tratado para definição dos cachos por uso da linha de produtos do Instituto Beleza Natural, 2014



FONTE: ACERVO PESSOAL DA AUTORA (2014)

O registro fotográfico realizado em 2014 tem a intencionalidade de delimitar a textura dos fios crespos quimicamente tratados com o uso de produtos da empresa Instituto Beleza Natural. A opção pelo autorretrato surge para ilustrar possibilidades de alteração no formato do fio crespo lançando mão da tecnologia e de produtos industrializados voltados para hidratação e maior definição dos cachos.

Após uma década de uso do fio crespo em sua textura natural a alteração veio por sugestão de Débora Pereira informando sobre o Instituto Beleza Natural³⁷. A motivação inicial para fazer o processo foi a busca de praticidade diante da agenda de atividades como professora, estudante de mestrado e a maternidade, assim como a curiosidade em experimentar tratamentos que definissem os cachos e reduzissem o volume especialmente pelo fator encolhimento³⁸ existente com a textura crespa.

A primeira experimentação aconteceu de forma muito satisfatória. E em curto prazo veio a motivação em organizar “Caravanas de Belezetes” por ser a forma mais econômica

³⁷ Projeto Caravanas Instituto Beleza Natural. Através dele, cacheadas formaram grupos para e ir até um dos Institutos em busca de “autoestima e cachos perfeitos”. Se você deseja levar grupos aos Institutos Beleza Natural para cuidar dos fios e receber um atendimento diferenciado com descontos especiais, a Caravana é a sua melhor opção. <https://www.bezezanatural.com.br/> Acesso em março/2023.

³⁸ Redução no comprimento dos fios crespos a medida que perdem a umidade.

encontrada para manter aquele padrão da estética capilar. A adesão durou cerca de três anos – entre 2012 e 2014 – com a intencionalidade de tornar os fios crespos naturais em fios cacheados com a utilização de procedimentos químicos com retoques na raiz periódicos de 90 dias, realizados através do deslocamento da cidade de Curitiba/PR até a cidade do Rio de Janeiro/RJ e São Paulo/SP.

A sede pioneira localizada na cidade do Rio de Janeiro/RJ é gestada por equipe de mulheres negras incluindo a sua idealizadora. Heloisa Helena de Assis, mais conhecida como Zica, em parceria com sua rede de relações deram início ao projeto que gerou o Instituto Beleza Natural. O empreendimento se propõe a ‘vender autoestima’ e transformar os fios de cabelo crespo (tornando algumas texturas de fios crespos) em texturas cacheadas a partir de técnicas de manipulação química e do uso contínuo de produtos capilares de fabricação própria e exclusiva. Desafiando o histórico de frustrações em nome da autoestima duradoura de suas frequentadoras com perfil predominante feminino, trabalhadoras, de diferentes faixas etárias.

Com o slogan “em tempos de chapinha, quem tem cachos é rainha”, as criadoras da marca conquistaram vasta clientela, majoritariamente feminina e negra pelo Brasil e EUA. A estrutura física dos salões é voltada a para valorização dos cabelos cacheados com fotografia enormes distribuídas nos espaços devidamente setorizados expondo as “belezetes” de sorrisos largos e frases de efeito demonstrando que o tratamento vale a pena. Internamente cada espaço tipo “colmeia”, setorizado e racionalizado em salas voltadas para: i) avaliação do fio; ii) desembaraçar - separar em mechas; iii) receber o produto químico de produção própria; iv) receber a hidratação; v) secagem com uso de valor quente; vi) aquisição de produtos para manutenção. O foco é transformar fios ‘crespos’ em ‘cacheados’ de maneira homogênea, atuando como uma linha de produção capilar.

O desafio de organizar as caravanas e reduzir os custos com os cuidados destinados aos cabelos crespos reverberou na identidade de “belezete” por ser uma “vitrine” viva da empresa na posição de cliente. As Caravanas Beleza Natural de Curitiba envolveram grupos entre 18 e 40 mulheres negras e crespas (acompanhadas de dependentes quando necessário) a cada três meses, estimulada pela comunicação online (e-mail e rede social facebook) e a formação de rede de pessoas interessadas chegando ao montante de 400 contatos, com esses grupos de mulheres se dirigiam de Curitiba/PR para o Rio de Janeiro/RJ. O perfil predominante de mulheres negras e as mais diversas texturas de crespos.

Realizamos viagens de ônibus (Curitiba-Rio de Janeiro / Curitiba- São Paulo) e de avião (Curitiba-Rio de Janeiro). A cada visita aos salões a expectativa de receber

atendimento exclusivo e obter o resultado esperado “balançar” os cachos e encher as sacolas de produtos com descontos especiais a cada 90 dias. Nem o cansaço físico, nem o stress da travessia ou a pressão do ambiente familiar eram suficientes para interromper a “aventura capilar”.

Figura 10 - Registro Caravana Instituto Beleza Natural - Crespo quimicamente tratado para definição dos cachos por uso da linha Beleza Natural, 2012



FONTE: Acervo pessoal da autora (2012)

A experiência enriquecedora para além dos cachos em si. O agrupamento de mulheres negras com trajetórias distintas e com o desejo comum em ter alternativas de cuidados com os crespos para além do uso de processos de alisamentos químicos ou uso do calor proporcionou encontros de muito aprendizado. Diferenças regionais, religiosas, culturais, profissional ou mesmo de classe social foram agregadas pelo objetivo maior de autoestima.

Em se tratando de escrevivências vale expor que a fase de intensa busca por reconhecimento de beleza e amor próprio e a satisfação com os crespos possui importante peso. Já não há lágrimas no ato de pentear os fios. Pela primeira vez em três décadas foi possível, para mim, tomar banho de mar sem sentir vergonha dos fios crespos e seu volume imenso. Novo também foi experimentar receber elogios de pessoas desconhecidas pela beleza dos cachos soltos ao vento. Reconhecer a própria beleza sem a necessidade de recorrer aos alisamentos também é algo novo. Veio também a pausa nas longas horas

destinadas ao trançado dos próprios cabelos substituída por alguns minutos de higienização e hidratação na nova rotina de cuidado capilar.

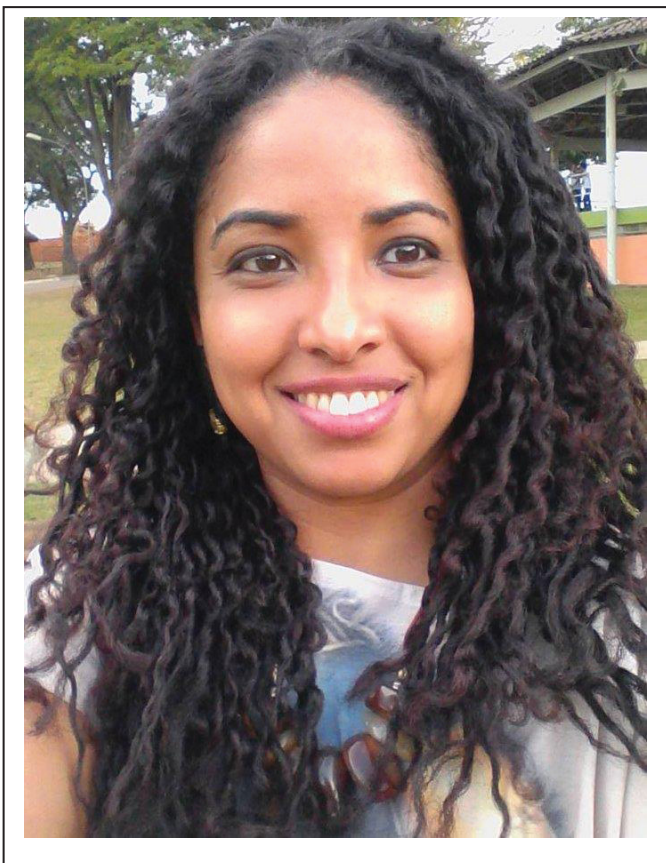
A mudança instaura novos hábitos e cuidados expondo limites e avanços. Acordar com a tranquilidade de que o tempo para “ficar pronta” já não é um problema. Todavia, após a fase de encantamento pelo modelo cacheado veio a decisão pessoal de retomar a textura crespa natural sem o uso de procedimentos químicos encerrando o ciclo de adesão aos produtos com o corte dos fios por inteiro.

A experiência com as caravanas reacendeu o olhar para a importância que devemos destinar ao autocuidado. Para as mulheres negras olhar para o próprio reflexo no espelho configura um gesto desafiador, em especial para aquelas com tom de pele mais escura e textura capilar encarapinhada. Há uma pressão social imensa que ainda vigora por aproximação com referenciais ocidentais de beleza que se colocam de forma assimétrica ao refletido no espelho da mulher negra.

Bem sabemos que a textura encrespada dos fios é historicamente associada à ausência de beleza e de higiene e apenas muito recentemente essa lógica tem sido alterada, situação fruto das ações de movimentações sociais negras e políticas públicas de impacto direto na educação e na representação social dos meios de comunicação.

Obviamente não podemos esquecer do universo masculino que possui desafios em igual proporção, todavia historicamente sanados de maneira drástica com o corte dos fios. A raspagem é um outro procedimento que, se nota, impende o reconhecimento da própria textura capilar, ação que tem impacto imenso desde a mais tenra idade na construção de sua subjetividade. Navalhas, tesouras, máquinas de corte, lâminas afiadas atuam constantemente no fio no suposto movimento de “matar” o mal pela raiz. Ledo engano, pois as raízes voltam a crescer e a encrespar sem pedir licença. É a marca de nossa ancestralidade resiliente informando sobre nosso elo com a matriz africana.

Figura 11 - Autorretrato, Crespo quimicamente tratado associado ao uso de tranças elaboradas no Salão Deby Tranças, na cidade de Curitiba em 2014



Fonte: acervo de pesquisa da autora (2014)

Em fase de transição capilar no uso de produtos químicos para a retomada de penteados afro na forma de trançados. A experiência estética dessa fase prima por compreender as técnicas de cuidados com os crespos sem o uso de produtos químicos industrializados, sejam eles voltados para alisamentos ou para cachear os fios crespos. Ou seja, a raiz já aponta para a textura naturalmente crespa e a extensão do fio com ondulações forçadas pela química recebida nos últimos anos. Essa fase de transição capilar é momento de tensão para as mulheres negras que desejam restaurar a textura original do fio crespo mas acabam recebendo importante pressão social nos ambientes de socialização, seja no ambiente privado e familiar ou nos ambientes públicos com trabalho, estudo, atividades religiosas ou esportivas. Algumas mulheres optam pelo corte gradual, outras pela retirada completa da fibra capilar quimicamente tratada, como foi meu caso. Tanto que houve uma fase preparatória entre a decisão pelo corte e o ato em si de ao menos doze meses.

O autorretrato mostra os cabelos com a texturização após a retirada das tranças, um penteado muito apreciado e elogiado embora tenha pouca duração por ser afetado pela umidade muito rápida. Momento de autoestima pessoal elevada pela aproximação com a beleza dos penteados egípcios como da rainha Cleópatra ou dos turbantes da rainha

Nefertiti na cultura africana de Kemet. Embora ainda se mantenha a decisão pelo corte para a retirada dos processos químicos ainda presente nos fios.

A retomada do hábito de trançar os cabelos reativou também o interesse em estudar cuidados sem uso de procedimentos químicos. A convivência no salão Deby tranças estimulou a participação em eventos de valorização da beleza negra, com objetivo de estabelecer contato com outras rotas de cuidados com os crespos. Um marco nessa fase foi a participação no “Trançando Arte Brasil”³⁹, realizado na cidade de Jundiaí, no interior de São Paulo e gerido por organizações de pessoas negras como Vanderlei Victorino.

Em 2014, após longa viagem – Curitiba/PR até Jundiaí/SP - acompanhada de Débora Pereira e a inscrição do salão Deby Tranças, a oportunidade de imersão no evento “Trançando Arte Brasil” visando estreitar laços com empresas e organizações de profissionais da beleza negra.

Surpreendente a dimensão e envergadura, com ampla participação da sociedade civil de forma gratuita. A infraestrutura com palcos para atividades culturais das mais variadas, música, literatura e exposições de penteados foram surgindo durante as mais de doze horas de evento. A presença de stands com expositores de marcas voltadas para a beleza negra de várias regiões do Brasil, moda e utensílios dos mais variados formatos em sua maioria inspirados nas culturas africanas e geridos por empreendedores negros/negras.

Além dos shows com artistas de renome nacional como a cantora baiana Margareth Meneses e encerramento com desfile de penteados esculturais expondo o talento de profissionais de salões de beleza étnicos de Jundiaí e região de São Paulo. Um divisor de águas para mim. Impactante e inspirador participar de um evento com predominante presença de público negro, um intenso fluxo ao longo de todo o dia. Muitas formas de expressões culturais negras em interação ocupando diferentes espaços, seja na comercialização ou no ato de consumir produtos pensados e inspirados na cosmovisão africana e nas belezas negras, no plural.

Após o evento, a nossa motivação já não estava restrita aos espaços delimitados das salas de aula para as oficinas para grupos pequenos de até 50 pessoas. Voltamos para Curitiba mobilizadas para a organização e gestão de eventos que envolvessem a comunidade negra de Curitiba e estimulasse o empreendedorismo de mulheres. Merecem destaque o evento AfroChic (2015) edições março e maio - com a gestão de Débora Pereira

³⁹ Disponível em <https://jundiai.sp.gov.br/noticias/2014/06/03/pela-2a-vez-prefeitura-realiza-o-trancando-arte-brasil/> Acesso: 12.10.2023

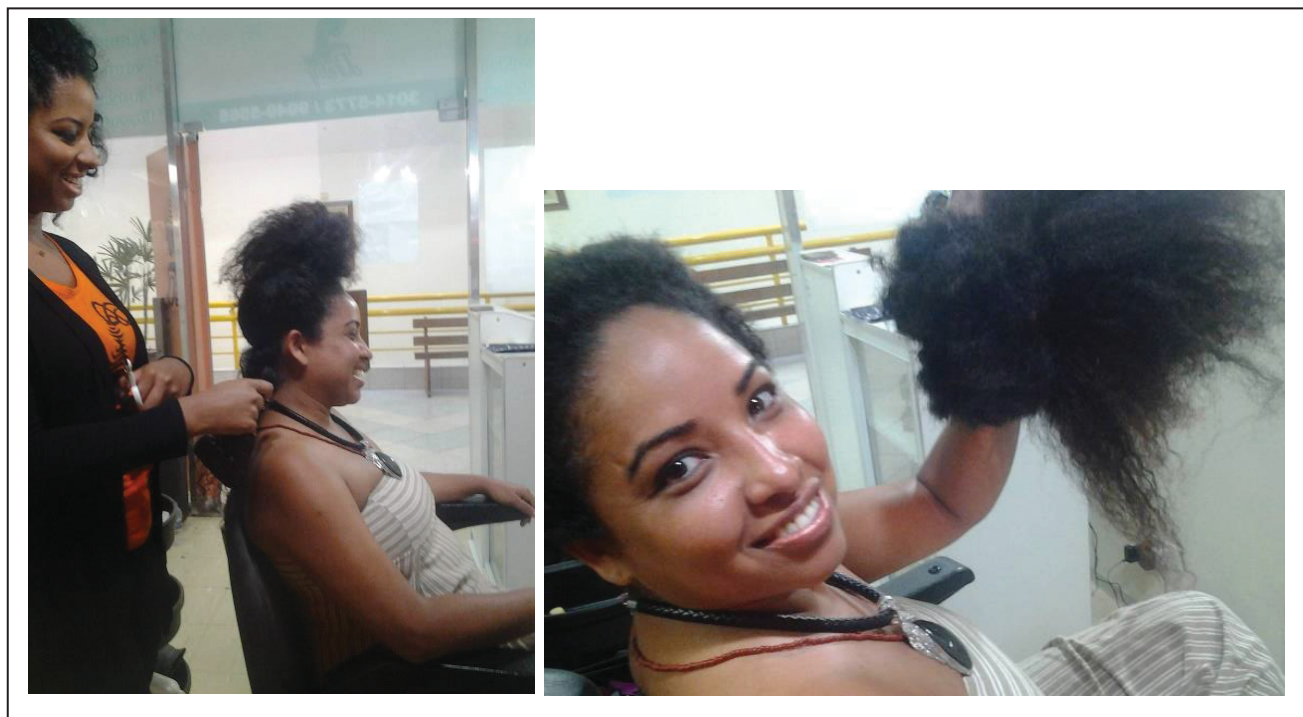
na articulação e disponibilização de oficinas de maquiagem para pele negra, turbantes ~e trançados e a feira de produtos afro. Público estimando entre 300 e 500 pessoas.

Figura 12, 13 e 14 Identidade visual dos eventos AfroChic, organizado pelo Deby Tranças e público alvo



Fonte: acervo de pesquisa da autora (2015)

Figura 15 e 16. Registro do Corte integral dos fios quimicamente tratados, realizado no Salão Deby Tranças



Fonte: acervo de pesquisa da autora (2015)

Após a fase de preparação o momento do corte chega com ares de renovação. A realização do corte dos fios crespos quimicamente tratados tinha a intencionalidade de reconhecer a textura natural do crespo e preparação para receber o penteado dreads.

Em 2016, a retirada foi realizada no Salão Deby Tranças, conduzida pela trancista Débora Pereira e acompanhada por outras mulheres negras, entre profissionais da beleza e jovens acadêmicas e militantes negras. Durante o corte o reflexo no espelho das expressões de espanto, emoção, inquietação diante do ato de retirada mecha a mecha. As opiniões das pessoas presentes variavam entre:

1. Incompreensão do gesto: “não entendo o motivo de cortar um cabelo tão bonito”, “você está doente?”;
2. Apoio moral pelo gesto: “é libertador cortar os cabelos bem curto”, “muito mais prático e econômico” “dá medo, mas depois passa”;
3. Justificativa política identitária: “o corte vai deixar o cabelo mais forte e preparar para receber os dreads sem uso de produtos químicos”;
4. Ato de coragem: “como você pode ter tanta coragem, o que seu marido vai achar?”.

O procedimento do corte dos fios crespos quimicamente tratados tem sido praticado por mulheres negras em fase de transição capilar em prol da escolha pessoal em recusar tratamentos químicos, especialmente em momento de gravidez como foi meu caso. O gesto tem importante impacto na rotina familiar, com ressonância nos ambientes de socialização,

diante da forte pressão social para que readequação dos fios aos alisamentos ou definição de cachos, por isso é crucial contar com a participação de grupos que possam dar apoio, valorizando o empoderamento, como apontam pesquisas de Figueiredo (2002) “desde muito cedo as mulheres são socializadas para alisar os cabelos, procedimento muitas vezes imposto pela família”; Soares (2018) “a transição capilar pode ser considerada um empoderamento individual, mas com alcance social”; Zittoun (2014) “proporciona novas formas de pensar e falar sobre si, ao mesmo tempo em que mobiliza novos arranjos sociais e competências sociocognitivas”.

Em termos monetários, a percepção imediata foi de redução nos custos com produtos de higienização dos cabelos. Ao interromper a organização de Caravanas para o tratamento feito no Instituto Beleza Natural, outras mulheres negras assumiram a função e deram continuidade aos encontros com grupos menores.

A linguagem corporal expôs diferentes mensagens. A primeira delas, a sensação de que o corte muito curto diminuiu a feminilidade ou nível de sedução associada aos cabelos compridos. Assim como, a associação do corte com alguma doença como grave tipo câncer ou HIV e os questionamentos sobre a realização de iniciação em religiões de matrizes africanas como o candomblé “você fez o santo?”, “raspou o ori”.

No campo da economia, o mercado da Beleza Negra na atualidade recupera hábitos ancestrais de autocuidado como exemplo a adaptação aos fios curtos pode ser sanada com o uso de adornos de cabeça como turbantes e lenços, garantindo inclusive a privacidade. E foi uma alternativa pessoal bem-sucedida, para suprimir a visão depreciativa do corte. Assim como o uso de perucas, apliques e penteados trançados como meio de ocultar os fios curtos e manter a aparência desejada.

Pela primeira vez a realização do corte de forma autônoma, sem pressão familiar de ajustamento aos padrões de beleza. Fato que altera toda a essência do ato em si. Uma busca pela ancestralidade ocultada da trajetória pessoal, mas que agora tem espaço para florescer in natura. Menos um ato de coragem, mais autoconhecimento.



FONTE:
pesquisa da autora (2016)

Fonte: acervo de

Intencionalmente o autorretrato não expõe o riso, traz a seriedade da temática diante da discriminação e racismo estético instaurado em diferentes contextos na forma de exclusão, próprio do racismo estrutural. Os cabelos crespos remetem ao penteado icônico denominado black power, eternizado pela intelectual afro-americana Ângela Davis e ao movimento Black Is Beautiful nos anos 1960 nos EUA, ramificado para o mundo da Diáspora Negra.

Com o gradual crescimento dos fios crespos, vieram a possibilidade de diversificar os penteados de uso cotidiano e a experiência de utilizar os cabelos ao natural, observando a textura real do fio e perceber a linguagem corporal nos espaços de socialização. Considerado como um penteado repleto de teor político é signo da estética militante negra pelo mundo. Elencamos algumas narrativas das pessoas sobre o uso do penteado crespo ao natural, durante os 11 meses de preparação dos fios para receber o penteado dreads à moda moçambicana. As falas variavam entre:

1. incentivar o uso do crespo in natura: “você ficou muito mais negra com esse cabelo” “a sua pele não é tão escura mas o crespo é bem cheio e volumoso”;

2. pressão para alisar: “mulher, é bem a hora de deixar liso, está muito alto desse jeito” “repare bem que homem não gosta de cabelo assim não” “que tipo de trabalho vai aceitar esse cabelo? Melhor arrumar logo ele”.

3. maior proximidade com África: “seu nariz nem é de negro, mas o cabelo não deixa mentir” “é pelo tipo de cabelo que se entrega o pé na África” “você não tem medo de ser confundida com africana?” “com esse cabelo bem que se engana na África”

Em contexto moçambicano é identificado como “Jimi”, valorizado como penteado elegante, recuperando a autoestima negro-africana. Segundo CruzZ (2015) “Em Maputo, o penteado afro recebe o nome de Jimi, em homenagem ao cantor norte-americano James Marshall “Jimi” (sic) Hendrix. Para as mulheres que conheci, trata-se de mais uma possibilidade de penteado estrangeiro no rol dos inúmeros possíveis”

O acompanhamento do crescimento dos fios crespo se mostrou desafiador pela reorganização da rotina de autocuidado, com impacto direto no investimento em produtos para higienizar (menor quantidade) e a inserção de produtos de base vegetal. A aquisição de manteigas vegetais de plantas com longo histórico de utilização por diferentes grupos de origem africanas, como: karité ou banha de ori (butter shea), rícino (mamona), palma (dendê), argan, babosa (aloe vera). Com atenção especial no desenvolvimento e crescimento de forma saudável dos fios. O registro fotográfico foi realizado 7 meses após o corte.

A escolha de cada planta obviamente não é feita de maneira aleatória, está sustentada por exaustiva pesquisa bibliográfica. A literatura especializada nas culturas africanas e afro-brasileiras apontam formas de cuidados os crespos anteriores e concomitantes ao período colonial. Tais cuidados estão associados ainda com os conhecimentos das ecologias dos saberes da oralidade que compõe a memória afetiva de mulheres e homens negros da Diáspora Africana.

Na obra *Um defeito de cor* de Ana Maria Gonçalves, publicada em 2006, há uma passagem referente ao cuidado do corpo, “*lavado as pinturas com que enfeitava o corpo e passado ori na pele*”, é uma referência ao uso de banha de ori para hidratação da pele negra. Referência semelhante encontra-se na obra *O Candomblé da Bahia: rito nagô*, de Roger Bastide, (1961), na qual o escritor faz referência ao uso da banha de ori no ritual de iniciação. No primeiro fragmento faz-se referência ao uso estético em contexto africano e no segundo fragmento a reflexão sobre o uso litúrgico de uma manteiga vegetal oriunda da planta de nome científico *Butyrospermum parkii* é conhecida pela indústria da cosmética como Butter Shea. Nativa do continente africano, possui uso ancestral por diferentes povos e mantém o processo de transformação da semente em manteiga conduzido pela tecnologia social feminina a partir da África para o mundo.

Tal qual o karité, outras plantas voltadas para o cuidado dos crespos e da melanina estão na memória viva das pessoas e podem ser localizadas nos quintais, nas roças, nos terreiros das moradias por toda extensão territorial brasileiro e africano. O uso do óleo de rícino e da folha in natura da babosa são outros dois importantes exemplos incorporados nos hábitos de cuidados com os crespos para esta pesquisa.

Em se tratando de escrevivências, o uso do penteado em contexto brasileiro deu maior evidência à dimensão ativista da pesquisa em curso. Em especial quando associado ao uso de turbantes. Pela primeira vez percebi o fio crescendo para o alto sem buscar formas de “baixá-lo”, “domá-lo”, “domesticá-lo”, essa sensação trouxe outra leitura sobre a própria estética capilar. Talvez bela? Ou não é para tanto?

Por vezes, a sensação de distanciamento do ideal de beleza frente ao espelho. No limiar da feiura, o semblante de pessoas e seus olhares de julgamento. Toda pessoa crespa alguma vez na vida deve ter sentido a sensação de ser considerada feia, pelo fato de ter cabelo “ruim” por não aderir ao modelo alinhado como se deseja o senso comum. É preciso a autoestima muito bem segura para não recorrer ao uso de perucas ou apliques tão logo seja possível visando sanar a pressão simbólica de estética capilar aceitável.

Em contexto moçambicano, a impressão é completamente oposta. Pela primeira vez escutei a expressão “cabelo bom” para se referir ao penteado “Jimi” em evidência. Notei inclusive perucas sendo comercializadas nos mercados de Maputo, algo improvável em solo brasileiro. A diversidade de produtos comercializados é de saltar os olhos, o mercado da beleza negra africano não tarda em criar opções, alternativas para a escolha por este penteado. Carapinha dura⁴⁰ é um termo que escutei nas músicas de angolanas e a denominação ao tipo de cabelo africano em Moçambique. Carapinha é o fio africano que não caiu nas redes coloniais e possui forte teor político quando se trata de reconectar-se as raízes africanas. Privilégio da primeira infância das crianças ainda não capturadas pela lógica do corte rente ao couro cabeludo ou aos trançados herméticos que esticam os olhos tal qual as pessoas de origem oriental. Me vi bela e plena como nunca senti em solo brasileiro, sensação de muita satisfação que toda gente crespa mereceria sentir alguma

⁴⁰ Negra de carapinha dura. Não estragar esse teu cabelo me jura. Ó mamãe Negra de carapinha dura. Você não vai estragar esse teu cabelo me jura / Negra de carapinha dura. Não estraga o teu cabelo me jura Faça tranças corridinhas. Com missangas a cair. Carrapitos pequenitos. Como aqueles que vavô fazia. Pra você. Você é africana . Tem beleza natural. Vai mostrar pra todo mundo. A tua carapinha é o acabamento. De uma obra sem igual . Carapinha é o acabamento . De ma obra sem igual / Vavô deixou. Você vai guardar. Você não vai estagar. Aquilo que vavô deixou pra você. Vavô deixou. Você vai guardar / Você não vai estragar/ Aquilo que vavô deixou pra você. Negra de carapinha dura . Não estraga o teu cabelo me jura / Negra de carapinha dura. Não estraga o teu cabelo me jura. Negra de carapinha dura. Não vai estragar, não vai estragar esse teu cabelo me jura / Negra, negra. Não estraga o teu cabelo. Negra, negra de carapinha dura. Ó, o teu cabelo / Não estraga o teu cabelo me jura . Não estraga o teu cabelo me jura . Carapinha Dura, Canção de Alberto Teta Lando. Disponível: Musixmatch. Acesso em: 19.10.2023.

vez na vida. O olhar de atração foi realinhado e a autoestima reestabelecida. Não apenas em terras moçambicanas, também na África do Sul.

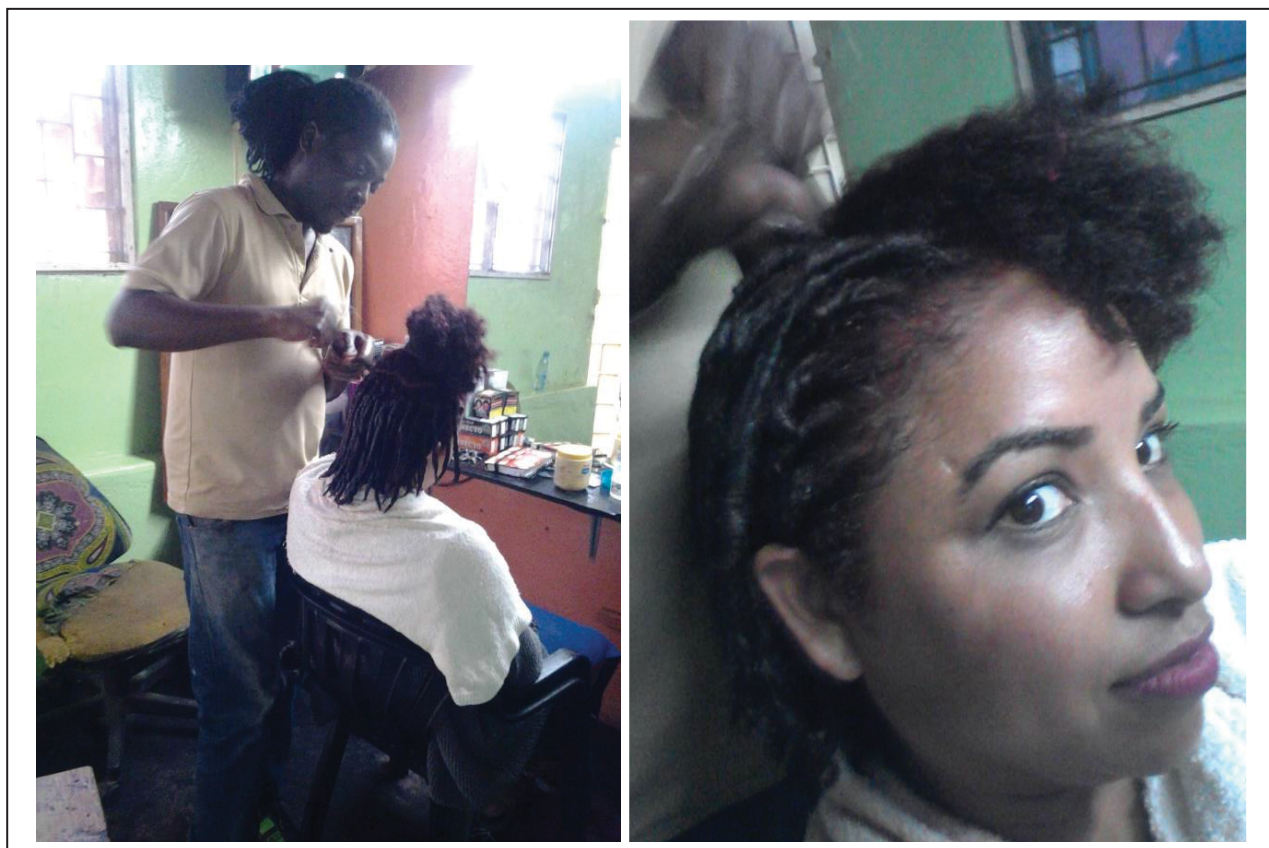
Redescobrir a própria estética capilar é um dado empírico fruto dessa metodologia aqui proposta. A expressão mais crua e pragmática da noção de Semiótica Capilar Crespa que põe em xeque as bases de entendimento do belo que não cabem quando observada e percebida sob a lente míope da epistemologia clássica ocidental, é fundamental nos apropriarmos desse léxico afrocentrado que aqui temos exercitado em sua máxima potência. No sentido dado por Martins (2021)

O corpo-tela seria, logo, esse corpo-imagem que produz pensamento. Um corpo hieróglifo, um corpo ideograma. Complexo, poroso, investido de múltiplos sentidos e disposições, esse corpo, físico, expressivo e perceptivamente é lugar e ambiente de inscrição de grafias do conhecimento, dispositivo e condutor, portal e teia de memórias e de idiomas performáticos, emoldurados por uma engenhosa sintaxe de composições. (MARTINS, 2021, p. 79)

Expressa no corpo negro, o fio crespo peleja através da mudança por fora na busca por encontrar-se na parte de dentro. Olhar para si e para os seus na intenção de desprender antigas engrenagens coloniais e apontar em atos de coragem de ser o que de fato é. Configura um ato emancipatório, por demais revolucionário e engajado. Isento de culpas, de dívidas simbólicas que prendem o movimento de bater asas e levantar voo.

Enfrentar o reflexo do espelho com a certeza das origens ancestrais e sem o peso do colonial sobre os ombros, pois ele era apenas um grão, um sopro diante da imensidão da diversidade humana que finca raízes no continente-mãe e ramifica-se mundo adentro. E as crespas-carapinhas nos reconectam ao ponto inicial numa espiral de tessituras, untadas nos unguentos de conhecimentos da oratura.

Figura 18 e 19. Registro da elaboração de dreads à moda moçambicana, “Salão Alice” em Maputo 2016



Fonte: acervo de pesquisa da autora (2016)

O registro fotográfico feito pela equipe do salão Alice é a conclusão de um ciclo de escolhas e de experiências vividas em solo moçambicano até conseguir as condições adequadas do fio para receber o penteado dreads à moda moçambicana. Foram três semanas entre o primeiro contato com o espaço e a realização do penteado propriamente dito.

No registro acima, o profissional Ray Thavede realizando a técnica do penteado dreads após 10 dias de uso concentrado da planta nativa conhecida como “planta shampoo” denominada “Lichéchua” na língua materna Changana e nomeada cientificamente como *Dicerocaryum Serecioides*⁴¹ (KOTZSCH, 1987). E esta pode ser identificada como a primeira fase preparatória para receber os dreads, isso pelo fato de possuir um tipo de fio com textura menos encrespada do que o fio africano encarapinhado. Portanto, havia a necessidade de permitir que o fio obtivesse a textura mais impermeável.

⁴¹ “*Dicerocaryum senecioides* é uma erva comum na etnobotânica do Zimbábue, popularmente usada como substituto do sabão, um condimento e para facilitar a remoção da placenta presa no gado. A erva também é popularmente usada para estimular o crescimento do cabelo em casos de alopecia, embora a alegação ainda não tenha sido estabelecida cientificamente. Um fluido viscoso obtido quando as folhas da erva são maceradas em água é responsável por todos os usos etnofarmacológicos” Fonte: Flora da África tropical [1905-06 v. 4 pt.2 (1-3)]: Página 565

A orientação recebida foi cortar o uso de pentes ou qualquer hidratação ou oleosidade. Apenas a planta shampoo, durante duas semanas. Isso por si só foi um desafio e tanto, sair de casa como se estivesse desarrumada por não pentear os cabelos ou cremes, apenas os dedos. E surpreendentemente foi o momento de intenso elogio ao penteado jimi.

Figura 20. Autorretrato, Penteado Jimi em Maputo e uso da planta Lichéchua – 2016
Fonte: acervo de pesquisa da autora (2016)



O primeiro contato com a planta shampoo foi intermediado pela cliente e amiga da família Thavede, a mamana Crichula. Durante um dia de interação no salão surgiu o tema limpeza dos cabelos sem uso de shampoo industrializado. Logo em seguida surgiu o nome planta shampoo por diferentes pessoas no ambiente. A curiosidade por saber sobre uma planta moçambicana para esse fim foi de extrema emoção, tanto que pude conferir o modo de preparo naquele mesmo dia.

Segui a orientação da mamana Crichula, via oratura – ao realizar a demonstração do modo de preparo da planta para ser utilizada a limpeza do couro cabeludo e cabelos. O molho da planta que é comercializado no mercado popular Xipamanine ou feiras espalhadas pela cidade de Maputo, também pode facilmente (por quem conhece) ser encontrada em machambas (terrenos arenosos) por toda região de Moçambique. Planta do tipo rasteira, suas folhas e flores são colocadas em água morna e maceradas para que “solte a baba” que é a mucilagem similar à planta conhecida no Brasil como Babosa. Após alguns dias de preparação, a feitura do dreads à moda moçambicana teve início.

Figura 21. Registro da planta shampoo ou Lichéhua na língua materna Changana e nomeada cientificamente como *Dicerocaryum Senecioides* – 2016



Fonte: *Dicerocaryum Senecioides* Doreen Bolnick ⁴²

Vencida a fase de preparação para receber os dreads, veio a aquisição dos produtos industrializados que são voltados especificamente para esse tipo de penteado africano, dreads ou locs⁴³. O modo de realização do penteado no salão recorre aos produtos oriundos de países como Gana, África do Sul, Etiópia, Jamaica voltados para modelar e fixar o fio. Cada mecha previamente separada é untada com o gel, aplicada nos cabelos mecha a mecha e associada aos movimentos circulares das mãos do profissional. O que chama a atenção na técnica é a ausência no uso de linhas, agulhas, extensões de fibra capilar ou apliques.

O tempo de realização é de aproximadamente três horas, entre separação dos fios em mechas e a cuidadosa aplicação de produtos da indústria africana destinados a fixação e modelagem, seguido ao uso de secador em calor intenso. Durante a elaboração do

⁴² AMERICAN SOCIETY OF BOTANICAL ARTISTS. Disponível em: <<https://www.asba-art.org/>> Acesso em: 12.10.2022

⁴³ Locs é a terminologia utilizada por profissionais da beleza negra em contexto norte-americano no sentido de enaltecimento do penteado na forma de dreadlock todavia sem recorrer ao termo que possui raízes em contextos coloniais, associando o penteado ao pavor ou ao grotesco.

penteado, olhares inquietos de descrédito se realmente “pegaria” o dreads naquele “cabelo mestiço” incorporou curiosidade na rotina do salão Alice.

A técnica da torção das mechas é repetida até obtenção do formato cilíndrico. E, posteriormente, superaquecida no secador por ao menos 60 minutos. Fase identificada como “selagem” do dread com a ação o calor. É relevante notar que uma etapa de intenso desconforto por literalmente “queimar os miolos” como expressam as clientes, por isso o uso de protetores nas orelhas. A definição do tempo é feita pelo profissional, prontamente respeitado pela cliente.

A finalização ocorre com a retirada da tela de proteção e acabamento do penteado. Seguida de orientação sobre a importância em evitar umidade. O procedimento é repetido semanalmente até a completa fixação dos fios uns aos outros.

Em termos monetários, a aquisição de produtos que não são encontrados no mercado do Brasil impõe o hábito de conjugar ao uso de manteigas e óleos vegetais já habitual nos últimos 11 meses anteriores ao procedimento. A percepção foi de que o público que busca esse penteado é de mulheres moçambicanas, adultas e crianças.

A experiência estética dos dreads insere uma outra linguagem corporal que possui fortes marcas do pensamento eurocentrado e da colonialidade do ser quando em interação e convivência externa ao salão de beleza étnico. Por um lado, a associação direta, devido ao peso do senso comum eurocentrado, ao mundo marginalizado de ausência de higiene e profissionalismo no prisma da “marginalidade”⁴⁴. De outra feita, expõem a auto inscrição do ser moçambicano em geral e da mulher moçambicana em especial ao aderir ao penteado de forma autônoma e da consciente de si diante da escolha do penteado. O desejo pela beleza dos crespos-carapinhas na forma cilíndrica compensa de várias formas, dentre as quais: o crescimento saudável do fio e praticidade no dia a dia.

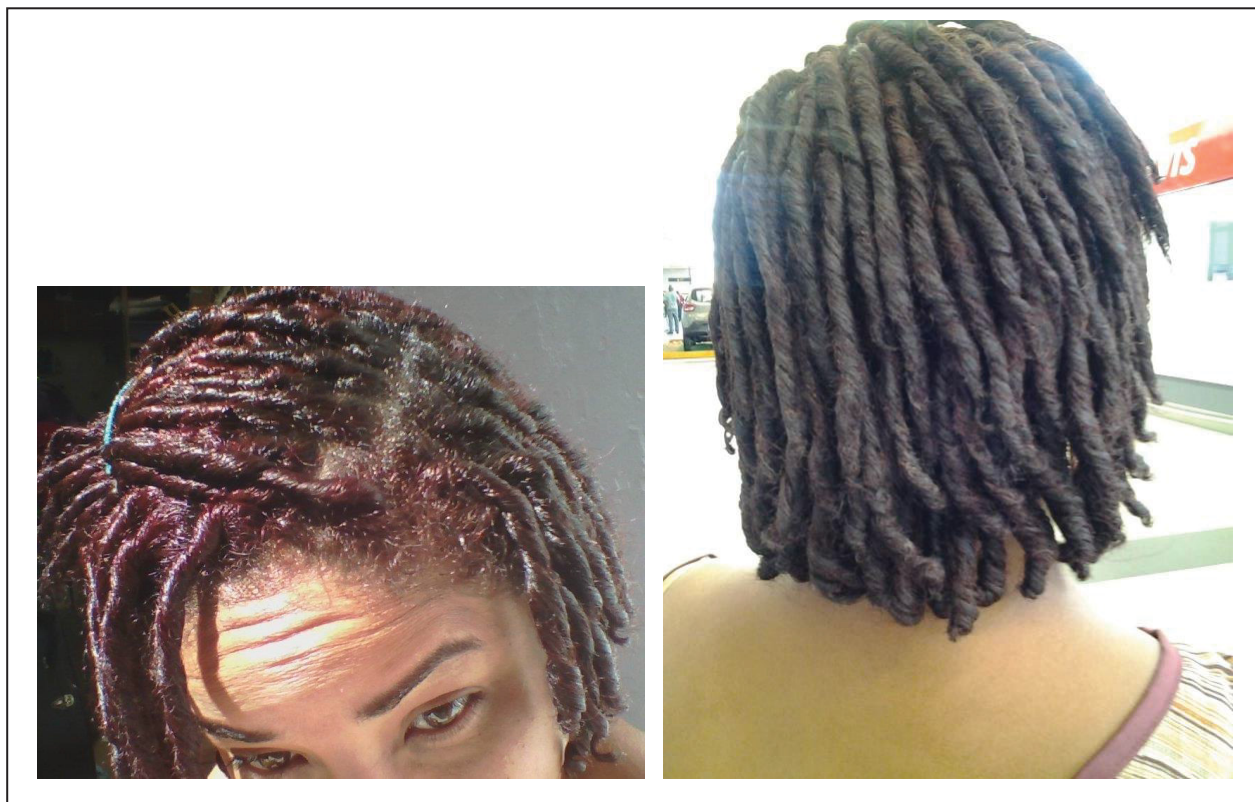
O modo de realização do penteado difere da realidade brasileira que em geral recorre ao uso de utensílios como agulha, linhas, apliques naturais ou sintéticos. E também difere da filosofia rastafári que possui nos dreadslocks o ícone da cultura rasta, todavia a forma de organização do penteado não faz uso de qualquer produto industrializado.

Os rastas de Moçambique realizam a higienização com produtos naturais como a planta lichêchua ou “planta shampoo”, aloe vera, rícino e coco. Todavia, a pressão social destinada ao público masculino, adulto ou infantil, pela escolha do dreads é o intenso estigma social e alta pressão para o corte e adaptação do padrão aceitável, curto ou raspado. As exceções são as profissões ligadas ao campo da cultura musical, artes

⁴⁴ Vale pontuar que a ideia de marginalidade social é atribuída aos dois contextos sociais em especial ao público masculino, em especial ao homem negro.

plásticas e esportes ou o campo da medicina tradicional como os curandeiros associada ao campo espiritual.

Figura 22 e 23. Autorretrato, penteado dreads em contexto Moçambique 2016 e Brasil 2017



Fonte: acervo de pesquisa da autora (2016 e 2017)

O autorretrato expõe o penteado dreads com a realização dos retoques na raiz do fio de forma independente em solo brasileiro. Importante pontuar que o penteado dreads à moda moçambicana não é obtido de forma imediata, há um processo de rotinização identificada como “retoque” periódico no penteado. É realizado na raiz adequando-a na forma de torção mecha a mecha.

O desafio primeiro, conseguir replicar a técnica dos movimentos das mãos em contexto brasileiro de forma autônoma, seguindo o roteiro inicial, a mesma organização das mechas separadas em formato cilíndrico obtida pela observação da performance e seguindo a orientação obtida no Salão Alice pelo profissional Ray Thavede.

O segundo desafio, garantir a disponibilidade dos produtos obtidos em Maputo pelo máximo de tempo possível, realizada inicialmente com o uso de produtos industrializados da África do Sul e de Gana. Ambos específicos para aquela modalidade de dreads ou locs com base em produtos naturais como: melancia, cactos, cenoura a exemplo do Stylin’

Dredz Maximum Hold Mouldin'⁴⁵ Gel Wax manufaturado por M&M Products. Ambos com custos muito altos no mercado online. Diante da impossibilidade, houve a necessidade de adaptação com óleos e manteigas vegetais.

O uso do dread requer adaptação na rotina de autocuidado para higienização e secagem adequada (no tipo de produto a ser aplicado e na forma de secar o fio), sem o uso de secador e utilizando exclusivamente o calor do sol. Associando o uso de tecidos inspirados na cultura africana para adornar a cabeça e proteger os dreads do frio e da umidade.

Ao retornar ao Salão Deby Tranças, muita curiosidade da equipe que acompanhou o corte. O penteado incorporado na realidade brasileira gerou desde o início questionamento pela forma diferenciada na elaboração, por “não parecer dreads” “parece cabelo sintético”, além do fato da não utilização de ferramentas usuais como: agulhas, linhas ou extensões (naturais ou sintéticas) para a fixação do mesmo no couro cabelo. Trata-se apenas da própria fibra capilar crescendo e sendo moldada pelo uso da fricção das mãos nos fios, estimulando o crescimento e acionando as ecologias dos saberes com o uso de plantas voltadas para esse fim.

As profissionais da beleza negra de Curitiba demonstraram interesse pela técnica de elaboração e o público dos salões étnicos a curiosidade sobre cuidados e forma de manutenção via retoque. Todavia quando informadas de que se tratava de um tipo de dreads, de imediato notávamos a mudança na linguagem corporal. O simples fato de nomear o penteado como dreads acionava recusa, alterava a expressão corporal das pessoas interessadas pela ideia de não ser possível mudar o estilo capilar exceto pelo corte completo do fio.

As opiniões das pessoas variavam entre: “esse cachinhos aí são dreads?” “mas dá para lavar?” “você foi para a África fazer esse penteado? Mais isso eu sei fazer!” “você vai ficar quanto tempo com esse cabelo?”

Uma característica comum entre as pessoas que usam o penteado dreads é a permanência durante períodos longos, tanto as clientes do Salão Alice quanto as pessoas adeptas do rastafarismo. O cuidado com a própria fibra capilar adquire status de cultivo, algo que merece cuidado cotidiano e o resultado é crescimento e saúde do fio.

A intenção da pesquisa é a raspagem dos dreads na conclusão com o fechamento de um ciclo com a experiência estética, percebendo os processos da Semiótica Capilar

⁴⁵ Marca de produtos Stylin' Dredz Maximum Hold Molding Gelwax com óleo da árvore do chá é uma cera em gel que não descama que possui propriedades de fixação máximas para fixar o cabelo de forma rápida e fácil para iniciar e manter dreadz requintados. Fonte: <https://natureshair.com.au/product/mouldin-gel-wax-maximum-hold-with-tea-tree-oil-stylin-dredz-250-ml/>

Crespa. Cabe expor a forte pressão social para a retirada dos dreads em especial quando o objetivo é ocupar espaços profissionais com menor presença de público negro.

No caso brasileiro, o olhar fixo nos dreads expressa muito mais que mera curiosidade, incorpora expressões que transitam da indiferença até expressão repulsa, tal qual a iniciativa de querer tocar com as mãos para tatear e sentir a textura se “é de verdade?”. A faceta do racismo estético ainda transita em nossa sociedade de forma reproduzida nas frases em tom de brincadeira “mas... você não tem os 37 tipos de piolhos que o Bob Marley tinha?” “você não vai arrumar emprego sério com esse cabelo”

Por outro lado, a experiência no Salão Alice aproximou-me fortemente de outras representações sociais. Há uma linguagem corporal própria de postura emancipatória subjacente ao penteado em si. O uso de dreads é uma expressão de autonomia sobre a forma que se quer ser vista pelo outro, seja adepta da filosofia rastafári⁴⁶ na forma de cultivo do fio⁴⁷ ou pela busca de praticidade que a jovem moçambicana e grupos de mulheres com autonomia financeira escolheram como forma de expressão de si. Para Bezerra (2012)

O movimento Rastafári representa um desdobramento sem precedentes da Diáspora Africana. O grupo exerce papel histórico importante nesse processo, pois eles não só resistiram ao colonialismo como também apresentaram um projeto concreto de identidade, uma forma de vida alternativa que contempla vários aspectos da vivência humana: social, cultural, política, estética e religiosa, entre outros. (BEZERRA, 2012, p. 25)

Tal movimento está associado diretamente aos movimentos sociais negros africanos como aqueles ocorridos na Etiópia e na Diáspora Africana, a exemplo do Rastafarismo instaurado na Jamaica. Para os rastafáris o uso do dreads é um signo incorporado na estrutura identitária e ramifica-se pelo mundo. Bezerra (2012) aponta que “o movimento Rastafári tem um papel preponderante na valorização da herança africana e a construção da identidade e consciência negra”. Importante ponderar o sentido de identidade pessoal e cultural envolta na perspectiva cultural. O campo de estudo do movimento rastafári é complexo e merece aprofundamento. Segundo Barrett (1968) “A religião proporciona um forte ‘sentimento de nós’, demonstrado pelo uso da barba e dos dreads. Os que não usam barba e dreads usam uma boina com as cores da Etiópia”.

⁴⁶ Segundo Bezerra (2012) configura “Um movimento religioso que tem suas raízes no protesto social que aconteceu na década de 1930 na Jamaica, o movimento Rastafári foi fundado por Leonard Howell e outros que rejeitavam o colonialismo e a discriminação contra os afrodescendentes por parte dos colonizadores britânicos, tendo como objetivo encorajar a consciência negra e protestar contra a opressão política e sócio cultural. Os Rastafáris consideram a África como sua terra natal – e mais em particular a Etiópia, o único país africano a manter-se independente após o processo de colonização europeia no século XIX.”

⁴⁷

Para o público que busca os dreads elaborado no salão Alice o sentido é outro, elo mais estreito com a estética em si e o ato de reconhecer a própria textura capilar. A proximidade com a estética rastafári está na decoração do espaço com a imagem do artista jamaicano Bob Marley que Ray Thavede do qual é muito fã, e essa predileção acompanha o seu dia a dia de trabalho no salão Alice. O que nos permite pensar nas intencionalidades do uso do penteado ancestral africano como anterior ao próprio rastafarismo jamaicano, considerando a técnica utilizada e proximidade com diferentes culturas de origem Bantu.

Figura 24 e 25. Autorretrato, crescimento penteado dreads em contexto brasileiro 2019 e 2022



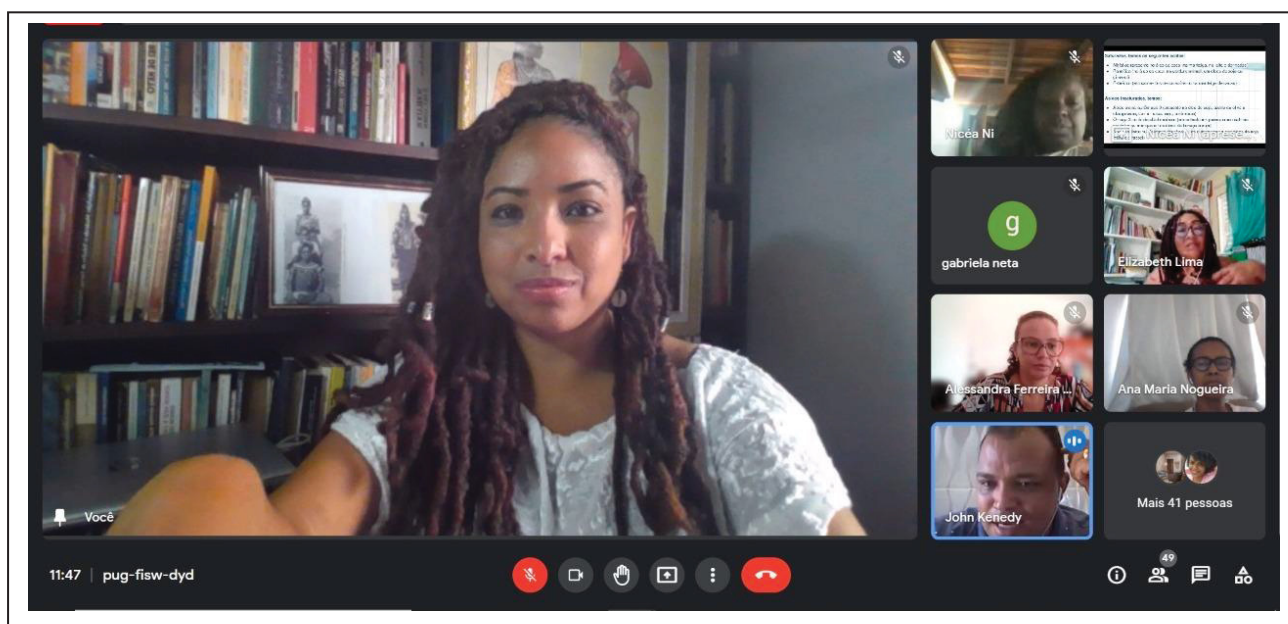
Fonte: acervo de pesquisa da autora (2019 e 2022)

Em se tratando de escrevivências, portar dreads é inovar e transgredir ainda que essa não seja a intenção. É chamar os holofotes para si quando se busca espaço profissional, por exemplo, como o campo da docência nas universidades ou autorrealização pessoal. O penteado é inclusive renomeado para Locs é a nomenclatura contemporânea especialmente nos EUA para se referir ao penteado pela recusa em ser associado ao termo “pavor” “medo” dos dreadslocks como historicamente se atribuiu e fazem parte de movimentações ocorridas fora do continente africano de valorização do penteado com forte elo ao mercado da beleza negra.

Do pescoço ao cóccix é a extensão a que chegou em 2023 os dreads ou locs nesta pesquisa. A duração e a continuidade do ritual de manutenção do penteado formam um

total de 7 anos (2016-2023). A diferença está nos produtos industrializados possíveis de acessar via comércio virtual, intensificado pela demanda crescente, pomadas como - Jamaican Mango & Lime Locking Gel e MURRAY'S BLACK BEESWAX -. Tais produtos foram associados à continuidade no uso de manteigas e óleos vegetais, com prioridade para: karité, palmiste, babosa, rícino, urucum (para tingimento). A adaptação na rotina de autocuidado diante do crescimento dos fios na forma de dreads com a higienização periódica requer tempo de dedicação, principalmente para secagem adequada.

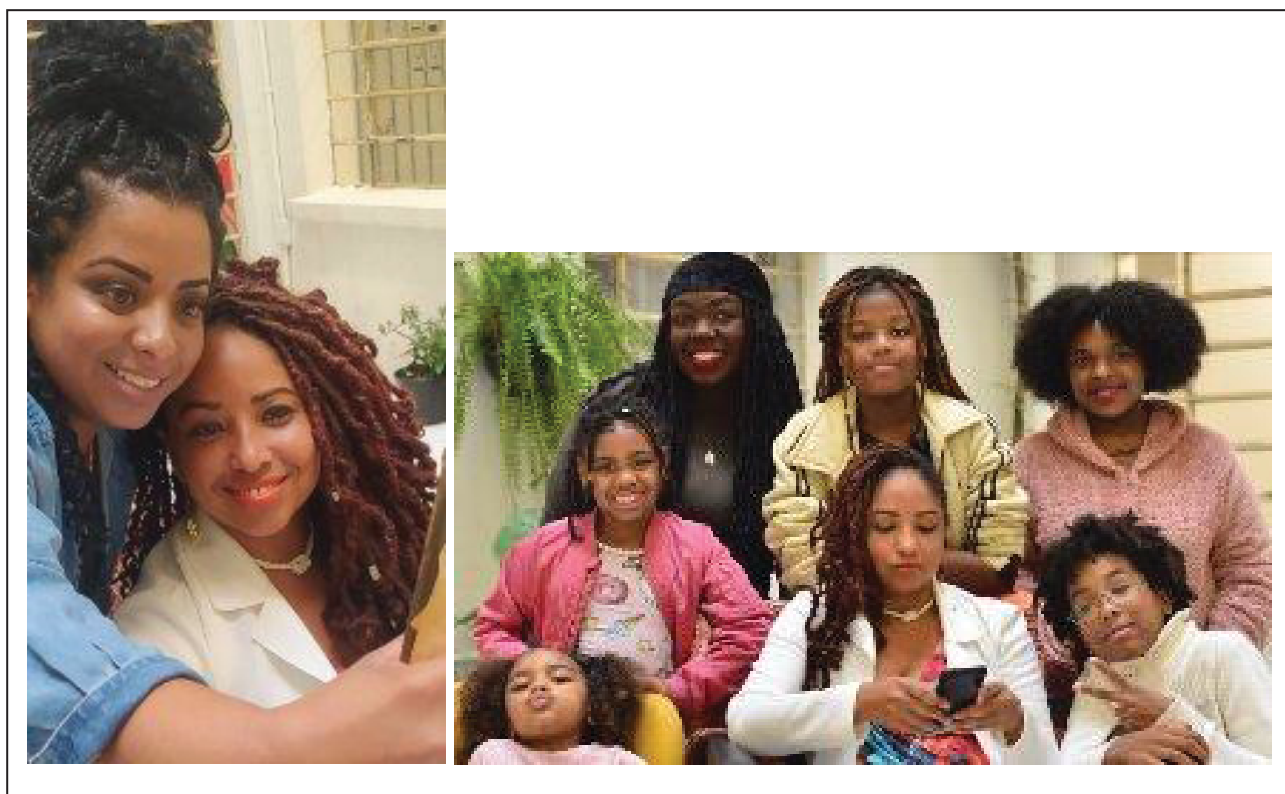
Figura 26 . Autorretrato, uso das dreads em contexto docência - aula online 2022 e 2023



Fonte: acervo pessoal da autora (2022 e 2023)

A noção de beleza, associada ao dreads, certamente foi algo novo. A organização dos dreads em forma de penteados exuberantes, verdadeiras esculturas não passavam incólume nas gravações de aulas em formato de ensino a distância - EaD realizadas em tempos de pandemia do COVID-19 ou em eventos presenciais e virtuais na atuação como professora de ensino à distância. Diferente do penteado black power, as narrativas sobre os dreads são negativas pela lógica ocidental em oposição ao processo de valorização que percebemos no contexto de Maputo e conferindo formas de cuidados ancestrais no continente africano.

Figura 27 e 28. Registro performance de corte dreads – Equipe com Salão Deby Tranças



Fonte: acervo pessoal da autora (2023)

Em julho de 2023 a realização do corte para retirada dos locs na sala do Núcleo de Estudos Afro brasileiros – NEAB da UFPR. A condução do corte foi realizada pela trancista Débora Pereira e sua filha Naomi Pereira com representantes do salão Deby Tranças em Curitiba/PR. O convite para a performance do corte foi estendido para os/as jovens negros/os Aline Xavier Raimundo (13 anos), José Abdias Gomes (12 anos), a trancista Flavia Regina dos Santos Peixoto acompanhada de suas duas filhas Lorryne Caroline da Silva Felisberto de 8 anos e Lorena Beatriz da Silva Felisberto de 4 anos, a barbeira Vivian Alessandra de Lima e supervisão do professor orientador Paulo Vinicius Baptista.

A intenção em registrar o corte de forma performática surgiu como encerramento de um ciclo ao mesmo tempo como abertura para outras possibilidades e desdobramentos em projetos formativos com foco nos cabelos crespos, a exemplo de expor algumas texturas de fios crespos demonstrando a versatilidade. O ritual de corte aconteceu tranquilamente com a narrativa das pessoas presentes sobre a simbologia do ato para cada um e cada uma. As crianças e adolescentes convidadas são pessoas já inseridas em atividades

formativas como o projeto CRESPURA: Beleza Negra sem Química⁴⁸ e fazem parte de uma geração que pode escolher como expressar sua aparência capilar e contar com o apoio do núcleo familiar com letramento racial bem sedimentado.

Das narrativas, merecem destaque: “você vai cortar agora que está tão bonito!” “quanta coragem em fazer isso, eu não faria nunca” “esse seu desprendimento com os cabelos é tão raro” “não corte, te peço, por mim!” “você sabe que a beleza da mulher está no cabelo”, “ela é bonita de qualquer jeito, logo cresce” “é só cabelo gente o que tem demais nisso!”. Enunciados proferidos, associados aos picos de emoção entres risos e lágrimas por parte do grupo.

Após a retirada por completo os dreads, esses foram dispostos em uma fora de papel, marcado com a posição que estava na cabeça. A proposta é montar uma escultura em madeira e reorganizar na mesma sequência presente no couro cabeludo. Expressões de surpresa, respirar fundo com se estivessem com falta de ar ou mesmo olhar o corte incrédulas da ação em curso foram gestos observados durante toda a situação por parte da equipe convidada para essa tarefa. Ao final, a ausência de dreads e a preparação para a fase de raspagem com navalha.

FIGURA 29 e 30. Registro de performance de raspagem dos locs com uso de navalha - 2023



⁴⁸ O CRESPURA – Beleza Negra sem Química, pretende construir um espaço para profissionais da beleza, professoras e professores da Educação básica, estudantes do ensino superior e médio e demais interessados para mergulhar na trajetória dos cuidados com os cabelos crespos. Todo o curso versa sobre o processo contínuo de autocuidado e reconhecimento da estética negra. Disponível em <https://www.even3.com.br/crespura2023/> e <https://linktr.ee/crespurabelezanegra> Acesso em: 10.11.2023

Fonte: acervo pessoal da autora (2023)

Após o corte com a máquina zero, a raspagem com navalha. Um ato de muita responsabilidade por envolver lâmina. A barbeira Vivian assumiu com seriedade e sob a proteção das ancestrais realizou a tarefa de modo exemplar. Esse tipo de corte é muito presente no ritos de iniciação em sociedades africanas e indianas por exemplo. Todavia a proposta não envolvia a questão religiosa puramente dita, embora não estivesse ausente a dimensão espiritual.

A primeira sensação física é de frescor intenso na cabeça. Um ciclo se encerra com o propósito de externalizar essa Semiótica Capilar Crespa sustentada na Estética Afrocentrada. Observar que não se trata apenas de fios crespos, mas que são embebidos de simbologia. Somos mutáveis e dinâmicas, energias que não devem ser contidas ou represadas, expondo o quanto somos múltiplas ainda que tenhamos um corpo só, somos um emaranhado de fios que tecem memórias de afeto e de experiências consigo e com o mundo. Somos marcadas como pessoas crespas e isso deve ser um elogiado e enaltecido.

Em se tratando de escrevivências, a ficha demorou a cair. Foram tantas vivências durante sete longos anos, hábitos e rotinas internalizados e o exemplo mais direto é o contínuo movimentos com as mãos em contorcer o locs arrumando-os “naturalmente”. O aprendizado, o conhecimento e as experiências fincaram suas marcas no couro cabelo e pela primeira vez em quarenta e dois anos completamente exposto ao tempo. Redescobrir a própria crespura em outra esfera com o surgimento dos fios brancos e a maturidade de mulher negra imersa em sua própria negritude. Aflorar para novos horizontes em voo livre. Afinal a tese aqui apresentada atravessou muitas águas e se reconheceu onda, parte de muitos oceanos e rios. As mesmas águas que limpam os fios e que conduzem a vida no mar interno do ventre.

A ausência dos fios atraiu os olhares curiosos ainda que silenciosos não escondiam a vontade de questionar a motivação pelo corte tão drástico. Luto, enfermidade, iniciação ou encarceramento? Um gesto de coragem ou de insanidade? Para quem acompanhou de perto todo o processo dessas experiências a sensação de encerramento de ciclos e aflorar de outros, assim com a árvore que troca suas folhas com a expectativa da chegada da nova estação.

Os fios são parte de nossa memória viva, impedindo que esqueçamos do nosso ponto de partida e lançando ideias para novas andanças. Sankofa.

5 ENTRELAÇANDO VIVÊNCIAS: DEBY TRANÇAS TECENDO O ORI

Ao salão Deby Tranças nos cabe agora olharmos para a espacialidade propriamente dita. Localizado na região central da cidade de Curitiba/PR, há 17 anos é gestado pela trancista Débora Pereira. Inicialmente localizado no próprio ambiente doméstico, alugado e adaptado parte dos cômodos para a atividade de trancista, a medida que a demanda de trabalho aumentava a decisão pela separação entre espaço doméstico e espaço de trabalho e a locação de sala na região central da cidade para facilitar a logística de acesso aos serviços prestados. As pessoas atendidas e satisfeitas com o resultado acompanharam as mudanças de localização na busca pelos serviços de trançados e adereços associados aos penteados afro, tanto que rotineiramente encontramos clientes de longa data que estenderam para outras pessoas da família como filhas e avós o uso dos trançados. Há momentos de intenso intercâmbio de saberes quando as mulheres e homens negros de todas as idades que buscam acolhimento no salão Deby Tranças.

Figura 31 Rotina equipe em dia de trabalho – salão Deby Tranças - 2015



Fonte: Acervo pessoal da autora (2015)

Em termos de espaço físico, o salão Deby Tranças é dividido em dois ambientes setorizados entre espaço público e espaço privado. O primeiro, aberto para a clientela, com a comercialização de produtos, como: enfeites para os cabelos, fibras capilares sintéticas, adornos com alusão ao continente africano e a negritude, cremes naturais e industrializados para os crespos. Espelhos nas paredes e cadeiras distribuídas de forma que permitam a contemplação do próprio rosto e acomodem as pessoas que aguardam atendimento. As paredes amplamente decoradas com imagens que destacam corpos negros de beleza valorizam a melanina acentuada.

Do corte dos cabelos ao agendamento do trançado, toda a dinâmica do salão deve ser apreendida pela equipe, embora haja a centralidade da gestão da própria Débora Pereira. A sobrecarga de funções é latente e a alta exposição ao trabalho tem efeitos na saúde física e mental desse campo de trabalho, ainda que estejamos falando do mercado da beleza negra. Embora as mudanças físicas e estruturais sejam constantes, do ponto de vista conceitual a proposta do salão de beleza étnico se mantém. O mote primeiro de acesso é o embelezamento dos cabelos crespos na forma de trançados geométricos, todavia o contato com o espaço físico envolve muito mais que puramente a elaboração do penteado em si. A ele está agregado a dimensão simbólica de situar historicamente os penteados, localizando-os geograficamente ao continente africano e aos povos negros que atravessam forçadamente o oceano Atlântico e fincam raízes simbólicas de forma perene em nossa estética capilar, ainda que a força da pressão social pelo branqueamento dos traços seja ainda hegemônica.

A parte privada do salão é restrita às profissionais para alimentação rápida e descanso entre uma cliente e outra ou das crianças dormirem, assim como organização de material para atendimento posterior, a exemplo do uso de máquina de costura para cozer a fibra capilar. Percebe-se a mudança no comportamento da equipe que trabalha no espaço, diferenciando-se entre o espaço público e o espaço privado, isso motivada pela dimensão formal que a relação com a clientela requer, ou seja, o distanciamento simbólico entre os “de dentro” e os “de fora” como bem pontua GOFFMAN (2001) em seus estudos sobre a teatralização da vida real quando observada em ambiente fixo. O cenário do espaço dará o tom informativo do propósito do serviço prestado. Espelhos refletem a comunicação não-verbal entre as profissionais, códigos partilhados entre a equipe e permite a conversação sem o uso da linguagem verbal. Não raro percebe-se esta ferramenta de comunicação, olhares e movimentos; silêncios e ausências estratégicas no espaço privado.

A característica do salão de presença de crianças negras, filhos da equipe do salão ou de clientes, é dado importante por se tratar de equipe predominantemente feminina e que adentra ao campo profissional da beleza negra como via de emancipação econômica

a curto prazo. Nesse quesito, vale pontuar a rotatividade intensa na formação da equipe de apoio, ajustada sempre às demandas de trabalho, ou seja, ao número de clientes e tipo de serviço desejado.

FIGURA 32 e 33. Salão Deby tranças - uso de extensão sintética em penteado trançado



Fonte: Acervo Entrevista Deby Tranças (2020)

De outra feita, o perfil das clientes é bem variado em termos de conhecimento sobre os cuidados com os cabelos crespos e não raro é possível acompanhar perguntas das mais triviais, tais como: “posso lavar as tranças?” “vou precisar desmanchar?” “a raiz do cabelo vai crescer enquanto estou de trança” “precisa desembaraçar o cabelo para fazer a trança” ou questionamentos de cunho técnico sobre origem da trança ou formas de elaboração, a exemplo de: “quando a trança é para dentro demora mais desmanchar?” “as tranças nagô são mais fáceis de fazer?”

O tempo de espera também é ponto de reflexão, ainda que tenha o horário agendado, o ritmo de atendimento depende mais das condições dos cabelos em si, da quantidade de fios e qual o tipo do penteado desejado, isso porque nem sempre a trança que se pretende fazer pode ser realizada no cabelo crespo sem a previa avaliação da saúde do fio. Especialmente quando há uso contínuo de alisamentos químicos ou queda constante por motivação variada, há uma complexa teia de motivações para a adesão aos trançados. Inicialmente, a curiosidade pela beleza que penteado carrega é o *start* para a primeira visita ao salão, rompendo assim com o receio de sentir dor ou se arrepender. Caso a experiência seja bem-sucedida e a pessoa tenha a sensação de bem-estar, com a carga de aceitação nos ambientes de convivência (família, trabalho, etc) e a permanência no uso das tranças

em que pese o equilíbrio entre satisfação pessoal x aceitação dos pares x custo/investimento, esta tríade é muito encontrada e podemos ilustrar.

A interação realizada no Salão Deby tranças em pouco de aproxima com a observação etnográfica convencional, há sim uma busca por horizontalizar a presença da pesquisadora no ambiente do salão. A exemplo da realização de alguma necessidade no atendimento, seja a limpeza do chão repleto de fios sintéticos ou buscar alguma extensão capilar no tom desejado pela cliente, assumir esta tarefa contribui para dinamizar o atendimento, fortalecer vínculos e maior naturalidade da presença no salão.

A noção de comunidade pode ser atribuída ao espaço do salão étnico, por exemplo, nos casos de mulheres negras com cabelos crespos e resquícios de alisamentos que buscam o salão para recuperar a autoimagem pouco valorizada e após primeiro contato, reconhece a própria beleza no trançado. A linguagem corporal informa direta ou via online e a pessoa chegará ao salão com grandes expectativas, porém o seu tipo de crespo em geral está tão fragilizado que o uso do qualquer aplique causará maior tração e irá danificar mais o fio a longo prazo. Esta mulher, ao ser atendida pela primeira vez terá seu cabelo analisado (couro cabeludo, força e flexibilidade do fio) e observada as condições reais para receber o penteado desejado. Em caso afirmativo, terá conhecimento do valor para realização do serviço. Em caso negativo, será orientada ao uso de produtos que fortaleçam o fio capilar crespo de modo que em determinado tempo poderá retornar. Este perfil de cliente é muito comum em salões étnicos. A escolha por substituir o uso de produtos químicos nos cabelos para aderir ao uso de tranças não configura uma escolha das mais fáceis, especialmente para as pessoas que trabalham com atendimento direto ao público ou que de longa data seguiram o caminho dos alisamentos facilmente acessados nas prateleiras das lojas e que podem gerar problemas considerando o teor do produto e a condição do fio.

Por outro lado, o uso de tranças na vida moderna atua como alternativa crescente de praticidade agregada ao caráter estético. Vide a ampliação do mercado da beleza. Todavia, podemos ilustrar casos de mulheres que não conseguem inserção no mercado de trabalho formal de acordo com o tipo de atividade profissional e a aparência dos cabelos crespos. Isso pelo fato de termos uma história de associação do cabelo crespo natural à ausência de higiene e beleza, destinando ao cabelo crespo natural o estereótipo de “desleixo” ou de pouco profissionalismo. A aparência capilar informa sobre maior ou menor grau de profissionalismo apontado pelo crivo julgador do senso comum repleto de olhares moralmente direcionados.

Os cabelos trançados acabam por compor esta mesma condição de associação ao “baixo profissionalismo” no ato de selecionar pessoal no mercado formal. Este dado já pôde

ser empiricamente comprovado em pesquisas no campo de contratação de pessoal e é constantemente pontuado na forma de denúncia por parte da sociedade civil e dos movimentos sociais negros e não raro foi ponto de conversa no salão Deby Tranças. A faceta cruel do racismo institucional ditando normativas da aparência. Para exemplificar, o caso com a cliente Carol, 23 anos, jovem negra, recém-formada em Direito, em processo de seleção no campo do Direito Tributário com diferentes níveis de avaliação (prova escrita, avaliação de currículo e entrevista). Após inúmeras tentativas de aprovação no processo seletivo a sensação de que a reprovação nas seleções anteriores, fase da entrevista, se deu por causa da aparência dos crespos devidamente trançados no salão Deby Tranças. Após a quarta ou quinta tentativa, a decisão de colocar um penteado “neutro” com cachos definidos na forma de megahair substituindo as tranças soltas. O investimento surtiu resultado e a aprovação enfim se concretizou e após a efetivação do contrato o retorno ao penteado trançado foi alvo de manifestações pouco afetuosas como: “o que houve com seu cabelo? ”, “você está tão diferente! ”, e a constatação pessoal de que se tratava da única profissional negra no setor de trabalho dentro do campo do Direito Tributário. A ilustração acima mencionada nos comunica grandes e intrigantes níveis de desafios que a sociedade contemporânea nos impõe em se tratando do reconhecimento e valorização da profissional negra pela sua capacidade técnica ou mérito acadêmico e não a permanência de critérios subjetivos de avaliação e seleção de pessoal. A meta de nossa jovem advogada negra é chegar ao cargo de juíza.

A narrativa empoderada e consciente acima, em muito dialoga com o pensamento de intelectuais negras contemporâneas como bell hooks, para a autora “encontrar uma voz é parte essencial da luta libertadora – um ponto de partida necessário para o oprimido, o explorado -, uma mudança em direção à liberdade” (HOOKS, 2019, p. 55), sintetizado no conceito de *autorecuperação* no qual hooks busca inferir o esforço cotidiano da pessoa negra em desenvolver comportamento de consciência frente aos contextos de opressão material ou simbólica, formando uma consciência crítica que favoreça a criação de resistências.

O ritmo de interação que existe dentro de um salão de beleza está em sintonia com a quantidade de experiência ali conduzidas. A cada pessoa ao adentrar naquele espaço, renova-se também as expectativas de olhar para si de outra maneira, na busca por alguma muito além da beleza. Há um constante redescobrir a si mesmo a partir do toque que o profissional exerce durante um determinado tempo. O espaço informa quais as intencionalidades, em termos de vivências na ambiência do salão podemos apontar narrativas variadas obtidas durante a observação participante.

Minha filha tem cabelos crespos e como mãe dela me preocupa não sabermos cuidar sem precisar alisar. A Deby cuida dos cabelos de minha filha desde muito pequenininha [dos seis meses aos nove anos] e vendo que deu resultado trouxe minha sogra que é negra e até meu marido para cortar. Stefanny tem hoje nove anos e não pensa em alisar os cabelos como as primas. (Mãe Stefanny, 9 Anos)

Eu liguei para Deby pedindo ajuda quando passamos cremes para alisar nos cabelos de Dandara pensando que ficaria mais fácil. Começou a cair e me apavorei. Toda vez que minha filha não consegue mais cuidar do cabelo dela o jeito mesmo é trançar aqui na Deby. Ela sai toda feliz e sorridente. Nunca mais vou fazer isso. (Jair, pai de Dandara, 12 anos)

Eu nasci em São Paulo e quando mudei para Curitiba achei muito estranho como tem poucos negros na cidade. Não sabia mais como cuidar dos crespos com tanta chuva, difícil secar. Ai soube do salão da Deby e achei um mundo de coisas que são muito úteis para nosso cabelo. Touca, enfeites, cremes e jeitos de cuidar que não se ensina na escola e em casa pouca gente sabe. Sou cliente há muitos anos e vi o que é importante se amar. (Carolina, 25 anos)

Já sou uma idosa e nunca aprendi um jeito de deixar meu cabelo bonito. É importante achar um jeito de arrumar e ficar bonita, dá gosto de ir ao trabalho toda arrumada. E troco toda hora de penteado e sei que vale a pena esse empenho de pegar um ônibus lá de Piraquara e vir até o centro para chegar aqui e vê esse monte de gente bonita. (Maria de Lourdes, 67 anos)

Um dia de trabalho no salão começa pela manhã e segue tão rápido que nem percebemos já é noite. Aprendi muitas coisas aqui que nem imaginava. Já sabia trançar os cabelos de minhas filhas, mas o que a Deby faz é arte. Desenhos na cabeça da pessoa tão cheios de curvas. A pessoa sabe como entra no salão e só imagina como vai sair. E para mim virou renda, pago as minhas contas. É cansativo, mas trabalho feliz, fazendo o que amo. (Flávia, 24 anos)

Há mais ou menos quatro anos eu deixei de usar química e a trança tem sido uma forma de me conectar comigo mesma, com minha identidade, com minha ancestralidade. (Selma, 30 anos)

As atividades em um salão de beleza negra vão muito além do manuseio dos fios crespos transformados em trançados simétricos. Envolve também o trabalho de escuta dos desabafos das clientes e a troca de experiências da vida adulta, as relações estabelecidas podem tornar-se amizades comprometidas e mediadas pela trilha sonora que não deve ser interrompida para manter o ritmo do trabalho. As mãos são ágeis e parecem máquinas em ritmo constante e movimentação contínua.

O perfil da clientela do Deby Tranças é notadamente feminino, mulheres negras, acompanhadas de seus dependentes sejam os filhos e filhas ou as mais velhas. A relação de confiança por vezes é de longa data, com clientes que já tiveram filhos e estes tornaram-se clientes também. O predomínio de pessoas que residem em Curitiba e Região Metropolitana em especial Colombo, Araucária, Pinhais, Fazenda Rio Grande todas com altos índices de população negra.

Os agendamentos são realizados via telefone e mais recentemente acontecem via aplicativos como whatsapp com a posterior divulgação dos penteados realizados nas redes

sociais como instagram⁴⁹ e facebook. A tecnologia está dentro do salão não apenas no quesito agendamento, ampliada para as formas de pagamento (máquinas de cartão eletrônico) e na disponibilização de wifi para acesso à internet. Um ponto relevante é a companhia constante, e atualizada, de referências musicais ou audiovisual, no caso do Salão Deby Tranças com forte teor de valorização da musicalidade negra do mundo, artistas que rompem as barreiras da desigualdade e disseminam sua arte pelo mundo digital.

O público masculino também marca presença no salão, notadamente profissionais das artes musicais, esportes e intelectuais negros da cidade. O espaço funciona como um ponto de cultura negra na cidade, sendo reconhecido para além dos agrupamentos de movimentos negros da cidade de Curitiba. Aliás essa é uma característica dos espaços de embelezamentos étnicos na Diáspora Africana.

O público LGBTQIA+ é crescente e interessado nos penteados trançados, coloridos e não convencionais próprios da diversidade em sua expressão estética, a presença ficou mais evidente após a ação de Débora Pereira ao tornar pública a orientação sexual como mulher lésbica, fator que segundo ela “demorou muito tempo” e já não há mais necessidade de manter essa decisão ocultada. Presença que não está restrita ao papel de cliente, mas também incorporada na equipe de profissionais da beleza, como: maquiadoras, barbeiras, trancistas.

Outra característica dos salões étnicos conduzidos por mulheres negras é a continuada presença de crianças e adolescentes nas dependências do salão, sejam elas filhos da proprietária ou das clientes. Fator que expõe uma lacuna nas políticas públicas pela não disponibilização de escolas públicas integrais permitindo que as profissionais da beleza possam exercer suas atividades laborais de forma menos sobrecarregada. Todavia, no caso do Deby Tranças ocorre a preocupação em disponibilizar atividades de leitura com bibliografia especializada em literatura infantil e negra. Nota-se ainda a presença da literatura afro-brasileira em especial aquela voltada ao público infantil, diante da constante presença de crianças no salão, merece destaque o livro *Betina*, de Nilma Lino Gomes (2009) pelo teor de aproximação da história com a trajetória de Débora Pereira. Destaque ao trecho que segue:

Enquanto trançava, avó e neta conversavam, cantavam e contavam histórias. Era tanta falação, tanta gargalhada que o tempo voava! E, no final, o resultado era um conjunto de tranças tão artisticamente realizadas que mais parecia uma renda.

⁴⁹ Deby Tranças / Referência em tranças e cabelos afros. 🌐 / Autoestima | Ancestralidade | Cuidado | Acolhimento link: <https://www.instagram.com/debytrancas/>

Quando a avó terminava o penteado, Betina dava um pulo e corria para o espelho. Ela sempre gostava do que via. [...] Os cremes que a avó usava para lavar o cabelo de Betina eram tão cheirosos! No outro dia, ao sair à rua com os cabelos trançados, por onde a menina passava, os comentários eram: _ que tranças lindas! _ Parecem rendas! [...] Mas antes de partir, eu quero lhe deixar um presente. [...] Vou lhe ensinar a fazer tranças. [...] (GOMES, 2009, p. 23)

A afetividade presente na literatura afro-brasileira enriquece os vínculos das clientes com o espaço do salão, além de situar via ludicidade a importância dos trançados para a cultura negra através da leitura. Aqui um ponto de convergência com o diálogo do salão Deby Tranças com o campo acadêmico e ativista local e nacional e o perfil interseccional que o salão de beleza étnico possui em sua proposta de formação continuada a partir dos cuidados com os cabelos crespos. Outras pesquisas (COUTINHO, 2010; BRAGA, 2015; OLIVEIRA, 2019) no mesmo campo de atuação também apontam esta faceta que em muito destoa do atendimento em salões de beleza convencionais.

As atividades do salão não cessam ainda que estejam sem clientes, há produtos especializados para a beleza negra e o autocuidado para expor, organizar matérias para usos contínuo e orientação para equipe de apoio de acordo com os penteados agendados. Ser empreendedora é desafiador em demasia para quem não pode ser apenas trancista, por considerar as camadas de necessidades sobrepostas, é necessário ser ainda mãe, formadora, contadora, secretária, recursos humanos, psicóloga, esposa, mulher, negra e lésbica. Trabalhar com beleza negra não é trabalho amador, o salão Deby Tranças é um exemplo disso. Nas palavras de Débora Pereira, ao atender uma cliente “pense que é você, o que você gostaria de receber ao sentar-se ali naquela cadeira? você quer se sentir como? olhe para ela com cuidado, veja o que ela quer. se colocar no lugar dela”

A trajetória profissional de Débora como trancista não se limitou ao espaço do salão de beleza, atuou como formadora em curso da capacitação de professores para a implementação da lei 10.639/03, destacando a formação no projeto “A Cor da Cultura”⁵⁰ realizada na cidade de Curitiba em 2010. Formada pelo PROUNI como Assistente Social. Atua como formadora em espaços acadêmicos, educacionais e culturais no sentido de localizar sua vertente criadora de penteados trançados e da valorização da cultura e da beleza negra a partir e em diálogo com o espaço profissional. Em suas palavras:

⁵⁰ A Cor da Cultura é um projeto educativo de valorização da cultura afro-brasileira, fruto de uma parceria entre o Canal Futura, a Petrobras, o Cidan – Centro de Informação e Documentação do Artista Negro, a Fundação Palmares, a TV Globo e a Seppir – Secretaria de Promoção da Igualdade Racial, e o MEC, através da SECADI.

a cultura e o espaço do salão fazem parte disso porque a beleza é um posicionamento político, nosso cabelo é um posicionamento político de quem somos, nossa identidade [...] minha relação com os cabelos começa a partir de mim, que queria estar muito mais próxima da minha identidade, minha ancestralidade, me descobrindo enquanto mulher negra, curitibana [...] eu penso o espaço do salão que a gente preserve a naturalidade dos fios, ambiente de resistência e cultura” (ENTREVISTA DÉBORA PEREIRA)

5.1 Memórias Traçadas nos movimentos das mãos

As técnicas aplicadas no Salão Deby Tranças foram aprendidas aos 19 anos através de um curso de Cabelereiro Afro realizado por outra mulher negra, D. Célia, na cidade de Araraquara/SP. O acesso ao curso foi possível a partir do núcleo familiar na figura paterna e da tia paterna de Débora Pereira ao questionarem sobre o que desejava aprender e a pronta resposta foi “quero aprender a cuidar do meu cabelo” por isso a figura paterna arcou com os custos para realização do mesmo.

O curso prático intensivo realizado em cabeça manequim de treinamento de cabelo, como ilustrado nas fotografias, com duração de 15 dias impulsionou o desejo de trabalhar como profissional da beleza.

FIGURA 34 e 35 – Registro Débora Pereira aos 19 anos - Curso Cabelereiro Afro



Fonte: Acervo Entrevista Deby Tranças (2002)

Ao finalizar o período do curso, Débora Pereira retorna para Curitiba e decide abrir o próprio espaço de trabalho na moradia alugada. O primeiro nome dado “Só tranças”, em 2008 e posteriormente “Deby Tranças”. Pouco tempo depois soube do falecimento de D. Célia e que ela foi uma das últimas pessoas que recebeu seu conhecimento sobre as técnicas de penteados Afro e ao lembrar o período de aprendizado o reconhecimento da importância em manter o legado de conhecimento técnico obtido de uma mulher negra.

Dentre as técnicas apreendidas estão: Colocação de Cabelo Natural; Microlink; Entrelace (costura na tela); Nó Italiano; Queratina (Colagem); Ponto Americano (tipo de nó de base fixa); Micro Nó; Método Trançadinho; Trançadinho camuflado; Crochê (Método); Twist com cabelo natural; Trançado com tela para disfarçar alopecia (ausência de fios); Tela para ocultar calvície (sem cola); Kanikalon (atual jumbo/fibra/orgânico); Miojinho; Crochê para trançar; Braid loose (técnica de colocação cabelo sintético em forma de twists aplicados 1 a 1 no método trançadinho; Kinky twist; Twist enraizada; Twist rasteira; Raiz trabalhada; Raiz alimentação de trança; Escama de peixe; Dreads sintéticos (lã, miojinho, desfiado); dreads cabelo desfiado e agulha de crochê. Elencamos alguns registros fotográficos para ilustrar os modelos e técnicas realizadas no espaço de embelezamento e obtidos do acervo do salão Deby Tranças, associada às narrativas dos procedimentos para a elaboração do mesmo. Importante pontuar que o avanço do mercado da beleza em disponibilizar maiores opções de ferramentas de trabalho como pentes, pinças, luvas, cremes adaptados as diversas texturas do fio crespo, do mais ondulado ao mais carapinha.

A adaptação do mercado da beleza às demandas do mercado consumidor é perceptível nas últimas décadas no mercado mundial em geral e brasileiro em específico. O constante crescimento está associado ao papel da estética capilar na consolidação da autoestima da pessoa negra, tanto para o universo feminino quanto para o masculino e as diversidades de expressões não binárias. O crescente mercado do autocuidado altera a rotina de higienização e embelezamento da pessoa negra ainda que seja voltada para algum evento específico como celebrações familiares, festividades culturais ou religiosas. Sentir-se belo e bela percorre toda fase da vida _ da infância à melhor idade_ e não se trata de atividade puramente individual, há o envolvimento da coletividade inclusive no campo de reconhecimento de beleza no serviço recebido a exemplo do executado no Deby Tranças e nos custos atribuídos para a sua execução. A beleza negra é almejada na dimensão da dignidade humana e os salões de embelezamento negro irão suprir uma lacuna histórica rompendo com um ciclo de invisibilidade e constrangimentos quanto a estética negra. Nas palavras de Débora Pereira “quero cuidar e atender como eu gostaria de ser atendida e cuidada”.

FIGURA 36. Técnica Trança Nagô com raiz trabalhada



Fonte: Acervo Entrevista Deby Tranças (2018)

A técnica do trançado prima por organizar os fios crespos na forma de desenhos geométricos e exigem a prévia definição do modelo desejado via fotografia de inspiração, associado as condições do fio capilar para receber o penteado e o tempo disponível para tal. Desembaraçar, higienizar, escovar os fios com ar quente, separar as partes dos cabelos na forma geométrica desejada e associar ao fio natural o uso de extensões capilares sintéticas para adquirir o comprimento desejado. Na figura acima temos um modelo trançado com desenho de estrela e ondulações no formato da trança nagô enraizada. Os utensílios utilizados são pentes com separador, fios lastéx⁵¹, pomadas fixadoras e manteigas vegetais para hidratação. O tempo de elaboração do penteado segue em torno

⁵¹ Utensílio muito usado no salão, um tipo de fio elástico, composto por látex e poliéster, utilizado em costura de roupas e adaptado ao uso capilar.

de duas horas e dependerá do nível de complexidade das formas geométricas e da extensão capilar desejadas. A duração do penteado pós atendimento dependerá do cuidado destinado ao dormir e na higienização evitando excesso de umidade.

O modelo de trançado é procurado por homens e mulheres com texturas crespas com objetivo de participar de alguma festividade ou evento, associado ao período descanso nos cuidados com os crespos pois ele “já está pronto para sair”, ou seja, o tempo de preparação dos cabelos para realização de tarefas externas é muito reduzido. O modelo é muito elogiado nos espaços de convivência e possui forte adesão em contextos culturais e educacionais.

Figura 37. Técnica de trançado tipo “Twist” com cabelo natural



Fonte: Acervo Entrevista Deby Tranças (2016)

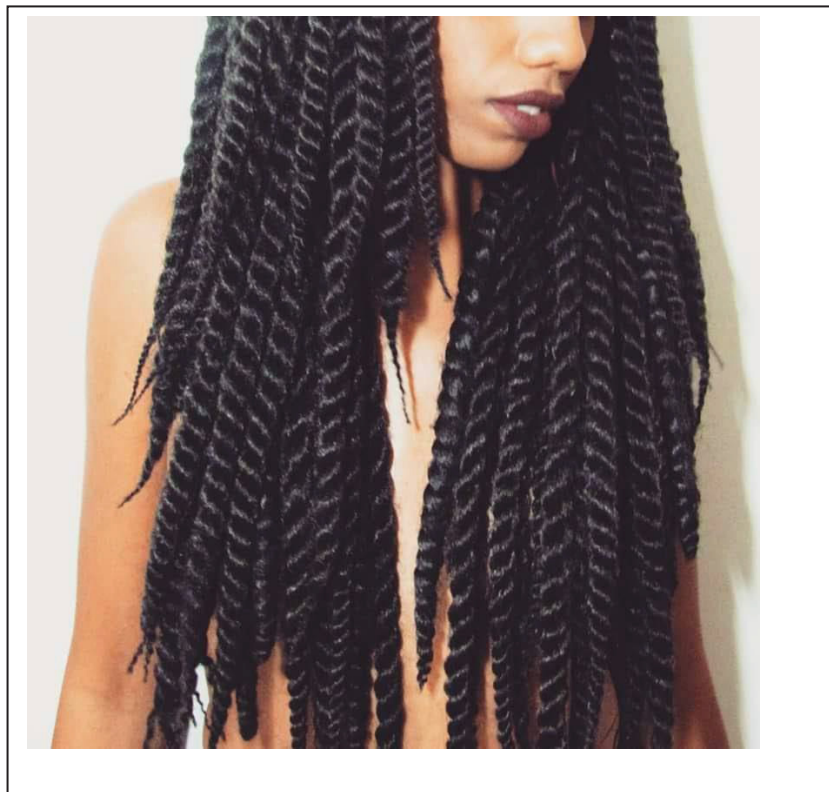
A técnica de trançado Twist possui a característica de envolver duas mechas de cabelos previamente separadas, na figura acima está elaborado integralmente com o fio crespo natural da pessoa. A origem remete a diferentes culturas africanas como Senegal, Namíbia, praticidade do penteado o popularizou pela redução do volume e a maior definição da textura crespos de modo uniforme. A separação em mecha com dimensões similares auxilia na identificação da saúde do couro cabeludo. Utilizado nos cuidados com as crianças e idosos.

Penteado muito apreciado pelo público feminino de todas as idades, versátil e presente em diferentes contextos sociais, no Brasil pode ser identificado como “baião de

dois” ou “trança de dois” e está presente nos hábitos de higienização dos crespos desde a mais tenra idade como substituto ao coque único no centro da cabeça. O twist é um penteado de fácil aprendizado e muito apreciado por quem deseja se especializar nas técnicas capilares voltadas para os fios crespos. Associado ao uso de manteigas, óleos e cremes promove maior hidratação.

No contexto profissional adquire maior detalhamento na elaboração associado aos utensílios como forma de separação das mechas, pomadas fixadoras para maior durabilidade, uso de extensões sintéticas para aumento do comprimento dos fios, enfeites variados para adornar.

FIGURA 38- Técnica Braid loose (técnica de colocação cabelo sintético em forma de twists aplicados 1 a 1 no método trançadinho



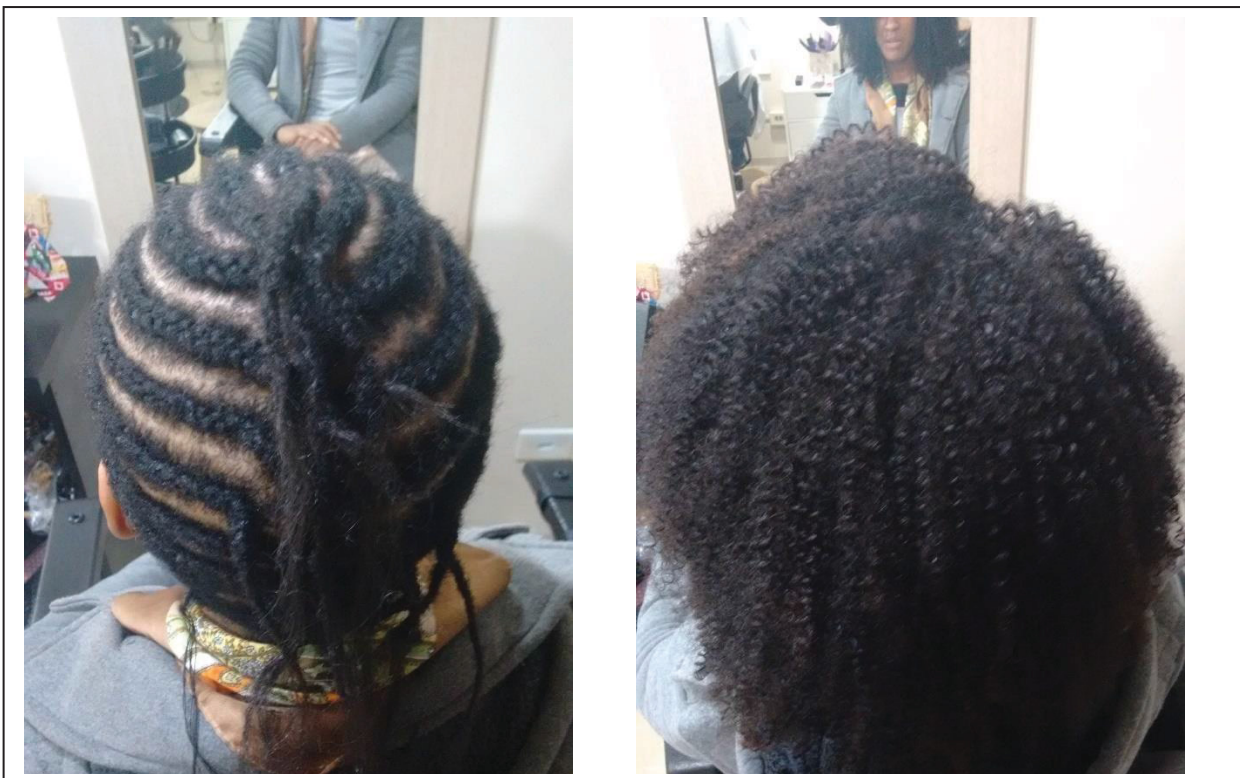
Fonte: Acervo Entrevista Deby Tranças (2020)

A tecnologia social do trançado está intimamente interconectada com as linguagens performáticas e na última década impulsionada pela massificação no uso dos celulares, da internet e de redes virtuais de interação. O valor cobrado pelo serviço será de acordo com a técnica e resultados desejados, além do tipo de material e tempo de execução. O pleno domínio da técnica é o grande diferenciador da prestação de serviço no campo da beleza negra e a comunicação via redes virtuais configura impacto direto no acesso as novidades

e tendências de moda e propostas contemporâneas de cuidado com os crespos sob a perspectiva da valorização de referências afrocentradas.

São várias as técnicas que possuem procedimentos similares que adquirem nomenclaturas próprias como forma de distinção no ato de execução (fio capilar humano ou sintético, tipo de cola capilar ou fio de costura para fixação). Todavia o objetivo central é adquirir maior volume e comprimento dos fios a medida que a trajetória da pessoa foi marcada pela perda dos fios naturais (por motivo de uso excessivo de procedimentos químicos e do calor) situação com forte impacto na autoestima da pessoa negra e crespa.

Figura 39, 40, 41: Técnicas: Microlink, Entrelace, Nó Italiano, Fixação por Queratina



Fonte: Acervo Entrevista Deby Tranças (2018)

Figura 42, 43, 44, 45. Técnica do Entrelace (costura na tela) e trançado com tela para disfarçar alopecia⁵²



Fonte: Acervo Entrevista Deby Tranças (2018)

⁵² (ausência de fios)

Na figura acima temos o passo a passo. Inicialmente é elaborada uma base trançada com o cabelo da pessoa rente ao couro cabeludo, os cabelos trançados em espiral destinando proteção aos fios naturais sem danificá-los. Esta base poderá receber diferentes apliques de cabelos com texturas variadas. A “saia de cabelo” é costurada sobre a espiral de cabelos, ocultando-os. A costura é realizada com agulha para bordado sem ponta para não machucar nem a cliente, nem a profissional. Utiliza-se linha ‘pesponto’ que possui formato mais grosso para evitar rompimento na costura. A aplicação segue o formato do trançado com sequência de pontos caseados entre a “saia de cabelo” e a trança. Ponto caseado consiste em passar a agulha entre a trança e a “saia de cabelo” no mesmo ponto, mesma altura. Quando a agulha sai da trança é elaborado um laço de arremate e fixação. Seguindo a extensão da “saia de cabelo” e a espiral de tranças que percorre todo couro cabeludo. Este método visa a proteção do fio capilar da pessoa.

O cabelo a ser colocado precisa ser preparado antes, com uma técnica de costura em máquina, onde os fios que farão a extensão ficam "presos" em uma espécie de "saia" de cabelo.

Método entrelace o cabelo à ser aplicado precisa ser preparado antes, com a técnica em máquina de costura, é um ‘tecimento’ onde os fios que serão aplicados e ficam presos em uma tela (saia de cabelo), esta tela é composta em metro e adicionada ao cabelo natural e vai de acordo com a quantidade de fios capilares da pessoa, por isso é um serviço personalizado. Exige técnica e orientação profissional. A técnica tem por objetivo proteger o cabelo natural e proporcionar mais volume, comprimento e quantidade desejada através da aplicação, como explica Débora Pereira.

O interesse do público feminino, mulheres negras adultas e com inserção no mercado de trabalho. O contexto de alopecia ou perda química dos fios naturais é o principal motivador para uso da técnica. A vantagem de mudança rápida e eficaz da aparência capilar afeta na autoestima e o investimento no penteado é planejado a médio prazo de acordo com orçamento pessoal. A sensação de vergonha por não ter cabelos crespos volumosos e compridos é suprida com o agendamento e realização do penteado que possui duração de até 90 dias, todavia há caso que mulheres que utilizam por 180 dias ainda que a orientação seja a constante manutenção do alicate capilar.

Figura 46, 47, 48, 49 – Técnica Kanikalon (Atual Jumbo/Fibra/Orgânico) e Trança raiz com alimentação fibra



Fonte: Acervo Entrevista Deby Tranças (2016)

A escolha pelo penteado envolve também o núcleo familiar que por vezes participa parcial ou integralmente dos custos do mesmo. Maridos, namorados, pais presenteiam a figura feminina (mulher, filha, namorada).

Figura 50,51, 52 – Técnica “Nó Italiano”



Ao replicar a técnica aprendida Débora Pereira repetidamente exerce a criatividade ao adaptar as necessidades que surgem para cada situação. Nas palavras da trancista: “Método indicado para aplicação onde se deseja, volume, comprimento e existe a opção de ter os fios naturais da cliente soltos e também podem ser cortados após a aplicação, mantendo somente o cabelo que foi aplicado como extensão capilar”.

A descrição do passo a passo da técnica configura um exercício de nomear a ação em seu processo. A mimese do gesto, para Gebauer (2004) “não se trata apenas de uma repetição maquínica de gestos, hábitos e valores, mas sim de um comportamento aprendido e preche de significados comuns”.

Nesse sentido segue a descrição da técnica do nó italiano.

O método consiste em separar o cabelo em fileiras, preservando as margens do couro cabeludo com objetivo de ocultar posteriormente com objetivo de obter acabamento mais natural. O cabelo é separado em fileiras, posteriormente em pequenos quadradinhos, para cada quadrado será inserido a mecha de aplique capilar humano. É utilizado fio sintético tipo lastéx. São cortados em tamanhos de 10cm para ser envolvido (com 5 a 7 voltas) no cabelo natural e a mecha capilar, concluindo com um nó simples e deixar bem firme. Método de amarração entre cabelo da pessoa e a extensão capilar aplicado. Não utilizar qualquer procedimento químico, somente a técnica manual. A duração pode chegar até 90 dias de acordo com a higienização e cuidado com uso de calor e excesso de umidade. (ENTREVISTA DÉBORA PEREIRA, 2023)

O domínio da técnica associada ao gesto mimético permite a criação de penteados que ultrapassam a ação repetitiva em si, mas torna a figura da profissional trancista co-criadora do símbolo capilar. Na ambiência do salão de beleza étnico o foco nos crespos expõe elos de ancestralidade com a matriz cultural africana que historicamente lança mão de técnicas ancestrais de tingimento, aumento na extensão dos fios, elaboração de desenhos e esculturas muito anteriores aos tempos coloniais.

Entre um padrão de beleza real e um ideal, a partir do modo em que ele é cortado, tratado, alisado, raspado ou trançado o crespo nos revela a identidade, os conflitos, as idealizações e aspirações de quem os porta. Cuidar dos cabelos é antes de tudo, cuidar da cabeça, um espaço profundamente simbólico. É, por extensão, cuidar da pessoa. Pentear os cabelos é um momento ritualizado de vivenciar tudo o que a cabeça representa para a pessoa e para seu grupo. (LODY, 2004, p.100).

Assim como os trançados, os crespos podem ser ornamentados de variadas formas, nesta investigação o destaque dado para dois penteados ancestrais afrocentrados: tranças e dreads. No salão Deby Tranças a procura pelo penteado dreadlock é preferencialmente feita pelo público masculino e a replicação da técnica aprendida foi aperfeiçoada com a expertise profissional. Vale pontuar que é crescente o campo de interesse e também de

utensílios próprios para a sua execução, como: agulhas de costura adaptada ao fio capilar, extensões sintéticas e de fio humano organizados na forma cilíndrica e incorporada ao cabelo natural. A criatividade é fator indispensável para o mercado da beleza capilar crespa.

Outra técnica de dreadlocks muito bem aceita entre as pessoas interessadas nesse tipo de penteado é a elaboração de extensões capilares na espessura e diâmetro desejadas e posteriormente aplicados no couro cabeludo, preservando o cabelo natural da pessoa na forma de tranças simples ocultas pela técnica. O estilo é procurado pelo público jovem, predominantemente vinculados ao campo das artes (música, teatro, dança, artes visuais).

Figura 53, 54 – Técnica Dreadlock sintéticos com uso de lã



Fonte: Acervo Entrevista Deby Tranças (2018)

O uso dos dreadlock no contexto brasileiro possui histórico de marginalização e estereótipos, todavia o interesse de homens negros é constante. É possível apontar também o crescimento no interesse de mulheres negras ao penteado embora a pressão social tenha importância na escolha da aparência capilar. A alternativa encontrada é o uso do penteado dreadlock de forma provisória utilizando extensões capilares sintéticas ou naturais associada as técnicas já realizadas com os trançados. Na imagem acima, o cabelo

natural é ocultado e totalmente envolvido em fio de lã na mesma tonalidade do fio natural, mantendo a aparência do penteado dreadlock com roupagem contemporânea.

Nas figuras temos o passo a passo dessa técnica elaborada em uma mulher. O uso da técnica se aproxima mais do campo da moda afro como forma de expressão da individualidade e seu elo com as cosmovisões africanas.

Figura 55, 56, 57, 58. Técnica de Dreadlocks com cabelo desfiado e agulha de crochê.



Fonte: Acervo Entrevista Deby Tranças (2018)

Importante pontuar que o uso do penteado dreadlock não significa que a pessoa seja adepta a filosofia rastafári, o propósito difere em especial por utilizar fibra capilar de outras

pessoas e a forma de cuidado segue a perspectiva de cultivar a própria fibra capilar por considerarem os cabelos como elementos corpóreos sagrados.

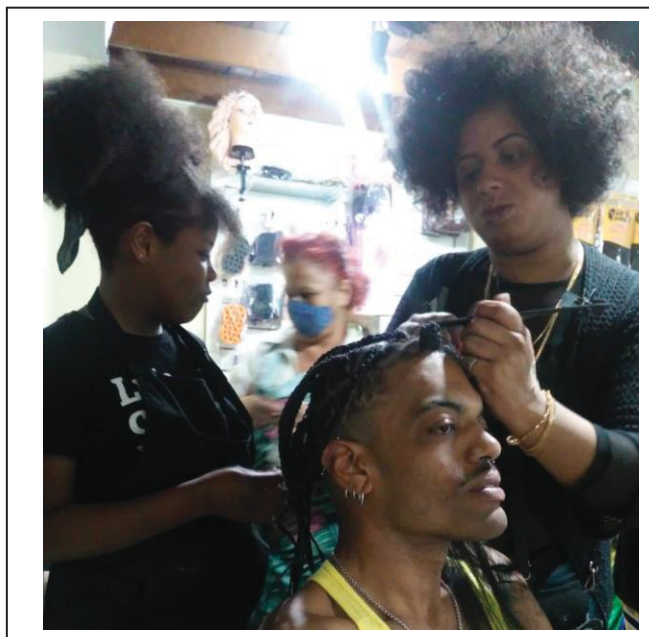
Em termos da relação ensino-aprendizagem a dinâmica do curso inicial de formação profissional de Débora Pereira estava sustentada pela noção de oratura, conceito que percebe a relação de oralidade em diálogo com a gestualidade e a performance na realização de determinada tarefa como a elaboração de um penteado trançado. A condução da mentora do curso D. Célia estabelecia estágios ou etapas a serem superadas, nas palavras de D. Célia “não é pelo tempo, é por aprendizado” relembra Débora Pereira ao ser entrevistada. A possibilidade de aprender outras técnicas, cada técnica capilar aprendida e demonstrada passo a passo “do começo ao fim” a transmissão de um saber.

A oratura também se mostra presente na dinâmica de ensino-aprendizagem replicado no salão Deby Tranças ao longo de quase duas décadas. A capacitação técnica de outras mulheres negras, jovens e adultas, que desejavam ser trancista ou profissionais da beleza negra e terem autonomia na renda familiar. As parcerias foram muitas e a cada nova visita ao salão, novos rostos de mulheres negras e homens negros, muitos em fase de redescoberta de sua sexualidade.

Nem todas mantiveram proximidade com a mentora após o período de aprendizado prático. Há um histórico de mulheres (brasileiras e africanas) que receberam capacitação no Deby Tranças, foram incorporadas na equipe de apoio para elaboração dos penteados e após adquirirem autonomia técnica e segurança na condução do mesmo buscavam caminhos próprios como profissionais. Nesse contexto, há queixa contundente de Débora Pereira ao expor que após acolher essas mulheres e transmitir seu conhecimento a sensação de se sentir “usada” e “preterida” com a ruptura na relação profissional e saída abrupta da pessoa em formação. Nas palavras dela “elas chegam destruídas, sem profissão, muitas apanharam do companheiro ou não são aceitas na família. Acolho, oriento e ensino formas de ter o seu próprio dinheiro sem depender do marido que muitas vezes bate nela. Quando aprendem, pegam minhas clientes e vão atender em outro lugar”

A transmissão da técnica de tranças é realizada também dentro do núcleo familiar, a filha primogênita Naomi Pereira, 13 anos já nasceu no ambiente do salão de tranças é trancista mirim desde os 8 anos e Jamal Prince, seu filho de 4 anos importante companheiro na rotina do salão. Débora Pereira também recebe apoio do núcleo familiar direto como mãe e pai, seja nos cuidados com os filhos ou no apoio logístico do salão.

Figura 59 – Encontro de gerações – avó materna, mãe e neta com fibra e tramas - 2022



Fonte: Acervo Entrevista Deby Tranças (2022)

Na Figura acima a presença de Naomi (filha) ao lado Débora (mãe) na execução de um penteado e a avó materna ao fundo organizando o espaço para próximo atendimento. Nesse contexto podemos perceber a oratura como marca da função de trancista evidenciado pela performance em que a técnica é transmitida, os movimentos das mãos e dos dedos em forma de “pinça” (dedo indicador e dedo anelar) segurando a mecha de cabelo, seguido da rotação da mão direita para recomençar a técnica.

Em termos de aprendizagem mimética, como pontuado por Gebauer (2004) a movimentação das mãos configura “momentos criativos” e “constroem caminhos entre o interno e o externo” entre “as coisas e as imagens”. Nas palavras do autor, “Os processos miméticos desempenham um papel central para o desenvolvimento do saber prático que, dentre outros, é determinante para o agir social. Assim a competência de poder agir com sucesso no interior das instituições sociais é adquirida continuamente nas ações miméticas. (GEBAUER, 2004, p. 15)

A convivência diária com a rotina no salão de tranças permitiu a imersão no processo criativo de ensino e aprendizagem envolvendo todas as fases de elaboração do penteado, da chegada da cliente e elaboração do mesmo. São várias profissionais trabalhando em uma mesma cabeça exercendo funções diferentes entre o desembarace dos fios, a separação das mechas na dimensão de cada penteado, a aplicação da fibra capilar sintética seguindo a divisão feita anteriormente, a acabamentoo com o corte dos fios sintéticos

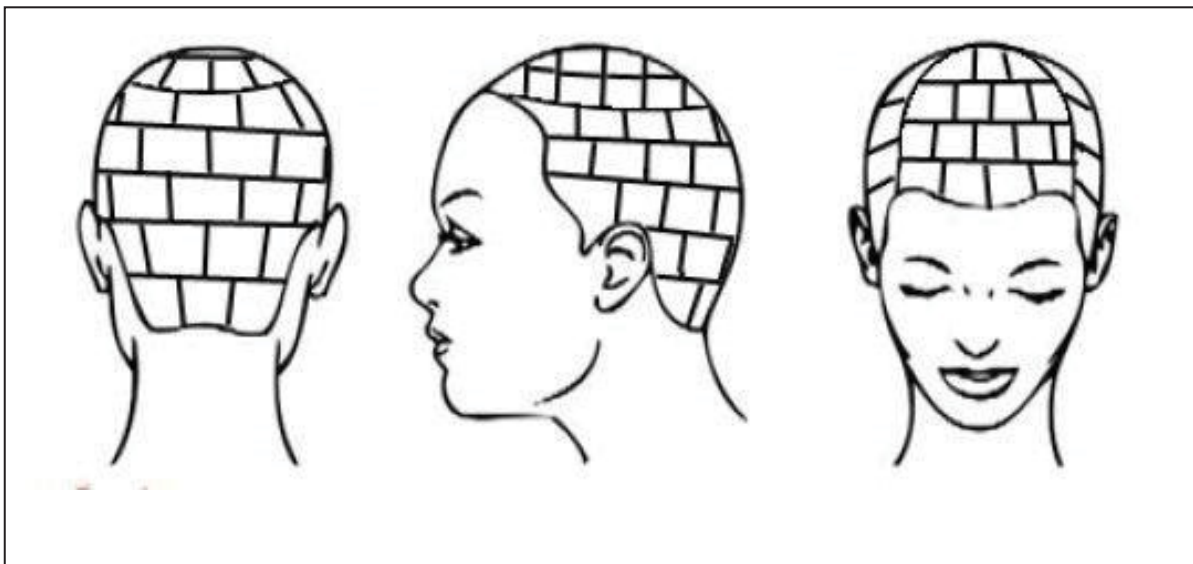
excedentes e uso de água quente quando necessário. Todo o processo possui diferentes temporalidades com durações que variam de três a dezoito horas de trabalho contínuo.

A dedicação ao ato de trançar é integral, fato que exige física e mentalmente da profissional que precisa equilibrar o impossível. No entanto, a atividade como trancista é realizada com muito empenho, talento e dedicação e está em contínuo processo de redescoberta de si acionando para tanto a dimensão do sagrado e no caso de Débora Pereira, através das religiões de matriz africana a exemplo do candomblé e da umbanda na busca por cuidar de sua cabeça ancestral enquanto filha da yabá Oxum “Orá Yê Yê Ô”.

Diante do contexto pandêmico do COVID-19 nos anos de 2020-2021 instaurou-se a necessidade de adaptação profissional diante do forte impacto sanitário e orçamentário da população, incluindo profissionais da educação e dos profissionais da beleza negra.

A alternativa encontrada foi a partir do Salão Deby Tranças de Curitiba a possibilidade orientar as pessoas interessadas em cuidados com os crespos utilizando produtos naturais associado ao uso de penteado tradicional de origem africana denominados como Bantus Knots ou Birotés. A técnica do penteado envolve a separação em mechas formando quadrados ao longo do couro cabeludo.

Figura 60 – Ilustração Cabeça com a separação em mechas



FONTE: <https://www.shutterstock.com/pt/search/similar/1763757038>

Para cada mecha capilar a aplicação de igual quantidade de manteiga vegetal (preferencialmente de plantas como karité, argan, aloe vera, rícino) associada ao creme capilar usual. Após a higienização dos fios com shampoo, a separação gradual em pequenas mechas, seguido da aplicação do unguento. Cada mecha, novamente separadas em mechas menores e a elaboração de twist (duas porções de cabelos contorcidas) e

envolvidas em formato de pequenos coques ao longo de toda extensão couro cabeludo. Após a conclusão de toda fibra capilar a orientação de retirar excesso de umidade com uso de calor, de origem solar ou secador de cabelo elétrico. Após três dias o desenrolar dos coques. O resultado é a definição de textura capilar uniforme com fio altamente hidratados.

Figura 60 e 61 – Penteado Tradicional Africano adaptado ao contexto brasileiro



Fonte: Acervo de Pesquisa da autora (2020)

Concomitante ao penteado birotos a proposta de orientação sobre o processo de retoque dos dreads à moda moçambicana. A novidade introduzida ao contexto do salão Deby Tranças inseriu a oportunidade de ampliar as ações de socialização da Semiótica Capilar Crespa em diferentes contextos e realidades sociais, naturalizando assim o uso de penteados tradicionais de matriz africana como os birotos, as tranças e os dreads que são nada mais que diferentes momentos de autorrealização da beleza capilar negro-africana adaptada ao contexto brasileiro.

O intercâmbio de saberes propostos entre o conhecimento produzido na universidade e os conhecimentos produzidos no salão de beleza negra aproximados pela metodologia da oratura considerada como mecanismo de ensino-aprendizagem da performance na realização do penteado afrocentrado.

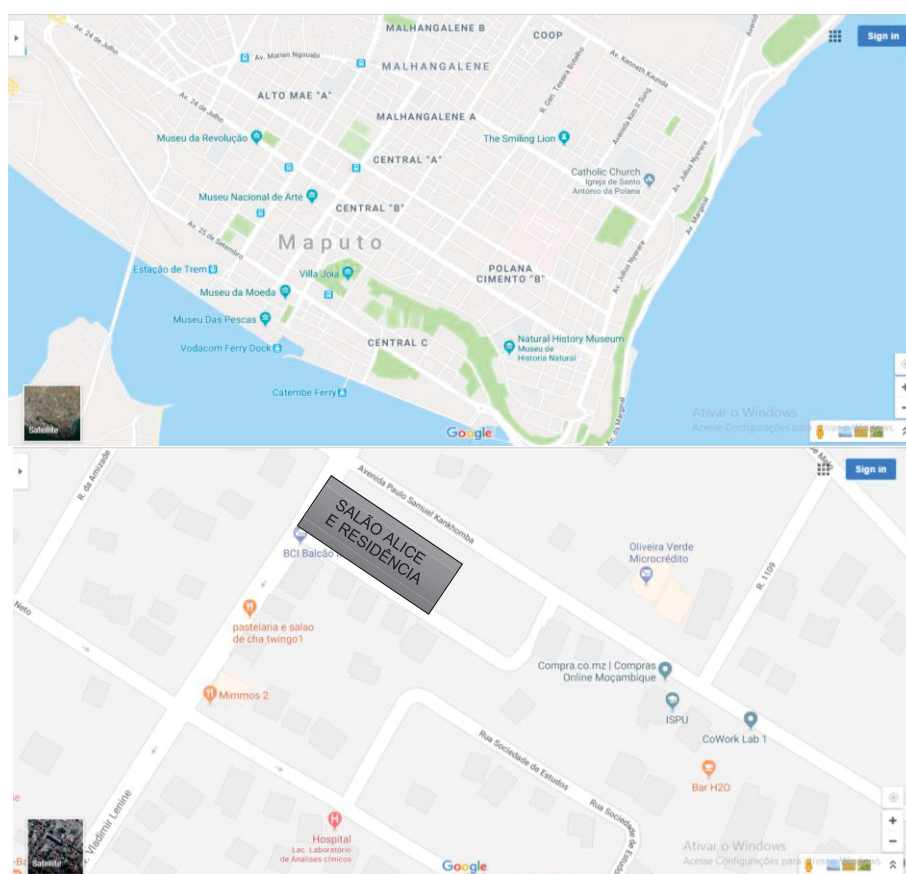
Tivemos algumas experiências exitosas com perfis bem diferentes, homens e mulheres com faixa etária entre 11 anos até 62 anos, todavia com o mesmo interesse aprender sobre o autocuidado com dreads e crespos sem uso de produtos químicos.

6. EXPERIÊNCIA ESTÉTICA DREADS: SALÃO ALICE EM MOÇAMBIQUE

A ida ao continente africano nos anos de 2016 e 2017 concretiza a possibilidade de interação direta e consequente observação dos ritos de beleza capilar realizados na cidade de Maputo. Todavia, o momento da pesquisa destinou atenção especial ao campo do penteado dreads à moda moçambicana, ou seja, elaborado de forma que utilize a própria fibra da cliente e sem uso de produtos químicos, preservando a saúde do fio.

Localizada na África Austral, a capital Maputo é uma região que possibilita encontros de culturas moçambicanas e do mundo, centro comercial e político com forte elo histórico com a colonização portuguesa de tempos coloniais e seus ecos na atualidade. A obrigatoriedade da língua portuguesa em espaços institucionais tem muito a nos dizer, tal qual os códigos sociais de “boa aparência” para que se possa ocupar ambientes públicos como o de profissionais formais com forte influência ocidental.

FIGURA 62, 63 – Cidade de Maputo e Localização Salão Alice - Família Thavede



FONTE: Google Maps⁵³

⁵³ Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/@-25.9621245,32.5832489,19.12z>. Acesso em: 04.04.2023

É uma cidade tanto plural culturalmente quanto desigual economicamente. Nesse sentido, o salão de beleza é um espaço que pode atuar como um microcosmo social por ser frequentado por diferentes perfis visando obter a aparência capilar desejável ao espaço almejado. Mirabas⁵⁴, Jimis⁵⁵, apliques e perucas são facilmente encontradas e adaptadas aos respectivos bolsos e classes sociais diante da variação a depender do material utilizado (sintéticos mais acessíveis, naturais com maior custo). Nesse contexto, estudos antropológicos realizados em Maputo indicam caminhos de reflexão, a exemplo de CRUZ, Denise Ferreira da Costa Cruz (2015, 2017) que nos aponta para o conceito de “estética da cabeça” para se referir as rotinas de embelezamento capilar “os cuidados com os cabelos assumiram, entre as moçambicanas que conheci, um gesto que a um só tempo desloca nosso olhar e o foco da análise do cabelo para a cabeça” (CRUZ, 2015, p. 139)

O mercado da estética capilar moçambicana gesta uma economia crescente e com grande presença do público feminino. Por toda cidade podemos encontrar salões de beleza para todos os fios e fins, sendo os trançados um universo por si só. Gerador de renda para as empresas multinacionais e permite circulação na economia local por permitir autonomia para as profissionais da beleza que expõem seu talento em geométricos trançados e elaborados penteados.

Em 2016, acompanhei diferentes mulheres moçambicanas e brasileiras em salões de sua confiança com intuito de conhecer a vastidão de possibilidades existentes em contexto africano. Alguns pontos merecem destaque: 1. a constante queixa de que “os cabelos carapinhas não crescem como os cabelos das brasileiras das novelas”; 2. a intensa vontade de experimentar as novidades da indústria da beleza que chegam aos salões, inspiradas na indústria cultural norte-americana; 3. a crescente especialização de serviços e produtos abarcando ampla diversidade de modelos de penteados; 4. maior flexibilização para o público feminino moçambicano para diversificar a aparência capilar. Miúdas (meninas) portando elaboradas mirabas enfeitadas de miçangas coloridas e as raparigas (mulheres) com apliques com texturas variadas das onduladas às texturas mais crespas. Além do restrito universo de opções para os miúdos (meninos) o corte em máquina zero.

O frenesi de pessoas é intensificado nas proximidades dos mercados, tais como: Mercado Central, Mercado Janete e Mercado Xipamanine (tradicional). Segundo Mbokolo (2011)

⁵⁴ Denominação dada aos penteados na forma de tranças na região de Moçambique. Modelo próximo ao estilo trança enraizada nagô, no contexto brasileiro.

⁵⁵ Estilo de cabelo crespo com textura tipo africano. Modelo próximo ao estilo black power.

o sector informal da economia moçambicana, passa a ter grande importância socioeconômica, além de se constituir como fonte de ocupação, renda e sobrevivência da maior parte da população. Assim, a busca pelas condições mínimas de mobilidade social e serviços básicos como educação, saúde e entretenimento, movimentam as estruturas urbanas da capital Maputo que passa a ter ruas ocupadas por milhares de “empreendedores informais” (ambulantes) (MBOKOLO, 2011)

Nas mediações do Mercado Janete, região central da cidade de Maputo, fui apresentada ao Salão Alice, uma empresa familiar que atende há quase 30 anos, sem placas de identificação e duas entradas. O salão Alice destina atendimento ao público de segunda à sábado ofertando grande diversidade de opções de cuidados com os cabelos das moçambicanas, em geral com textura muito crespa do tipo carapinha. Pela entrada principal, o atendimento pode ser inspirado na indicação das irmãs e gestoras do espaço Finoca Thavede e Esperança Thavede ou por desejo prévio da cliente exposta na tela do celular ou inspirada nas artistas da moda.

Mirabas, alisamentos, apliques, cortes, tingimentos de adultas e crianças são elaborados pela equipe de profissionais composta por mulheres moçambicanas ao longo dos dias. Jovens moçambicanas exercem diferentes funções no espaço do salão de acordo com grau de domínio. Organizar o espaço de atendimento, aquisição de materiais de uso contínuo, elaboração de penteados ou aplicação de produtos de tingimento ou alisamentos.

Na entrada secundária ou “dos fundos”, o atendimento exclusivo para dreads naturais elaborados pelo irmão e cabelereiro de dreads Raimundo Thavede ou “Tio Ray”. O primeiro contato aconteceu através de mediação da jornalista e pesquisadora Evanise Gomes, brasileira e residente em Moçambique e retoca os dreads no salão. A proposta inicial era observar a dinâmica de atendimento no salão para posterior mudança na textura dos crespos naturais em dreads.

O trabalho etnográfico focou atenção no espaço destinados para as dreads visando compreender com maior atenção as motivações para o uso do penteado dreads pelo público feminino moçambicano, sob a supervisão do responsável pelo espaço. E também no papel de cliente com a feitura dos próprios dreads e a intencionalidade de aprender a elaboração do penteado para replicar em contexto brasileiro. Nesse primeiro contato, o ponto alto de interesse de investigação girava em torno da maciça presença de mulheres moçambicanas de todas as faixas etárias em busca deste tipo de cuidado com os cabelos, tornando-os em dreads.



Fonte: Acervo de Pesquisa da autora (2017)

Em termos de linguagem visual, as duas entradas do imóvel alugado informam sentidos destoantes, enquanto a fachada principal possui paredes pintadas continuamente, ambiente bem iluminado/ventilado, mobiliário setorizado com cadeiras, secadores de parede, bancada com espelhos, mesas de apoio e banheiro. No outro extremo, a entrada secundária mal possui pintura externa, baixa iluminação, piso de cimento e pouco mobiliário com pouca ou nenhuma manutenção. São dois salões em um.

A sala de atendimento de dreads possui uma janela pequena, pouca ventilação. Dois espelhos grandes nas paredes, secador de pé, algumas cadeiras, bancada com exposição de produtos para dreads (e tingimento dos fios) e uma tv. A decoração é centrada em uma foto do artista jamaicano Bob Marley, ícone da cultura dos dreadslocks e da filosofia rastafári por afeição de Raimundo Thavede.

A rotina no espaço de embelezamento começa muito cedo (entre 3 e 5 horas da manhã) e o ritmo da cidade é gradualmente intensificado. Localizado na região central, as ruas de acesso são altamente frequentadas por carros, motos, pedestres e não raro os atendimentos começam antes mesmo do raiar do dia com mulheres moçambicanas que chegam com objetivo de “retocar” os dreads antes da entrada no trabalho às 8 horas da manhã.

A duração do atendimento depende da extensão e quantidade de cabelos com a média de 2 horas entre início e conclusão do penteado no caso do penteado dreads. O dia

a dia no espaço do salão é construído na convivência, muito mais do que no atendimento meramente formal de prestação de serviço há relação de confiança em cada pessoa ali atendida, muitas delas de longa data. Raimundo se dedica integralmente ao atendimento de sua clientela há duas décadas tornando-se profissional pela prática cotidiana, gestando as necessidades do espaço de forma autônoma ainda que o Salão Alice de forma integral possua acordos de gestão partilhada (gastos com água, luz elétrica, locação do imóvel).

O principal público atendido são mulheres, moçambicanas, profissionais de diferentes áreas com faixa etária muito ampla entre 2 anos aos 79 anos. Todavia, o público com maior atendimento permeia entre os 35 e 55 anos, em especial àquelas com maior elo com os cuidados com as dreads. Como as clientes que possuem dreads há mais de 14 anos, mantendo a rotina de retoque.

Figura 66, 67. Atendimento no Salão Alice para retocar dreads – 2017



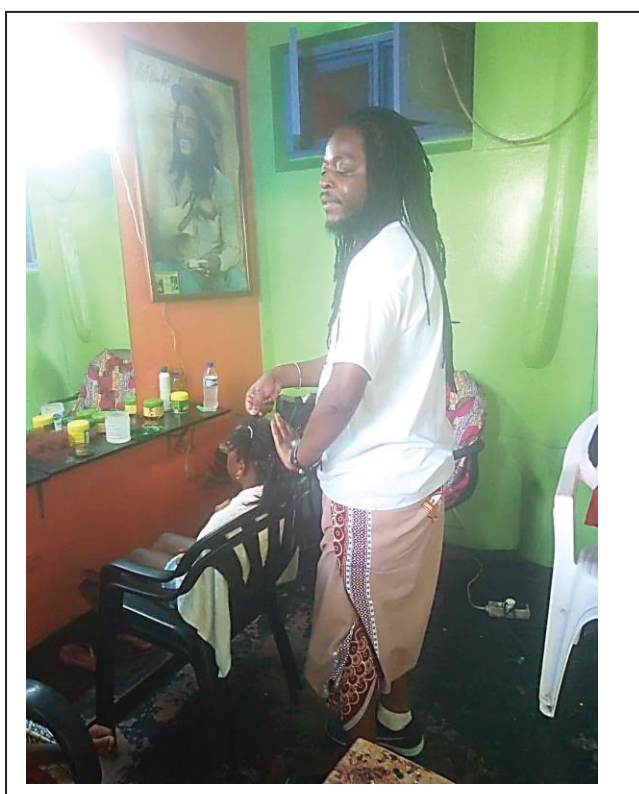
Fonte: Acervo de Pesquisa da autora (2017)

A Figura acima retrata a rotina das manhãs de sábado especialmente após o pagamento dos salários mensais, é o dia da semana com maior adesão das miúdas (meninas) por não terem aula e das mulheres que percorrem longas distância para buscar atendimento. Algumas delas, a extensão dos cabelos em formato de dreads muito

compridos de até 16 anos, no momento da realização desta incursão etnográfica. Nesse sentido, a importância de aprimorarmos formas de produção de arquivo e memória a partir das experiências vivenciadas no espaço do salão de beleza enquanto espaço de socialização de diferentes grupos etários, atentando para as lacunas de pesquisas que abordem vivências de autorrealização como aponta hooks (2015).

O atendimento realizado inicia com a avaliação dos fios crespos, se estão saudáveis ou terão que passar por alguma fase de preparação antes da elaboração do penteado em si. A queda do fio e não crescimento são as queixas mais recorrentes e o uso de produtos (ampolas de vitaminas, cremes de hidratação profunda) que fortificam os fios permitindo o reestabelecimento da saúde do mesmo.

Figura 68 – Atendimento de miúda (menina) no retoque dos dreads



Fonte: Acervo de Pesquisa da autora (2017)

O primeiro contato teve a duração de 30 dias, finalizando com a elaboração dos dreads com uso de produtos adquiridos no Mercado Xipamanine em quantidade que permitisse a realização de retoque em contexto brasileiro.

A aprovação para realização do campo de pesquisa em 2017 (via programa de doutoramento sanduíche) permitiu o retorno para Maputo e estendeu a permanência em

campo de investigação com objetivo de aprofundar as impressões iniciais obtidas em 2016. A possibilidade de imersão na ambiência do salão Alice recorrendo as ferramentas metodologias qualitativas e não extrativistas, além do desafio em ocupar de forma concomitante o triplo papel: pesquisadora-estagiária de dreads-cliente.

Nessa fase, a convivência com o núcleo familiar Thavede em tempo integral, o registro das observações em diário de campo, associado ao uso do caderno de registro que inserimos no espaço dos dreads visando mapear o público atendido naquele período de tempo. Tivemos ainda a aplicação de o registro de atendimentos totalizando 450, contabilizamos apenas aquelas pessoas que aceitaram preencher no período entre março de 2017 e setembro de 2017.

Figura 69 e 70. Penteados dreads realizados no Salão Alice – 2017



Fonte: Acervo de Pesquisa da autora (2017)

Tal contexto aponta para muitas perguntas de pesquisa: como tem sido a recepção desta mudança de comportamento nos espaços educacionais considerando que parte da clientela do Salão Alice é composta pela faixa etária entre 2 e 17 anos? Na outra ponta, o que motiva a faixa etária de mulheres africana entre 35 e 65 anos ao uso de dreads naturais obtidos da própria fibra capilar, sem, todavia, serem associadas ao rastafarismo?

Uma delas é a médica Mayafrika, cliente de longa data, durante o atendimento no Salão Alice relata sobre o histórico de memórias desconfortáveis com seus cabelos carapinha ao natural e necessidade de adaptação na rotina doméstica e profissional para conseguir iniciar a experiência estética do penteado dreads à moda moçambicana. Em entrevista realizada dentro do espaço do Salão Alice e também em seu ambiente de trabalho, a sua narrativa priorizou apontar a relação com os cabelos carapinha e a escolha pelo uso da própria fibra capilar na forma de dreads, como um momento divisor de águas que insere na rotina constantes imaginários sociais de constrangimentos associados à falta de higiene, à desconfiança na capacidade profissional e a associação ao uso de substâncias ilícitas ainda que mantenha o penteado devidamente alinhado, higienizado e com a saúde adequada dos fios.

Por exemplo, os aeroportos são apontados como espaços que causam grande tensão com a aparência capilar, em especial as situações de suspeita de tráfico de ilícitos escondidos no interior dos dreads ou suspeita de prostituição. Porém há diferentes formas de localizar as percepções negativas quanto ao uso dos dreads como podemos identificar no trecho que segue

Fui a uma festa. E lá todas estavam de dreads. E perguntei por que. E elas disseram que “os brancos” gostam de dreads. Elas faziam tudo que faziam para atrair um branco. Elas colocavam as dreads para que “os brancos” não tivessem dúvida de que ela era desse grupo. O que ela queria era arrumar um branco para sair porque estava cansada de estar em Moçambique. Ela queria ir para a Escócia. Por que a amiga havia arranjado um escocês [risos de surpresa] Agora já nem tanto, mas antes de decidir fazer dreads, uns sete anos atrás. Uma mulher como eu de dreads podia conotar uma dançarina, mais dançarina que qualquer outra coisa.

(ENTREVISTA COM MAYAFRICA, REALIZADA EM 16/08/2017)

Podemos aferir que as situações presentes na narrativa são repletas de estigmas sociais (GOFFMAN) e suposições balizadas em imaginários depreciativos a qualquer alusão aos traços negros valorizados. Mayafrika, por exemplo, durante entrevista, narra sobre a formação acadêmica em medicina realizada na cidade de Maputo e a pós-graduação realizada na Inglaterra. A decisão pelas dreads percorreu um longo período durante o doutoramento e posteriormente na vida profissional e na maternidade, pautada no receio constante de julgamento pelos pares sobre a sua aparência capilar e a constante necessidade de justificar a escolha feita aos grupos de convivência, em especial ao núcleo familiar, especialmente a figura materna.

Tentei fazer dreads. Ah! Tenho uma prima que andou de dreads durante muitos anos. Mas Mayafrika, experimenta usar dreads, o teu cabelo é ótimo para dreads, o teu cabelo não penteias um dia fica logo [gestos com a mão fechada] faz logo o nó. Então,

experimenta os dreads. Dreads, como é que vou andar de dreads? [riso aberto] [pausa] Ah! Depois de acabar o doutoramento fui admitida aqui na Manhica para ser investigadora. Era assistente de pesquisa de um professor inglês Robert Pool (antropólogo), como é que vou andar de dreads agora, olhava pra minha volta não havia ninguém de dreads no trabalho! Então, ela insistiu durante anos. Mayafrika experimenta as dreads. Então o que eu fiz, na licença de parto quando minha filha Maya nasceu. Quando Maya nasceu eu estava de 'extensões'. Então, na licença de parto decidi cortar o cabelo. E comecei a fazer uns "baby locks" sozinha. [...] como eu tinha aqueles três meses de licença [gestos com as mãos fechadas] [risos] mas pois, não consegui. Desmanchei. Dois anos depois, eu disse ao meu marido. Eu vou fazer dreadlocks o que tu achas? Ele disse: experimenta vamos fazer. Não há problemas, não há problemas. Com a minha mãe é que foi um problema. [risos] porque ela não estava a ver a sua filhinha de dreads. [risos] E o meu irmão mais novo. Tem dreads há 10 anos.

Neli – e sua mãe?

Mayafrika – a minha mãe no princípio decidiu apoiar, aqueles baby locks ela gosta muito. Mas depois, quando começou a ficar grande a minha mãe não gostou muito.[...]

Neli – Deixa eu te perguntar, o que as dreads significam para si?

Mayafrika – Para mim, pessoalmente, significa a forma que eu encontrei de estar bem e poder conversar com meu cabelo. Foi a única, quer dizer, eu já experimentei todos os tipos de penteados e nunca estive convencida. Quer dizer, eu sei que meu cabelo está bem. Nós conseguimos lidar. Eu e o meu cabelo, nós conseguimos lidar um com o outro [gestos mãos abertas e braços dobrados] e estamos bem. Eu acho.

(ENTREVISTA COM MAYAFRIKA, REALIZADA EM 16/08/2017)

No trecho acima temos algumas reflexões pertinentes. A decisão para adesão ao uso de dreads naturais contou com o incentivo de amigas, do marido; e, por outro lado, a resistência da matriarca não satisfeita com a escolha da filha, ainda que aceitasse bem o uso de dreads pelo filho, e irmão mais novo de Mayafrika. Podemos pensar ainda que o início do processo de realização do penteado dreads foi por conta própria, indicando que Mayafrika já possuía conhecimento da técnica, porém optou por recorrer aos espaços de salão de beleza na cidade de Maputo preocupada com a saúde do seu cabelo carapinha. Passando por diferentes salões até encontrar o Salão Alice

Então uma das minhas colegas tinha umas dreads muito bonitas, compridas e fazia no Ray. Depois na altura que eu tinha decidido fazer as dreads e perguntei-lhe e ela disse que "eu iniciei neste moço" no Ray e não sei quê. Eu fui ver, e ele não me tratou bem [gestos de negativa] e fui ao [salão] carapinha. O cabelo começou a fazer gomos e eu decidi que vou lá, sento na cadeira e vejo o que vai dar. Sentei e ele disse. Olha teu cabelo tá estragado. Eu não sei se vou conseguir recuperar. Mas vamos tentar. Depois ele foi experimentado os produtos, gel, o cabelo estava muito pálido, cheio de gel. Ele sugeriu que eu usasse óleo de rícino, óleo de côco, para recuperar o cabelo. Ele fez uma série de coisas e o cabelo recuperou. Eu nunca tive cabelo aqui [gesto das mãos na parte frontal] e nunca tive cabelo aqui atrás [gestos com as mãos na região da nuca]. Os meus penteados eram sempre no sentido de esconder aqui. [gestos com as mãos na região da nuca]. Então agora eu adoro fazer, rabo de cavalo [gestos de amarrar o cabelo] porque tenho cabelo, porque estou sentindo que está saudável. Eu também sofria, sofro de equizema, e o equizema vinha para a cabeça. Então parecia caspa, crostas, não sei quê. Não ponho nenhum produto para caspa. É só enrolar o cabelo. [gestos circulares com os dedos das mãos].

(ENTREVISTA COM MAYAFRIKA, REALIZADA EM 16/08/2017)

A narrativa de Mayafrica em muito se aproxima das principais queixas de mulheres com crespos e carapinhas na tipologia dos fios capilares 3C ou 4C⁵⁶, ou seja, o fio com textura muito encrespada. A ausência de fio em algumas partes do couro cabeludo ou a queda continuada, assim como a percepção de que o cabelo não cresce ou tem aparência quebradiça e sem vida. E a busca por espaços profissionais como o salão de beleza étnico é motivado pela convivência com mulheres que exibem longas madeixas em forma de finíssimas dreads, a divulgação é boca a boca entre as mulheres que já não desejam recorrer aos cabelos sintéticos e sim produzir a própria fibra.

Nas últimas décadas o interesse por dreads naturais é crescente, tanto entre o público de moçambicanas, quanto entre turistas estrangeiras dos EUA, África do Sul, Angola, Zimbábue, Brasil. Uma explicação plausível é pontuada por Mayafrica.

Depois tem uma parte que eu tenho notado também. Mulheres que já não tem..., um pouco mais velhas e que já não tem que prestar contas a ninguém. [risos e mãos sobre a mesa de trabalho] não tem que prestar contas a ninguém e não temem e não querem saber o que as pessoas pensam. E uma forma de demonstrar que já está liberada, praticamente, de todos os preconceitos. Também houve uma fase que as mulheres a partir de 50 anos, já tem os filhos grandes. E eu lembro, tem algumas mulheres na minha cabeça, mães de amigas minhas começaram a fazer dreads. Tenho duas tias. Tenho a mãe de amiga. A filha fazia dreads e ela também passou a fazer dreads, ela viveu fora, viveu em Angola. Agora ela já tirou mas ela ficou muito tempo com as dreads. Depois tem esse lado dos centros universitários. Olha para uma pessoa com dreads encaixa nestes estilos. Quatro ou cinco grupos dos quais eu falei. (ENTREVISTA COM MAYAFRICA, REALIZADA EM 16/08/2017)

Dado já perceptível durante o trabalho de campo diante do perfil do público que frequenta o Salão Alice para “puxar” ou “retocar” as dreads, muitas são indicações de outras mulheres já clientes (satisfeitas com o resultado obtido) divulgam em seus círculos de convivência a qualidade do serviço recebido. E olhando de forma mais atenta para este perfil, podemos perceber a alta procura de mulheres adultas, profissionais dos mais diferentes ramos e não raro acompanhadas de dependentes, crianças ou idosas. Outra percepção é a autonomia financeira, a escolha consciente de que a saúde do fio tem mais peso na decisão pessoal do que a pressão social (as regras permeadas de valores civilizatórios de origem europeia, a exemplo do cabelo “asseado”).

Um ponto que merece destaque na narrativa de nossa entrevistada é a constante negociação da própria aparência capilar com o círculo de convivência até adquirir a segurança necessária para firmar sua decisão e não ter sua escolha restrita ao aval desses

⁵⁶ Nomenclatura científica criada aos moldes da hierarquização das texturas e que gradualmente infere orientação às marcas e público alvo sobre quais produtos utilizar de acordo com a textura do fio crespo. Há intensa crítica a ordem crescente de acordo com a curvatura e a textura do fio capilar, partindo de 1ª para o fio liso e 3C para os fios crespos. Pesquisas e projetos utilizam a nomenclatura por entender sua funcionalidade pedagógica. Conferir AMAURO&ROCHA, 2021, P. 12. PROJETO CRESPURA link <https://drive.google.com/file/d/1eTzQ4TZx750xR0Z125mB1RIWSELYpT96/view>.

grupos, privados ou públicos. No caso da ocupação profissional como professora universitária de medicina na cidade de Maputo a localiza em determinada classe social e redes de relações com predomínio de penteados inspirados na cultura europeia e distanciando-se da cultura africana e ausência outras formas. Segundo aponta o estudo de CRUZ (2018)

em Maputo com mulheres que usam o penteado Rasta, essas me contaram que ainda encontram muita resistência a esse estilo. Salma Xavier, uma amiga e interlocutora, me contou que antes de fazer o Rasta em seus cabelos ela ligou para sua mãe, que mora na Beira, pedindo autorização para usar esse penteado. Sua mãe se mostrou preocupada. Ficou com medo que sua filha sofresse todo tipo de preconceito, sobretudo no trabalho. O penteado é associado ao consumo de maconha e rebeldia. Salma teve que explicar que faria mechas fininhas e que seu cabelo ficaria organizado e bonito. Só depois que sua mãe aprovou o projeto de fazer tal penteado é que Salma foi ao salão de beleza. O Rasta, quando feito de maneira simétrica, é mais aceito do que quando são feitas mechas de tamanhos diferentes ou com mechas grossas. No trabalho, as pessoas aceitaram o penteado de Salma e atualmente o Rasta (desde que organizado) é aceito em certos ambientes formais" (CRUZ, 2018, p. 57)

Independente das questões simbólicas a escolha pelo uso dos dreads expõe uma ruptura com a ideia de padronização da beleza negra com forte peso em retomar laços com a cultura moçambicana em geral e de sua etnia Nguni, em especial. A realidade encontrada no Salão Alice expõe algo mais complexo, e consequentemente uma característica da sociedade moçambicana que é a crescente adesão de mulheres de diferentes faixas etárias ao uso de dreads por longos períodos substituindo as demais possibilidades de expressão estético capilar. Na forma de dreads, o cabelo crespo se distanciam do sentido de estética da recusa e a nosso vê se aproxima da simbologia associada aos trançados que remetem penteado organizado e gradualmente socialmente aceito.

Tal mudança é contra hegemônica per si quando a visão de senso comum ainda é contundente em estigmatizar. O ruptura observada no microcosmo do Salão Alice, através da técnica de Raimundo Thavede a dinâmica de ser o agente dessa mudança, assim como outros profissionais moçambicanos⁵⁷, têm valorizado o autocuidado com o cabelo natural carapinha em Maputo.

Nascido na região urbanizada de Maputo, Raimundo Thavede, 50 anos e cabelereiro de dreads autodidata como profissão. O contato mais significativo com o penteado dreads tem forte inspiração no tio materno residente na África do Sul. Em entrevista traz a narrativa

⁵⁷ O salão Carapinha, com slogan: O Carapinha é um salão dedicado ao tratamento de todos os tipo de cabelo, com enfoque no cabelo natural africano, utilizando produtos 100% naturais de origem local. O Salão Carapinha e o seu fundador Cadino iniciaram em Moçambique um movimento com cada vez mais seguidores e que promove uma vida saudável e natural aliada a um orgulho na identidade moçambicana. Salão Afrocentrico Carapinha 100% MZ Moçambicanos / Natural. Link https://www.instagram.com/carapinha_cosmetics/ . Um espaço bem conhecido na cidade e em feiras e exposições.

de aproximação com a técnica de dreads natural a partir do interesse pessoal e na iniciativa de se deslocar ainda muito jovem, 18 anos, para Swazilândia visando aprender o penteado no próprio cabelo carapinha. O seu comportamento entra em choque geracional no ambiente familiar ao contrariar o desejo do pai e por contar com o apoio da mãe manteve o penteado e passou a “cultivar” os dreads, mantendo-se até a atualidade quase 20 anos.

O local de morada do núcleo familiar é no primeiro andar do mesmo prédio sede do salão que é locação. A origem cultural africana é do grupo étnico Changana, sendo a região de Chibuto os descendentes mais antigos da família. A língua materna falada em ambiente privado é o changana.

Após o falecimento de sua mãe, posteriormente de seu pai e da irmã Alice as filhas e filhos assumiram a gestão e atividades do salão, homenageado a criadora do espaço com seu nome Salão Alice, empresa familiar e principal fonte de renda.

6.1 Caderno de Registro – Perfil Atendimento Salão Alice

O cotidiano no salão é pautado pela rotina de organização do espaço, agendamentos, recepção e atendimentos do público de clientes. No caso do salão Alice, iniciamos a investigação com o questionamento sobre as motivações da adesão ao uso das dreads. Uma série de perguntas de pesquisa motivaram a nossa reflexão, sobre como as mulheres africanas contemporâneas cuidam dos próprios cabelos e quando há a decisão de deixar o uso de perucas, apliques, extensões. Sobre o uso dos próprios fios naturais e se existe alguma pressão social. Sobre os perfis das mulheres moçambicanas que optam por utilizar a própria fibra capilar em formato de dreads naturais. Sobre a relação destas escolhas com aceitação do núcleo familiar. Sobre os cuidados com os cabelos, realizados de forma autônoma ou há busca por espaços profissionais como o salão de beleza.

A escolha feita tem dimensão individual e dimensão coletiva por afetar diferentes camadas sociais de interlocução e ambientes de socialização. Vimos que há negociação tanto no espaço doméstico como também nos espaços públicos como escola, trabalho, religião para o uso do penteado dreads.

Todavia, em que pesem as pressões sociais em vigor ainda assim é um caminho pleiteado por diferentes seguimentos (classe social, orientação sexual, religião) da sociedade moçambicana na atualidade, especialmente entre as mulheres de todas as gerações, da infância até a vida adulta. E para mensurar essa hipótese de pesquisa recorreremos aos dados quantitativos e inserimos no ambiente do salão o caderno físico de registro sob a supervisão do responsável pelo espaço, Raimundo Thavede.

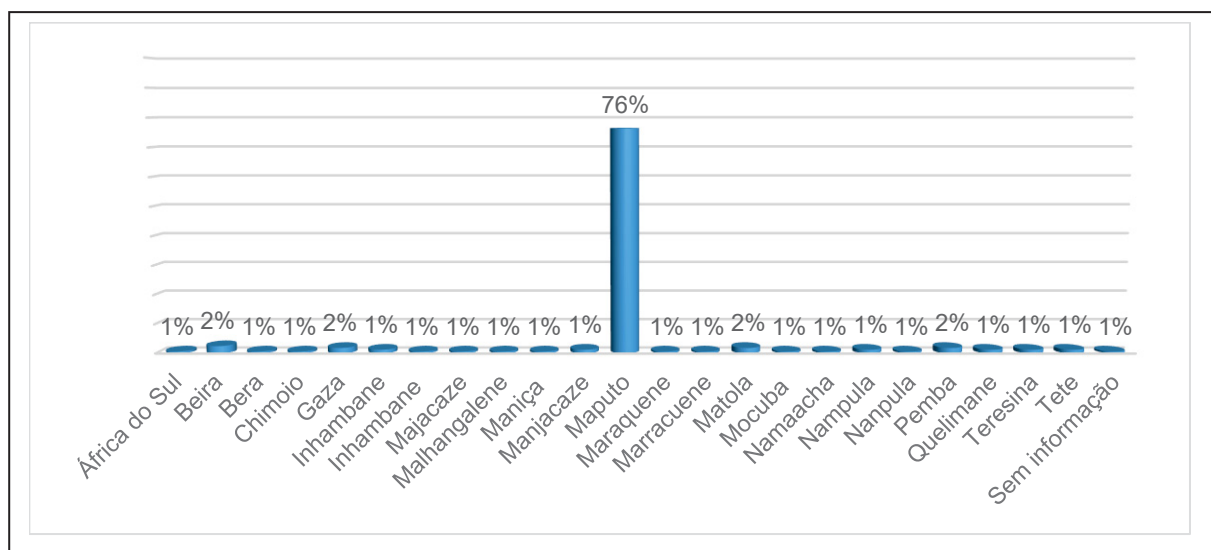
Figura 71– Caderno De Registro Espaço Dreads – Salão Alice, 2017

Nome	NOME	LOCAL DE NASCIMENTO	GRUPO ÉTNICO	TEMPO DREADS	CONT
11/05/17	Ado grande Xosho	Maputo	Ronga	6 anos	82854
	Kassula Jazir	Maputo	—	—	—
	Islanda Gambela	Inhamitanga	—	—	—
	Alto Nini	Chimano	—	—	—
27/06/17	Nina Bonga	Maputo	Ronga	2 anos	8493
	Josica Bamba	Maputo	—	—	—
	Isa Sankala	Maputo	—	—	—
	Isma Nhamhumbi	—	—	—	—
	Isidra Bonga	U	Nachongwa	7 anos	8474
16/06/17	Domitila Nito Samba	Maputo	Ronga	4 anos	8466
	Manoma Cambele	Inhamitanga	Chope	3 anos	8258
	Kulavai Mahumana	Maputo	—	—	—
	Shirley Macova	Maputo	Ronga	3 anos	84
	Gracia Nhambi	Maputo	—	—	—
	Sara Samale	Maputo	—	—	—
	Karissa Mangwa	Maputo	Ronga	8 anos	8440
29/06/17	Isolina Macamo	Maputo	—	—	—
	Yolanda Makos Bonga	Manhiça	Ronga	04 anos	806
	Celia Bonga	Maputo	Ronga	Inicante	—
30/07/17	Prana Santos Ricardo	Maputo	Ronga	—	—
	Isabela Sinda Piro	Maputo	Ronga	—	—
	Ana Mamas	Maputo	Chope	5A	8288
	Celia Cossa	Maputo	Ronga	7 dias	82520
04/08/17	Celia Cossa	Maputo	Ronga	6 dias	82512

Fonte: Acervo de Pesquisa da autora (2017)

A cada nova cliente presente para retocar as dreads foi solicitado o preenchimento do caderno de registro no período entre abril/2017 e agosto/2017, dados que representam uma parte e não o todo do público atendido, seja por esquecimento ou recusa em preencher. De todo modo podemos mensurar o perfil do grupo interessado, questionando o local de moradia, a origem étnica (língua materna) e tempo de uso do penteado dreads, os dados obtidos seguem abaixo.

Tabela1: Local de Nascimento de clientes período Abril-Agosto/2017

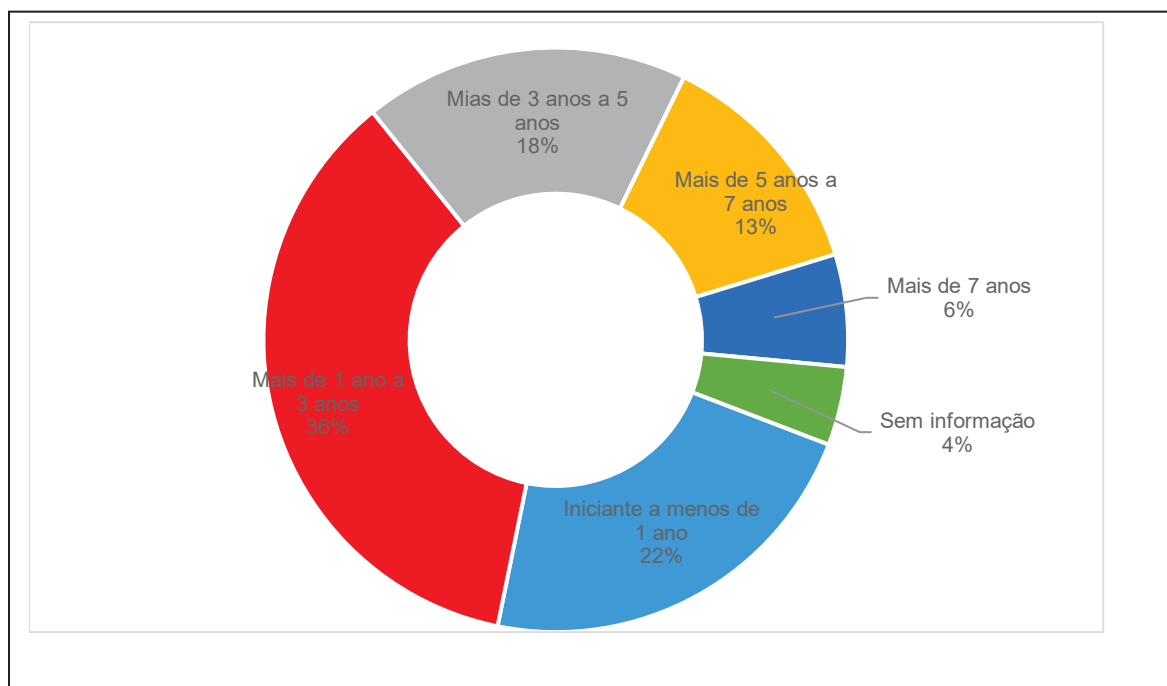


FONTE: Pesquisa Salão Alice/Moçambique 2017. ELABORAÇÃO: EDICLEIA FURLANETTO

As mulheres moçambicanas organizam sua agenda diária inserindo o momento de autocuidado na rotina ao menos uma vez ao mês dependendo da orientação do profissional Raimundo Thavede que informa a necessidade de retoque caso a caso, todavia em geral o tempo médio de retorno é 30 dias com custo de 300 medicaidos (24 reais no câmbio de outubro de 2023) a cada atendimento. A maioria do público (76%) é natural da cidade de Maputo que se deslocam de diferentes localidades e acessam o salão Alice a partir da comunicação entre as pessoas já atendidas e que reconhecem a qualidade do trabalho capilar realizado, o que na realidade brasileira seria “boca a boca” ou “correio nagô”. Não há investimentos em divulgação via redes sociais como percebemos na realidade brasileira.

Outro dado relevante obtido é o tempo de uso de penteado. Na tabela abaixo 36% fazem uso do penteado entre 1 e 3 anos e o motivo do corte pode transitar entre desejo pessoal ou pressão social. A característica que chama a atenção é o crescimento dos fios e para muitas mulheres a primeira experiência de portar o próprio carapinha com 5 a 10 centímetros de comprimento.

Tabela 2: Tempo de uso do penteado dreads - Moçambique – 2017



FONTE: Pesquisa Salão Alice/Moçambique 2017. Elaboração: Edicleia Furlanetto

Importante pontuar o fator tempo de uso do penteado. Durante a pesquisa de campo o maior tempo de uso contínuo foi de 16 anos com o comprimento capilar na forma de dreads, chegando os fios até abaixo da cintura da cliente. Vale pontuar a considerável presença de pessoas iniciando o penteado. Para os casos das Iniciantes, a orientação é realizar o retoque semanalmente e evitar umidade. Importante frisar que há uma disputa saudável entre as clientes mais assíduas quanto ao ritmo de crescimento dos dreads e quais as formas de estimulação que cada uma lança mão. Usos de plantas como a planta shampoo, óleo de manfura, entres outras.

Para o linguista Paul Zumthor (2010) a linguagem corporal tem papel de grande relevância quando refletimos sobre o papel da oralidade, esta não se restringe ao falar em si e se estende por toda a extensão do corpo. A textura dos dreads é corporeidade negro-africana pois compõe o conjunto da obra ao está no corpo. Tal qual a gestualidade aqui entendida como experiência estética em ação. Nas palavras do autor: “A gestualidade se define assim em termos de distância, de tensão, de modelização mais do que o sistema de signos” (Zumthor, 2010, p. 220).

Nesse sentido, as mulheres moçambicanas enquanto aguardavam por atendimento interagem umas com as outras, partilhavam saberes e mesmo estabeleciam vínculos de solidariedade para além do espaço do salão. Apontamos como dado significativo os cuidados naturais como o uso de plantas, por ainda configurar um mecanismo de

autocuidado ancestral e está presente como uma temática recorrente que interessa e estimula a prática e inclusive pode gerar renda no próprio ambiente com a disponibilização de óleos e manteigas, por exemplo.

Figura 72, 73, 74. Registro do Penteado dreads Salão Alice – 2017



Fonte: Acervo de Pesquisa da autora (2017)

O fato de ser uma figura masculina no atendimento não causava tensão ou possuía algum peso na escolha quanto a qualidade do serviço prestado. Mesmo clientes com restrições religiosas como é o caso da mulher mulçumana, o atendimento acontecia com a negociação no ambiente familiar pontando a qualidade do serviço prestado e a saúde do fio. As clientes satisfeitas com o resultado obtido atuavam como o marketing eficiente, indicando para possíveis interessadas ou mesmo sendo abordadas por alguém buscando indicação do profissional, como no trecho “Ah! Tenho uma prima que andou de dreads durante muitos anos. Mas Mayafrica, experimenta usar dreads, o teu cabelo é ótimo para dreads”.

As narrativas das mulheres moçambicanas são confluentes na busca por serem atendidas com resultado efetivo, a diversidade de espaços de beleza é grande, porém é importante que haja sintonia na relação profissional-cliente. Isso não significa ausência de queixas, a mais frequente era sobre “puxar” muito no ato de retocar uma a uma, para posteriormente seguirem para o calor do secador. O movimento das mãos na reorganização do penteado causa incômodo em partes do couro cabeludo mais sensíveis ao toque, em especial ao público infantil.

Diariamente as miúdas (meninas) chegam no salão do Tio Ray acompanhadas por algum responsável e retornam quando finalizado o penteado. A cadeira é adaptada ao tamanho da cliente e o retoque é realizado seguindo a mesma técnica. Predomínio de mulheres e ausência de homens, característica que se manteve ao longo de toda o campo. Durante o período no secador, a companhia da televisão como forma de passar o tempo. O uso de dreads entre as meninas é crescente, em geral quando algum familiar também utiliza o penteado confirmando a percepção de que o uso do dreads é estendido por diferentes pessoas de um mesmo núcleo familiar. O perfil mais comum foi mãe-filha, tia-sobrinha, avó-neta sendo este último o menos presente.

Outro dado de grande relevância para esta pesquisa é a origem étnica das clientes que buscam o penteado dreads. Moçambique é uma região ocupada por grupos étnicos de origem Bantu e há significativa diversidade de línguas maternas que são faladas nos ambientes privados ao passo que a língua oficial o português deve ser usado nos ambientes institucionais e públicos.

Não raro no salão diferentes línguas interagiam nas conversas o que expõe a riqueza da cultura moçambicana que não sucumbiu ao capital simbólico do colonizador. Na tabela 2 - As origens étnicas e suas respectivas línguas aparecem com maior destaque para Maronga/Ronga com mais de 50%, seguido da língua Changana com 15% considerando o grupo que preencheu o caderno de registro.

Tabela: Grupo étnico - Moçambique - 2017		
Grupo	Nº	%
Afro-brasileira	2	1%
Changana	24	15%
Chope	7	4%
Chuabo	3	2%
Guitonga	1	1%
Lomué	1	1%
Machonga	1	1%
Machope	2	1%
Machuabu	1	1%
Macua	6	4%
Makonde	4	2%
Maronga	7	4%
Muani	1	1%
Ndau	1	1%
Nhungue	1	1%
Nyngué	1	1%
Ronga	87	54%
Ronga / Islam	1	1%
Ronga / Islam	1	1%
Sena	1	1%
Sul africana	1	1%
Titxope	1	1%
Tsonga	2	1%
Sem Informação	4	2%
Total	161	100%

FONTE: Pesquisa Salão Alice/Moçambique 2017. Elaboração: Edicleia Furlanetto

Em termos populacionais de Moçambique as duas línguas maternas entre as mais faladas, como apontam dados oficiais na Tabela 3, estão entre os grupos étnicos que buscam o penteado dreads como forma de autocuidado capilar. As mulheres de etnia Ronga formam percentual mais alto (34%) no público atendido no salão, ao passo que a língua Ronga é a 14ª mais falada no país. O público é formado por grupo de mulheres, com autonomia financeira por exercerem diferentes atividades profissionais entre professoras, médicas, empresárias, contadoras, advogadas, esteticistas entre outras profissões que exigem escolaridade formal e domínio da língua oficial. Tal característica nos possibilita conjecturar que há esgarçamento da pressão social para a aparência capilar sob a ótica eurocentrada na realidade moçambicana, ainda que atuante mais significativamente para o público feminino. Quadro que difere com o perfil masculino, dada a ausência acentuada na procura por esse modelo de penteado que é transgressor a medida que rompe padrões estéticos exógenos ao contexto africano. Justificado pela recusa em aderir aos usos de produtos químicos de alisamento e no uso de apliques sintéticos. A recuperação do próprio fio carapinha de forma saudável é uma premissa comum entre o público acompanhado na pesquisa de campo.

Tabela 4: Línguas faladas pela população de 5 anos e mais, Moçambique – 2010

Nº	Línguas	Falantes	%
1	Makhuwa	4.105.122	25,9
2	Português	1.828.239	11,5
3	Changana	1.682.438	10,6
4	Sena	1.314.190	8,3
5	Lomwe	1.202.256	7,6
6	Chuwabu	989.579	6,2
7	Nyanja	905.062	5,7
8	Ndau	702.455	4,4
9	Ishwa	469.343	3,0
10	Nyungwe	457.290	2,9
11	Yuaawo	340.204	2,1
12	Makonde	268.450	1,7
13	Tewe	255.704	1,6
14	Rhonga	239.333	1,5
15	Tonga	203.924	1,3
16	Copi	169.811	1,1
17	Manyika	133.190	0,8
18	Cibalke	102.778	0,6
19	Mwani	77.915	0,5
20	Koti	60.780	0,4
21	Swahili	15.250	0,1
	Outros LM	310.259	2,0
	Total	15.840.631	100%
Fonte: INE 2010			

Nesse contexto, o intelectual moçambicano Cabaço (2009) aponta importante reflexão sobre o uso da língua materna “[O] africano da periferia dos centros urbanos, que, mantendo suas cosmogonias e falando quase que exclusivamente a própria língua, se encontrava distante de sua comunidade, desenquadrado das relações hierárquicas, dos vínculos tradicionais, das práticas consuetudinárias, dos espaços rurais. (CABAÇO, 2009, p.139). Instiga pensarmos que o penteado em formato cilíndrico que na atualidade denominamos dreads é anterior ao processo colonial no continente africano em especial para as culturas e os grupos étnicos africanos que residem distantes dos grandes centros urbanizados permanecendo viva a prática de uso de penteados tradicionais ou hairstyles⁵⁸, como aponta Fletcher (1995)

é seguro afirmar que em sociedades indígenas e pastoris da atualidade na África Oriental, Sudão, Quênia e Etiópia, as técnicas de manipulação do

⁵⁸ BRIDGE, Sarah; STYLES, Ruth. The Ethiopian tribes who use BUTTER to style their hair: Incredible photos reveal the elaborate curled creations of the Afar people, and the Hamar who mix ghee with red ochre to spectacular effect. Daily Mail, 12 February 2014. England, 2014 [online]. Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/femail/article-2555821/The-Ethiopian-tribes-use-BUTTER-style-hair-Incredible-photos-reveal-elaborate-curved-styles-Afar-people-Hamar-mix-ghee-red-ochre-spectacular-effect.html>>. Acessado em: 11 de abril de 2023.

cabelo em muito se assemelham as técnicas do passado identificadas a partir de escavações arqueológicas, como o uso da cera de abelha para fixar o cabelo dreadslocks e a manteiga bovina que hidrata, embeleza, ao mesmo tempo em que demonstra status social. (FLETCHER, 1995, p.39).

No caso de Moçambique não é diferente, quando observados os registros iconográficos preservados no arquivo iconográfico de Moçambique. As imagens de mulheres e homens moçambicanos com ornamentos culturais e uso de penteados próprios.

Outro dado importante para ser pontuado é a narrativa de Raimundo Thavede para distinguir do uso de dreads elaborados no salão e os dreadslocks dos rastas da cultura rastafári. A principal diferença é o uso de produtos industrializados seja ele produzido em continente europeu ou africano. Para os rastas, os cuidados com os dreadslocks é integralmente conectado com o natural sem interferência humana.

Não houve registro de pessoas adeptas do rastafarismo buscando cuidados no salão Alice, o que reitera a narrativa de Raimundo ao pontuar diferenças nos ritos de autocuidado com os crespos e as distinções existentes com o recorte religioso. Aos homens o uso dos dreads ainda possui imensa pressão social, ainda que haja iniciativas de interesse em aderir ao penteado o tempo de adesão é muito mais curto, aos finais de semana por exemplo é possível observar os homens buscando iniciar os dreads que serão cortados tão logo retornem ao ambiente de trabalho formal.

Uma lacuna que merece maior atenção é escutar as justificativas para o impedimento do penteado nos espaços institucionais. O tom de denuncia surgiu no contato estabelecido com grupos de pessoas rastafáris na região de Maputo e distrito de Catembe. O sentido atribuído aos dreads elaborados no salão seguem maior diálogo com o mercado da beleza e no caso da perspectiva rastafári há recusa em utilizar produtos industrializados que não sejam retirados da natureza. Nos dois contextos o dread é um símbolo de beleza e identidade elaborado com a própria fibra capilar da pessoa e traduz diferentes de autocuidado afrocentrado.

7. BIROTES, A ORATURA DO PENTEADO ANCESTRAL ÁFRICA BANTU - BRASIL

A proposta pedagógica que aqui se apresenta visa instrumentalizar de modo pragmático sobre o cuidado saudável dos fios crespos, situando sobre a longevidade no uso de unguentos de base vegetal, mineral ou animal como forma de higienização e autocuidado anterior ao modelo ocidental de embelezamento crespo-carapinha. Entendendo para tanto as complexas formas de transmissão do conhecimento pela via Oratura no sentido atribuído pelo linguista ugandês Pio Zirimu que define como “a arte de criar, recriar, transmitir e conservar oralmente composições poéticas, narrativas, dramáticas e outras configurações performativas” enquanto uma modalidade de “sistema oral estético” incluindo a elaboração de penteados como ações performativas sob a mediação da técnica manual aplicada aos crespos-carapinhas transformados em arte capilar - bitores.

A relação entre ensino-aprendizagem está posta de duas maneiras que são complementares: 1. a interação direta no ato de observação atenta do passo a passo e 2. a interação indireta via memorização do modo de fazer. A prática de cuidar dos fios crespos-carapinhas é ancestral e adaptada de acordo com as condições do meio ambiente e tem sido rememorada geração a geração enquanto memória tátil. Configura uma experiência estética afrocentrada que terá como arte final à ser contemplada o penteado birotos ou bantu knots.

Figura – O penteado birotos realizados em contexto de Maputo 2017 e Curitiba 2018



Fonte: Acervo de Pesquisa da autora (2017 e 2018)

Seja a criança ou a pessoa adulta, a contemplação frente ao espelho mirando o penteado enfim pronto significa a conclusão de uma experiência estética envolvendo a higienização dos fios e a separação mecha a mecha torcidos um a um separadamente. O tempo de execução dependerá da quantidade de fios e da espessura desejada do birote.

Este penteado Birote recebe diferentes nomenclaturas por todo continente africano e pode ser encontrado em localidades fora do continente africano que possuem a presença negra de longa data, marcadamente a partir do período colonial ocidental após século XV. É uma memória viva do universo feminino e presente na ambiência doméstica. Quando elaborado de mãe para filho/filha a linguagem corporal de encostar a cabeça na perna da mãe, momento de afetividade mãe-filho. Para os momentos de cuidado com as mais velhas, a criança fica em pé e utilizando pentes desembaraços os cabelos da avó e replica o que vivência com a sua mãe. O rito de autocuidado é intergeracional e o penteado birote se torna emblemático nessa relação de transmissão de conhecimento via oratura, a oralidade através da performance do penteado. A iconografia expõe o penteado e o remete há tempos ancestrais além de se fazer presente na memória viva de gerações de mulheres africanas e afro-brasileiras em diferentes contextos sociais como um símbolo de cuidado capilar tradicional na relação intergeracional especialmente na primeira infância. Sua prática antecede o uso de produtos industrializados e possui forte vínculo com o mundo vegetal e o uso cosmético das plantas.

As memórias afetivas são acionadas não apenas pelo tatear, envolve o aroma do unguento elaborado previamente com plantas voltadas para os cuidados com os crespos-carapinhas. Podemos citar alguns exemplos: alecrim, rícino, coco, karité e outras elencadas na forma de inventário de plantas para embelezamento da pele e crespos.

A tese sustenta a relevância da experiência estética no processo educativo não restrito ao espaço da educação formal e em interlocução com os salões de beleza étnicos tanto na realidade brasileira, quanto nos contextos africanos a exemplo de Maputo. Em termos metodológicos, pesquisar a origem das plantas é outro pilar fundamental, reconhecendo a localização geográfica e o uso biocultural da mesma. Dentre as plantas que merecem destaque: a manteiga de Karité ou banha de ori, como tratamento capilar ancestral da África Ocidental que chega ao Brasil por meio das rotas comerciais entre América e África e possui fortes raízes nos espaços do Candomblé na Bahia e Rio de Janeiro sob a nomenclatura de banha de ORI.

QUADRO 1 RITOS DE BELEZA - INVENTÁRIOS PLANTAS BRASIL - ÁFRICA		
PLANTAS	BENEFÍCIOS	BOTÂNICA
Babosa (Aloe Vera) ORIGEM: Africana (Marrocos, Mauritânia, Egito, Sudão, Etiópia, África do Sul e países vizinhos, juntamente com as Ilhas Canárias, Cabo Verde e Madeira.	Ajuda a fixar melhor os fios de cabelo no couro cabeludo. Possuir Minerais e água, fortalece todo o fio, tornando-o mais forte e menos quebradiço. Hidrata e estimula o crescimento, elimina caspa, promove limpeza profunda na pele. Excelente cicatrizante para feridas no couro cabeludo.	
Jobobá ORIGEM: América Nativo das regiões áridas do México e dos Estados Unidos	Composto de vitaminas A, B1, B2, E (antioxidante) e principalmente de ceramidas, que é um composto maravilhoso que impermeabiliza os fios, selando suas cutículas.	
Jaborandi: ORIGEM: Norte e Nordeste do Brasil, em especial nos Estados do Pará, Maranhão, Piauí e Ceará.	Atua impedindo a desidratação dos fios e do couro cabeludo, promovendo maciez e suavidade. Por ser alcalino promove a limpeza do couro cabeludo, e revitaliza os folículos.	
Urucum ORIGEM: América	Efeito filtro solar, antioxidantes e fotoprotetoras. Propriedades antibacterianas e anti-sépticas importante para o couro cabeludo. Retardo na proliferação dos cabelos brancos e a proteção contra os raios UV.	
Mamona (Rícino) ORIGEM: África	Hidrata e lubrifica a pele e os fios. Tem ação anti inflamatória, contribuindo para o tratamento de caspas causada por dermatite seborréica e descamação.	

O rito de embelezamento do penteado Birotos envolve diferentes dimensões de conhecimento de métrica e biocultura conceito abordado por Toledo, Víctor e Barrera-Bassols, Narciso (2015). A memória biocultural: A importância ecológica das sabedorias tradicionais.

No processo de elaboração, o fio é um símbolo do modo de estar no mundo africano, o ato de reordenar os fios capilares rememorando o teor prático do penteado que foi aprendido pela observação até o domínio pleno da técnica. A experiência tátil de portar o penteado e a simbologia a ele agregado comunica valores culturais africanos de longa data aos nossos dias.

A experiência pessoal em utilizar a manteiga para fins de pesquisa social é efetivada em 2015 após a realização do BC (Big Chop, ou seja, o corte dos fios e a retirada de fios quimicamente tratados) e o uso contínuo da manteiga de katiré obtida de pessoas que comercializam produtos africanos para fins religiosos ou estéticos. O penteado na forma de pequenos rolos do próprio cabelo, untados com a manteiga de karité acrescido de creme condicionador usual e aplicado após a higienização dos fios com salão de coco ou shampoo de aloe vera.

A interação direta e consequente observação dos ritos de beleza capilar realizados na cidade de Maputo estreita os laços com a presente proposta com o objetivo de replicar o penteado birotos em pessoas africanas e perceber elos de identificação por meio da memória tátil.

Na prática, pessoas do Benin, de Moçambique, da Nigéria, do Brasil participaram desta atividade com a intencionalidade de reconexão e configura um ato de conhecer-se utilizando como mediador o fio capilar. O caso de Ofélia (Benin) é emblemático no sentido de desconstruir a visão dolorosa de cuidado com os crespos com base em produtos ocidentais de alisamento e destinar atenção no reaprender o toque dado ao fio capilar sob a ótica dos saberes ancestrais. A menina Ofélia (10 anos, estudante do ensino fundamental em escolas africanas de Moçambique e do Benin, filha caçula, família do Benin e hábitos culturais yorubana) possui cabelos carapinha entre 3C e 4C, com histórico de alisamentos químicos sob a orientação das mulheres da família (mães, irmãs, primas) em salões moçambicanos o que trouxe a forte recusa em permitir qualquer penteado. A família estava de mudança para o Benin depois de longo período morando na região central da cidade de Maputo, classe média, filha caçula de três irmãs, as mulheres habitualmente frequentavam salões de beleza para realizar mirabas (tranças) e extensões (apliques de cabelos sintéticos e naturais).

O primeiro encontro com Ofélia foi mediado pela via materna preocupada com a recusa da criança em desfazer os cabelos trançados há ao menos 60 dias, não permitia que ninguém tocar seus cabelos e o silêncio expressivo de desapontamento e insatisfação. Não tardou em perceber que algo havia acontecido e seu comportamento muito se aproximava das meninas negras com cabelos crespos do Brasil com a veemente recusa ao mais singelo movimento de toque aos fios. Algum trauma? Receio de sentir dor? Insatisfação com a forma que foi tratada no último penteado?

Apesar do comportamento arisco, demonstrava muita curiosidade sobre o formato do cabelo em formato black power que eu portava no dia do encontro. O plano inicial era concentrar atenção aos fios da menina Ofélia, todavia se fez necessária reconfigurar as ações até conseguir maior aproximação interesse por parte dela e não forçar qualquer movimento. Para isso, começamos os cuidados com os cabelos das duas irmãs mais velhas com idade entre 14 e 18 anos, ambas já desejavam cuidar dos cabelos para a longa viagem dos próximos dias. A irmã mais velha estava com mirabas longas, destrançamos com o objetivo de hidratar com manteiga de karité utilizando o penteado Birotas, o processo todo com duração de ao menos 3 horas. O rito de beleza capilar foi realizado no quintal da casa, sob acompanhamento atento da mãe, as primas envoltas de muita conversa com a peculiaridade de contar com o auxílio da menina Ofélia como “ajudante” no passo a passo, para que pudesse acompanhar se haveria dor, como realizar o destrançar e identificar o limite da fibra capilar da irmã separada da extensão sintética. Ao findar, a realização de higienização com o shampoo de uso convencional, e, portanto, uma pausa para conversar sobre o penteado que então seria iniciado. A matriarca, muito curiosa, convidou para almoçarmos e o cardápio todo inspirado na cultura do Benin com mandioca, feijão fradinho, banana da terra, espinafre, inhame, quiabo. Momento de troca intensa pela aproximação com a culinária afro-brasileira encontradas no Brasil em especial nos espaços de religiosidade de matriz africana como candomblés, tais como: Amalá (quiabo), acarajé (feijão fradinho, dendê), feijoada, canjica.

Iniciamos o preparo do creme natural para hidratação dos fios já limpos, composto por 2 medidas de creme de pentear usual acrescido de 1 medida de manteiga de karité e 1 medida de óleo de coco. Os cabelos ainda úmidos foram separados em 4 partes, desembaraçada e novamente separada em mecha melhores com a espessura de um dedo, contorcidas em sentido horário e presas na base. Uma a uma, feitas com a mesma porção de creme natural. Cada birotas com a mesma medida e forma que formam um conjunto simétrico e uniforme. Ao final, a orientação de secar ao sol, preferencialmente e desmanchar entre 3 e 5 dias. O passo a passo acima descrito compõe, portanto, o rito de beleza do penteado bitores com objetivo de hidratação profunda do fio, seguido de

texturização e a formação de cachos. O mesmo rito foi realizado com a irmã do meio nos dias seguintes. A mãe, ficou muito satisfeita com o penteado e a mudança crescente de comportamento da menina Ofélia.

Durante uma semana, o trabalho de acompanhamento à família com visitas a cada 2 dias e após a continuada recusa da menina Ofélia, a opção foi a realização do penteado na segunda irmã e continuada negociação com a menina Ofélia para que permitisse desfazer as tranças e fazer o penteado biotes. Ao longo dos dias, a notória mudança no comportamento com a quebra do silêncio, as expressões de riso e a iniciativa em realizar, ela mesma, o penteado na irmã. Durante as conversas expôs que não gostava de sentir dor, pelos puxões dos cabelos e o apertar das mirabas, além do calor intenso do secador.

A convivência estreitou vínculos, a empatia com o penteado estimulou a decisão de aceitar a partir do acordo que envolvia a troca de saberes, a menina Ofélia ensinaria o preparo de mousse de maracujá (sua especialidade) e permitiria desmanchar as tranças e realizar os biotes. Assim foi combinado. Antes de iniciar o penteado, fomos ao mercado mais próximo para adquirir os produtos do acordo feito e aproveitar para conferir que tipos de produtos poderiam ser utilizados com o objetivo de fortalecer os fios. A desenvoltura da menina Ofélia no preparo da sobremesa funcionou como uma demonstração do seu conhecimento culinário e ao mesmo tempo o reconhecimento de sua satisfação com o trabalho realizado.

Quando enfim o objetivo primeiro foi conquistado, destrançar os cabelos da menina Ofélia, calmamente trança por trança a percepção do dano feito aos fios quimicamente tratados e depois trançados. Fios muito quebradiços, seria necessário o corte das pontas e cuidados intensos para evitar a continuidade da queda e retomar a saúde do fio. Findada esta parte e durante a higienização feita pela prima, a conversa com a mãe, explicando todo o processo que deveria ser realizada em diante para que a criança tivesse maior autonomia do cuidado dos próprios cabelos.

A proposta difere da dinâmica do salão de beleza por explicitar o passo a passo do penteado sem ocultar técnicas ou macetes. A cada nova oportunidade de encontro, renova-se também os questionamentos e as limitações encontradas quando feita a tentativa de realização dos biotes de forma autônoma. O uso das manteigas e óleos naturais gradualmente torna-se um hábito e esse o objetivo primordial, termos a possibilidade de experimentar saberes ancestrais com a faceta da vida moderna e ainda assim não deixar de ser uma experiência estética afrocentrada.

Figura 77. Penteados Biotes – Menina Ofélia



Fonte: Acervo de Pesquisa da autora (2016)

Durante a realização do penteado birotas na menina Ofélia, a interação foi muito tranquila e mesmo com a necessidade de corte dos fios mais danificados o processo foi muito tranquilo, bem diferente do contato primeiro. Finalizamos os encontros com a degustação da sobremesa e a pose para a foto memorável. Por fim, o questionamento pela sobre os custos do trabalho feito, combinamos que o pagamento poderia ser em manteiga de karité e em 10 dias foi concretizado, 1 quilo foi entregue em mãos vindo da África Ocidental.

A narrativa da situação de pesquisa exigiu o maior detalhamento possível para que possamos nos aproximar da sensibilidade que os cuidados com os crespos exigem, tanto do ambiente familiar quanto nos espaços profissionais. O rito de beleza do penteado birotas assume também um rito de autocuidado de feridas emocionais⁵⁹ tão marcados na trajetória de mulheres negras que possuem cabelos crespos/carapinha em um mundo pautado na padronização da aparência capilar sustentada por preceitos eurocentrados de beleza. Percepção sustentada pelas experiências realizadas em diferentes contextos e perfis, especialmente no período de 2016-2017 em Maputo e 2018 até 2023 em Curitiba, aguçado

⁵⁹ As memórias de dor são bem recorrentes, queimaduras e feridas são as mais comuns e alopecia por tração algo presente em quem faz uso continuado dos trançados.

pela pandemia do COVID-19 e a necessidade do fechamento dos salões de beleza com ápice em 2020. Elencamos algumas narrativas de mulheres e homens negros brasileiras e africana.

Sempre vi minha mãe fazendo nas miúdas e nunca tinha dado importância. Agora que estou com alopecia por tração tive que reaprender a cuidar do carapinha. Um desafio enorme. Épa, tinha que vir uma brasileira para me mostrar isso.

(BIROTES REALIZADOS EM 2017, ESTRELA, 27 ANOS)

A Deby indicou o uso das manteigas porque meu cabelo está muito fraquinho. Falou que preciso ficar um período sem usar tranças e deixar o cabelo respirar. Mas como minha filha se trabalha atendendo as pessoas em público. O jeito que eu gosto dele é bem lisinho, mas também não posso usar alisamento senão vou ficar careca e não nascerá mais. Olha como está bem ralinho aqui na frente. Deby falou que as manteigas ajudam a deixar forte e preciso disso. Por isso estou aqui. (BIROTES REALIZADOS EM 2019 ANA, 56 ANOS).

Meu pai disse que não teria problema passar o henê, liso não dá tanto trabalho quando o pixaco ele disse. Gosto de tranças mas toda vez tem que vir até o salão. Hoje ele falou: vamos tentas alisar para vê como fica? Aceitei, mas sabendo que iria arder, queimar, doer muito. Mal passou o produto começou a cair tudo e comecei a chorar. Minha mãe estava no trabalho. Ai viemos para a Deby dá um jeito, fazer tranças. Mas agora nem traça posso usar direito. Usar a manteiga mais ajudar a melhorar meu cabelo?

(BIROTES REALIZADOS EM 2020, DANDARA, 13 ANOS)

Uso dreads há muitos anos, sou professor de capoeira e fico muito suado no pescoço. Um amigo que é cliente na Deby disse que o jeito que você faz o dreads é diferente. Não tem agulha ou cabelo de outras pessoas. Eu quero aprender a lavar direito e não deixar cheirar mal, sou muito vaidoso e gosto de cuidar de mim.

(BIROTES REALIZADOS EM 2020, MESTRE LUA, 52 ANOS)

Nossa! esse penteado birotos facilita muito a minha dinâmica no trabalho de orientar ao usos da linha de produtos naturais que estou produzindo à base de inhame, aloe vera e banana. Define muito bem o cacho e a separação das mechas ajuda em concentrar a quantidade de creme usar. O meu crespo não tem química há muitos anos e quem faz os birotos em mim é meu marido. Não do jeito que vc faz, mas está treinando. (BIROTES REALIZADOS EM 2019, CLÁUDIA, 42 ANOS)

Ao longo da realização dos birotos, quem elabora e quem recebe o penteado podem interagir e a conversa possui orientação centrada nos cuidados cotidianos com os crespos-carapinhas de forma que a pessoa possa ter maior autonomia, além de aproximação com a perspectiva da educação das relações étnico-raciais.

8. CRESPOGRAFIA: SEMIÓTICA CAPILAR CRESPA E EDUCAÇÃO

Abnegação⁶⁰, morte social⁶¹, luto, renascimento⁶², retirada de direitos⁶³, símbolo de beleza, desprovido de desejos carnavais. O signo capilar transmite mensagens no campo da linguagem não verbal, as sociedades humanas entenderam essa forma de comunicação e fizeram dela uma ferramenta de grande importância no ato de distinguir “os de dentro” e os “os de fora” de cada grupo humano. Vimos em contextos do Curitiba/Brasil e de Maputo/Moçambique que essa artimanha é socialmente construída e culturalmente renovada embora mantenha em sua essência mecanismos de aprendizagem consistentes e eficazes.

Para os casos de retirada dos fios por completo os sentidos e significados podem mudar de contexto para contexto, essa gestualidade não acontece desprovida de propósitos e impactam cada cultura de a sua maneira. Para nossa imersão vale destacar o conceito aqui proposto de Crespografia, como parte dessa linguagem corporal circunscrita na corporeidade negro-africana que foi subjugada em período colonial eurocentrado e dotada de consequências às gerações posteriores da diáspora negra.

A tese sustenta a importância dos estudos ligados ao campo científico se desprenderem do véu que lhe cobrem a face, abrindo os olhos para perceber o quão é complexo e necessário estreitarmos vínculos com o conhecimento produzido e resguardado pelos povos originários do continente africano e das Américas em toda a sua extensão, povos que forjam e tecem a própria noção de humanidade e cultura.

Essa escrita construída pelo movimento de mimese infere nossa busca por pertencimento em diferentes dimensões, para consigo mesmo e para com o seu grupo. As nossas escolhas, todas elas, ficam registradas não apenas em nossa memória coletiva, mas também e sobretudo em nossa pele. A crespografia exerce esse movimento dinâmico de comunicar algo por meio do penteado afrocentrado. A escolha do próprio penteado é por si só um gesto de autonomia e autodescrição no desejo de observar o crescimento do próprio fio crespo. Hooks (2005) sinaliza que “os penteados naturais eram associados à militância política. Muitos(as) jovens negros(as), quando pararam de alisar o cabelo, perceberam o valor político atribuído ao cabelo alisado como sinal de reverência e conformidade frente às expectativas da sociedade (HOOKS, 2005, p. 2-3).

Há uma forma de grafia delineando caminhos ao longo da trajetória do indivíduo. As escrevivências aqui pontuadas não estão isoladas, elas são também parte de

⁶⁰ Ação caracterizada pelo desprendimento e altruísmo.

⁶¹ Perda de dignidade via processo escravocrata pode ser um exemplo.

⁶² Quando envolve a dimensão do sagrado, ritos de iniciação religiosa é um exemplo.

⁶³ A prática de corte dos cabelos no caso de encarceramento pode ser um exemplo

movimentações sociais que promovem diálogos inter-relacionando os conhecimentos científicos, entendidos de forma espiralar e dinâmicos, e a vida cotidiana.

Figura 78, 79 – Registro do formato do couro cabeludo após raspagem com navalha - 2023



Fonte: Acervo de Pesquisa da autora (2023)

O rito de raspagem feito com objetivo de concluir um ciclo acadêmico e também a intencionalidade de produzir reflexão sobre o prisma de não enxergamos nosso real reflexo no espelho social afrocentrado. Interessa-nos a reflexão da noção de autorrealização, nesse prisma da consciência da escolha de qual rito de beleza que permitirá expor a face mais desejada dessa subjetividade, com o fortalecimento dos laços e dos afetos.

Aprender com o passado e então construir um presente mirando no futuro é a máxima do pensamento afrocentrado Sankofa⁶⁴, em igual importância o modo de pensar Ubuntu⁶⁵ _ eu sou porque nós somos _ alinhado e sem desconsiderar os saberes andinos Sumak Kawsay⁶⁶ do Bem viver.

Cada pensamento-ação no sentido da performance proposta na tese está interconectada com as formas de transmitirmos conhecimentos para a vida e a Crespografia presente no ori (cabeça) marca não apenas fisicamente o couro cabeludo, abarca a temporalidade do penteado dreads realizado em contexto africano e resignificado em solo brasileiro. Antes dele, foi possível experimentar outras formas de cuidado com

⁶⁴ Sankofa: olhar para trás. Encarar, assim, a ideia conflituosa do passado, entre a memória e a história Sarlo (2007)

⁶⁵ NOGUERA, R. Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectivista. Revista da ABPN, v. 3, n. 6, p. 147-150, fev., 2012.

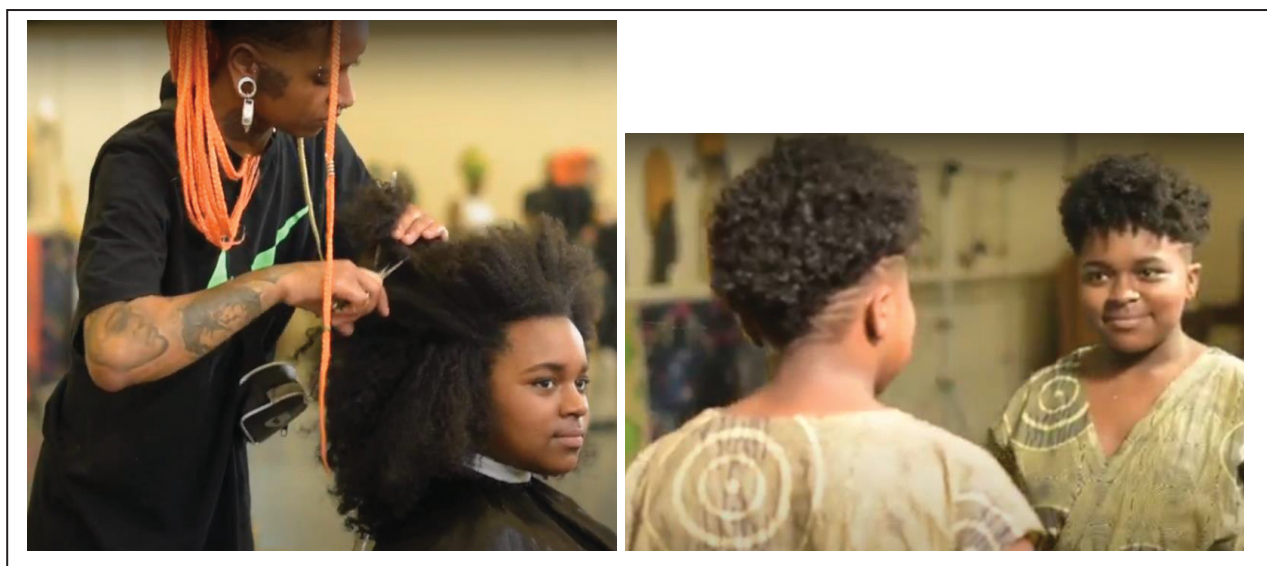
⁶⁶ O BEM VIVER: UMA OPORTUNIDADE PARA IMAGINAR OUTROS MUNDOS, de Alberto Acosta, tradução publicada em 2016 pela Editora Elefante.

maior ou menor grau de valorização do crespo, todavia não priorizava o indivíduo por vê-lo como mero mercado consumidor de determinado produto.

Neste sentido, a corporeidade em constante movimento está na verdade internalizando um hábito através da mediação de determinada técnica manual no caso dos penteados trançados como bem pontua Martins (2003) configura uma forma de oralitura. Ou seja, caracteriza um “procedimento de inscrição, transmissão, recriação e revisão da memória do conhecimento, seja este estético, filosófico, metafísico, científico, tecnológico, etc” (MARTINS, 2003, p. 66-67). Toda essa perspectiva converge no sentido de “concepção de performance” que nos possibilita reconectar gestualidade ancestral com a demanda contemporânea e assim “apreender a complexa pletora de conhecimentos e saberes africanos que se restituem e se reinscrevem nas Américas, recriando-se toda uma gnosis e epistemes diversas” (MARTINS, 2003, p. 67).

O rito de raspagem na ótica da Educação das Relações Étnico raciais firma o ponto na máxima relevância em rupturas e transgressões de si, considerando a gestualidade como ação a ser observada, internalizada e resignificada. Afinal, aprendemos através do exemplo e pela repetição cotidiana. O gesto da raspagem foi pura inspiração na ação de outras mulheres negras de várias idades e realidade sociais, especialmente na figura de jovem Aline Raimundo que aos onze anos não estava contente com seus crespos soltos e resolveu cortá-los, na frente das câmeras, por outra mulher negra a barbeira Vivian Lima.

Figura 80, 81 – Corte do fio crespo natural para penteado curto com desenho em máquina



Fonte: Acervo de Pesquisa da autora (2021)

O gesto de cortar os longos crespos em 2021 foi inspirador para decisão de sua própria mãe, a mulher preta Ivanete Xavier em contexto de pandemia do COVID-19. A escolha gerou diferentes emoções e certamente com impacto no próprio núcleo familiar.

A prática de embelezar-se é uma característica humana que fortalece e mobiliza de forma a dinamizar a relação de ensino-aprendizagem. A tese apresentou processos de mudança social que causam impacto nos ambientes educacionais e profissionais quando a criança negra chega na escola ou a mulher negra chega em seu ambiente de trabalho com um penteado estonteante ela sai no ostracismo e é reconhecida como pessoa portadora de laços culturais de longa data. Essa grafia emancipada com os crespos nos foi negada, não formalmente, mas simbolicamente agindo sobre nossas decisões e consumindo nossa autorrealização, a decisão da menina-mulher negra Aline foi determinante para afetar as mulheres negras já calejadas e a magia está exatamente no reconhecimento da ancestralidade presente no individual que reverbera no coletivo e se retroalimenta em espiral. A mesma Aline Raimundo que aceitou o desafio de pegar a tesoura e cortar as minhas dreads em 2023, ação que foi realizada de forma sensível e afetuosa por entender o propósito do corte à sua maneira.

Nossos traços são perenes e saber cuidar de si e do outro fortalece a coletividade, agrega e inspira outras ações. É chegada a hora de auto fortalecimento não visando sobrepor-se ao outro, mas ser parte de algo humanamente possível.

PALAVRAS FINAIS

Cientes da inevitável necessidade de trazer a público a subjetividade que a discriminação à brasileira toma forma no contexto escolar, midiático, familiar, social busca-se no momento repensar a construção de uma identidade negra no sentido de valorizar técnicas ancestrais de cuidados com a pele e os cabelos crespos e reconhecer seu teor didático. Voltar o “olhar” atento sobre a diversidade presente nos mais diversos âmbitos sociais e perceber a relevância em trabalhar a autoestima da população negra brasileira através da educação estética e da conscientização no que se refere a arte capilar dos trançados e dos dreads, como ferramenta pedagógica de legitimação da cultura africana e da Diáspora Africana, reafirmando a visão positiva diante da diversidade étnico-racial. “O negro quando assume o seu cabelo de negro assume também o seu papel na sociedade como pessoa negra” (LODY, 2000, p.58).

A tese aqui sustentada prima pela interação de saberes, tanto aqueles reconhecidos pelo campo científico quanto a sabedoria produzida na vida cotidiana. Os ritos de embelezamento abarcam essa esfera no propósito de incorporar ideias e experimentações, acreditando na possibilidade de conquistar a autonomia nos cuidados de si. Vimos que a trajetória individual está embebida de simbologias coletivas em especial quando tratamos do reconhecimento da própria identidade negra em constante resignificação.

Percorremos nas trilhas do saber empírico rupturas e permanências nos ritos de beleza afrocentrados, nos modos de acionar a memória coletiva de – brasileiras e moçambicanas – em reconhecer em si a negritude outrora camuflada. Toda essa movimentação atua diretamente na cicatrização de feridas abertas pelo racismo estético e nos permite vislumbrar outros horizontes, no sentido posto por bell hooks (2021)

para encarar essas feridas, para curá-las, as pessoas negras progressistas e nossos aliados nessa luta devem estar comprometidos em realizar os esforços de intervir criticamente no mundo das imagens e transformá-lo, conferindo uma posição de destaque em nossos movimentos políticos de libertação e autodefinição. (HOOKS, 2021, p. 31)

A educação é nossa aliada, está presente para além das instituições formais e se integra ao mundo da vida. Libertar-se das amarras é um movimento contínuo e espelhado no ato e no gesto das outras pessoas de nossa convivência, por entendermos que a valorização de si não se dá de forma individual, está sustentada nas representações de enaltecimento de ações de quem veio antes de nós. O crespo em sua gama de texturas nos conecta ao modo sankofa de agir no mundo e dele se retroalimenta, os fios expressam quem somos muito mais do que imaginamos.

As tranças e os locs são tessituras de nossa ancestralidade ao estimular o encontro, o toque e a troca de energia vital. O ritmo das mãos é sincronizado com o objetivo maior de organizar os fios em ordenamentos geométricos e beleza. Tramas de muitas gerações, enveredadas com os saberes das plantas, dos minérios e nos ensinar que o conhecimento é vasto e cheio de mistérios. Para cada trança finalizada, um sorriso de abre.

A Semiótica Capilar Crespa nos permite reestabelecer elos outrora rompidos e tecer relações de pertença inspiradas nas matrizes africanas e afro-brasileiras, fortalecendo o diálogo da temática antirracistas nas instituições partindo do corpo e da estética negra.

Pesquisar sobre essa temática não precisa estar limitada ao campo da dor, podemos acionar a criatividade para perceber o quanto precisamos ainda investigar dada sua complexidade. As mulheres negras curitbanas e moçambicanas nos permitiram adentrar nesse microcosmo do salão de beleza e compreender o quanto é enriquecedor ter as próprias escolhas respeitadas. A exemplo da trajetória de Sarah Breedlove, mais conhecida como Madam C. J. Walker. Visionária no ramo beleza negra construiu sua própria organização comercial em torno dos cuidados com os crespos a partir de uma necessidade pessoal de saúde do couro cabeludo e seus cabelos caíam por causa da pouca condição que possibilitasse o cuidado dos fios. Côrtes (2012) ao pesquisar a trajetória de Madam C. J. Walker informa que

a idéia do cabelo como algo a ser cuidado, um bem que requer a lida diária é muito bem sintetizado nas famosas palestras proferidas pela filantropista quando de suas viagens pelo país para demonstração do seu sistema e recrutamento de agentes, mulheres de cor que vivenciavam um processo de disciplinarização dos corpos, exigido pelo cenário urbano-industrial que se alastrava pelo país.” (CÔRTEZ, 2012, p. 371)

A atenção dada ao couro cabeludo é inovador no slogan de Madam C. J. Walker como aponta Côrtes (2012) “Vocês percebem que para fazer o cabelo crescer é necessário cuidar do couro cabeludo da mesma forma que cuidamos das sementes que plantamos nos jardins?” Ou, de forma mais direta: “fazer o cabelo crescer é como fazer o algodão crescer” (CÔRTEZ, 2012, p. 369).

Os Salões de Beleza étnico – em Curitiba e em Maputo – possuem em comum as técnicas de cuidados de si voltadas ao trato com os cabelos em diferentes dimensões, ora recorrendo ao uso de elementos vegetais e minerais, utilizados tradicionalmente para embelezar; ora, apresentando as novidades do mercado da estética e assim estabelecem atualizações no campo da moda e da comunicação social através das mídias interativas presente no cotidiano do salão de beleza, especialmente a música, a televisiva e mídias sociais no caso brasileiro.

Para quem porta os penteados pode signicar um “ato de coragem” frente à pressão social. Todavia, a realidade encontrada nos salões Deby Tranças e Salão Alice expõem o crescente interesse e adesão de mulheres de diferentes faixas etárias ao uso de tranças e dreads por um longo período, substituindo as demais possibilidades de expressão estética capilar.

Diante desse panorama, entendemos que a figura da trancista ou trançadeira e do cabelereiro de dreads como mantenedores e guardiãs das memórias africanas a partir dos penteados. Constituem, portanto, significativo patrimônio cultural de matriz africana e afro brasileiro enquanto bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto. Mutuamente o aprender e o ensinar se interligam quando pensamos de forma mais cooperativa do que competitiva. Nossas escrituras, portanto, são assim repletas de força vital com a singularidade própria que cada um e cada uma guarda. Merecemos olhar também para o afeto e para o autocuidado afinal o lado da dor já sabemos de cor e salteado.

REFERÊNCIAS

- ALTUNA, Raul Ruiz de Asúa. **Cultura Tradicional Bantu**. Lisboa: Paulinas Editora, 2014.
- APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. SP: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020

AMADIUME, Ifi. **Re-inventing Africa: Matriarchy, Religion and Culture**. Londres: Interlink Publishing Group, 1997.

APPADURAI, Arjun. **Dimensões culturais da globalização: a modernidade sem peias**. Lisboa: Letramento, 2004.

ARAÚJO, A. M. M. **O corpo negro e educação: discutindo questões étnico-raciais em um Projeto Político-Pedagógico-Participativo**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP.

AMAURO, N. Q.; ROCHA, N. G. **Crespura: Beleza Negra sem Química**. Curitiba: UFPR. 2021.

BARBOSA, M. S. **Pan-africanismo e teoria social: uma herança crítica**. Revista África, [S. l.], n. 31-32, p. 135-155, 2012. DOI: 10.11606/issn.2526-303X.v0i31-32p135-155. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/africa/article/view/115352>. Acesso em: 4 fev. 2023.

BOUZÓN, Patrícia Gino. **Construindo identidades: um estudo etnográfico sobre manipulação de aparência em salões de beleza na cidade do Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Programa de Pós-graduação em Antropologia do Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BRAGA, Amanda. **História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas**. São Carlos: Edufscar, 2015.

CABAÇO, José Luís. **Moçambique: identidade, colonialismo e libertação**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

CHAGAS, C. R. R. P. **Mulheres negras - Tecendo identidades com cabelos e artefatos culturais: uma questão para os currículos**. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação e Humanidades Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

CALASANS, Fabiana. Semeando a identidade negra do fio à raiz. In: FIGUEIREIRO, Ângela; CRUZ, Cíntia. **Beleza Negra: representações sobre o cabelo, o corpo e a identidade das mulheres negras**. Cruz das Almas: Edufrb; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. p. 93-113.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011. 250 p.

CASIMIRO, Isabel (1986) **Transformação nas Relações Homem/Mulher em Moçambique, 1960-74**. Tese de Licenciatura em História. Departamento de História, Faculdade de Letras, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo.

_____. (1999) “Paz na terra, guerra em casa’. Feminismo e Organizações de Mulheres em Moçambique”. Dissertação elaborada para a obtenção do grau de Mestre em

Sociologia, Faculdade de Economia, Coimbra. GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

CASTIANO, José P. ; NGOENHA, Severino Elías. **A longa marcha duma educação para todos em Moçambique**. 3. ed. Maputo/Moçambique: Publifix, 2013.

COLLINS, P. H. Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

COLLINS, P. H.; BILGE, S. Interseccionalidade. São Paulo: Boitempo, 2021.

COLLINS, Patrícia. Epistemologia feminista negra. In: JOAZE, Bernadino-Costa; ALDONADO-TORRES, GROSGOUEL, Ramón (orgs.). Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 139-171.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. Sociedade e Estado, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922016000100099&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 05 mar. 2018.

COUTINHO, C. L. R. A Estética dos Cabelos Crespos em Salvador. 2010. 109 f. Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas - Campus V, Programa de Pós-Graduação em História Regional. Santo Antônio de Jesus, 2010.

CRUZ, Cíntia Tamara Pinto da. Os cabelos mágicos: identidade e consumo de mulheres afrodescendentes no instituo Beleza Natural. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2013. 316

CRUZ, Denise Ferreira da Costa. Seguindo as tramas da beleza em Maputo. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Universidade de Brasília, 2012.

_____. Seguindo as tramas da beleza: cabelos na centralidade estético-corporal de Maputo*. Cad Pagu [Internet]. 2015Dec;(Cad. Pagu, 2015 (45)):135–56. Available from: <https://doi.org/10.1590/18094449201500450135>

_____. Sacrifício do corpo: categorias de conhecimento sobre o cabelo crespo que transitam entre o Brasil e Moçambique. Odeere, v.3, n.6, p. 340-365, 2018.

_____. Que beleza busca Vanda? Ensaio sobre cabelo no Brasil e em Moçambique. Belo Horizonte: Letramento, 2019. 192p.

DAVIS, Angela. A liberdade é uma luta constante. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo 2018.

DIOP, Cheikh Anta. Unidade Cultural da África Negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica. Lisboa: Editora Pedagogo, 2015.

DIOP, Cheikh Anta. Naciones negras y cultura. Barcelona: Belaterra, 2012.

DIOP, Cheikh Anta. Unidade Cultural da África Negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica. Lisboa: Editora Pedagogo, 2015.

DIOP, Babacar Mbaye et al. (org). A consciência histórica Africana. Luanda: Edições Mulemba, 2014.

EVARISTO, C. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: VI SEMINÁRIO MULHER E LITERATURA . Anais Seminário Mulher e Literatura. Rio de Janeiro : UFRJ , 1995.

EVARISTO, Conceição. Ponciá Vicêncio. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017a.

EVARISTO, Conceição. Becos da memória. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017b.

EVARISTO, Conceição. Insubmissas lágrimas de mulheres. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

EVARISTO, Conceição. Depoimento gravado no I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado na Faculdade de Letras da UFMG, em maio de 2009, e publicado em sua página do literafro – o portal da literatura afro-brasileira. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo> Acesso em: 28 abr. 2022.

EVARISTO, Conceição. Depoimento. In: DUARTE, E. A.; FONSECA, M. N. S. (Org.). Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 103-116. (História, Teoria, Polêmica, v. 4).

ESTERMANN, Carlos. Álbum de penteados do sudoeste de Angola. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1960.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2003.

FÉLIX, S. B. Cabelo Bom. Cabelo Ruim: a construção da identidade afrodescendente na sala de aula. Revista África e Africanidades, v. 3, 2010.

FERNANDES, Hildália. Escritos negros femininos sobre Orí e Irun (Cabeça e Cabelo) de Obírin Dúdú (Mulheres negras) pertencentes a comunidades de terreiro: aprendizagens e ensinamentos “da porteira para dentro”. In: FIGUEIREDO, A.; CRUZ, C. Beleza Negra: representações sobre o cabelo, o corpo e a identidade das mulheres negras. v.16. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. p. 115-139. Coleção Uniafro.

FERRY, L. Homo aestheticus: a invenção do gosto na era democrática. São Paulo: Ensaio, 1994.

FERREIRA DA SILVA, Denise; BRADLEY, Rizvana. Four thesses on Aesthetics. Eflux Journal, n. 120, p. 3-6, set. 2021. Disponível em: http://worker01.eflux.com/pdf/article_416146.pdf. Acesso em 24 jan. 2022.

FLETCHER, Amy Joann. Ancient Egyptian Hair: a Study in Style, Form and Function. 1995. Thesis (Doctoral in Archeological) -Faculty of Arts, University of Manchester, Manchester, 1995.

FIGUEIREDO, Angela; CRUZ, Cintia. Beleza Negra: representações sobre o cabelo, o corpo e a identidade das mulheres negras. Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

FIGUEIREDO, Angela. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0102, jan./abr. 2020.

GOMES, Nilma Lino. Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra/Nilma Lino Gomes. 3. ed. ver. amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

GOMES, N. L. A compreensão da tensão regulação/emancipação do corpo e da corporeidade negra na reinvenção da resistência democrática. Perseu, São Paulo, nº 17, ano 12, p. 123-142, 2019.

GONZALEZ, Lélia. **"Por um feminismo afrolatinoamericano"**. Revista Isis Internacional, Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988
http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/271077/mod_resource/content/1/Por%20um%20feminismo%20Afro-latino-americano.pdf>. Acesso em: 05/02/2020

_____. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, p. 223-244, 1984. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%20A%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf . Acesso em: 20/01/2021.

GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

HILL, Robert A. Dread History: Leonard Howell and Millenarian Visions of the Early Rastafarian Religion. Kingston, Jamaica: Miguel Lorne Publishers, 2001.

hooks, bell. Intelectuais Negras. In: Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v.3, ano 3, n.2, 1995. p. 464-478. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465>. Acesso em 11 de fevereiro de 2021.

hooks, bell. Alisando o nosso cabelo. Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artista de Cuba, janeiro-fevereiro de 2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. Disponível em:
https://drive.google.com/file/d/0B2_ZKqR9WEKMmRiNjRkNjEtZWJkYy00MGRmLWlyZmQtODY2OTRmYjI2MjAx/view?resourcekey=0-y0FnS_fr2mse7dNRf8w6Bw. Acesso em: 19 de maio de 2021. p. 1- 8.

hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo Martins Fontes, 2013.

hooks, bell. Olhares negros: raça e representação/ bell hooks; tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, Bell. Erguer a voz: pensar como feminista negra. Tradução Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo/ bell hooks; tradução Bhuvli Libanio. 5ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

hooks, bell. Vivendo de amor. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C. (orgs.). O livro da saúde das mulheres negras. Nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Pallas: Criola, 2000. p. 188-198.

hooks, bell. Tudo sobre o amor. Trad. Stephaine Borges. Rio de Janeiro: Elefante, 2021.

HOUNTONDJI, Paulin J. Conhecimento de África, conhecimento de Africanos: Duas perspectivas sobre os Estudos Africanos. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs). Epistemologias do Sul. 2009

JANUD, Henri A. Bantu Usos e Costumes. A Vida de uma tribo sul-africana. Missão Suíça Rotnande. 1913 [1987]

LAPLANTINE, F. A descrição etnográfica. Tradução de João Manuel. Ribeiro Coelho e Sergio Coelho. São Paulo: Terceira Margem, 2004. LADSON-BILLINGS, Glória. A Raça ainda é importante: a Teoria Racial Crítica na Educação. In: APPLE, M. W.; AU, W.; GANDIN, L. A. (Orgs.). A Educação Crítica: análise internacional. Porto Alegre: Artmed, 2011, p.129-142

_____. 'QUEM VOCÊ ESTÁ CHAMANDO DE CABELO DURO?': um olhar da Teoria Racial Crítica sobre a construção das mulheres negras. Revista Currículo sem Fronteiras, v. 19, n. 2, p. 628-643, maio/ago. 2019 ISSN 1645-1384 (online). Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol19iss2articles/ladson-billings.pdf>

LEACH, Edmund. O cabelo mágico. In: DA MATTA, Roberto (Org.). Coleção Grandes Cientistas Sociais, São Paulo, n.38, p.139-169, 1983 [1969].

LE BRETON, David. A sociologia do corpo. Trad. Sonia Furhmann. 6.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

LE BRETON, David. Antropologia dos Sentidos. Trad. Francisco Morás. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

LIMA, C. M. "O que eu mais gostei na escola foi do seu cabelo": por uma formação docente infantil e denegrida. 2020. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, Rio de Janeiro, 2020.

MALACHIAS, Rosangela. Cabelo bom. Cabelo ruim. São Paulo: NEINB, 2007.

MARTINELLI, Maria Lúcia (Org.). **Pesquisa qualitativa**: um instigante desafio. São Paulo: Cortez, 1999.

MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. Letras, Santa Maria, Revista do Programa de Pós-Graduação da UFSM, n. 26, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881/7308> Acesso em: 10 março 2022.

_____. Oralitura da memória. In: FONSECA, M. N. S. (Org.). Brasil afrobrasileiro. 2a ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MASSON, Celso. O predestinado dos deuses. In: CARDOSO, Marco Antônio (org.). Bob Marley por ele mesmo. São Paulo: Martin Claret, 2007.

MEAD, George Herbert. Mente, Eu, e Sociedade do Perspectiva de um Comportamento Social. Chicago: University of Chicago Press, 1934.

MBEMBE, Achille. Crítica da razão negra/ Achille Mbembe; traduzido por Sebastião Nascimento. – São Paulo: n-1 edições, 2018.

MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. Estud. afro-asiát., Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 171-209, jun. 2001. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-546X2001000100007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 mai. 2021.

MERCER, Kobena. "Black hair/ style politics". In: O. Kwesi, Black British culture and society. London: Routledge. pp. 111-121, 2000.

MIRANDA, Claudia; ARAÚJO, Helena Maria Marques. Memórias contrahegemônicas e educação para as relações étnico-raciais: práticas decoloniais em contextos periféricos. *Perspectiva (UFSC)*, v. 37, p. 378-397, 2019.

MIZRAHI, Mylene. As políticas dos cabelos negros, entre mulheres: estética e dissidência no Rio de Janeiro. *MANA*, v. 25, n. 2, p. 457-488, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de S. **O desafio da pesquisa social**. In: MINAYO, M. C.S.; GOMES, S. F. D. R. (orgs.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 27ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **Teoria, método e criatividade**. In: MINAYO, M. C. S.; GOMES, S. F. D. R. (orgs.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 27ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1999.

MOREIRA, Cláudia R. B. **Políticas de ações afirmativas na UFPR**: impactos sobre a graduação (2013–2017). Relatório de Estágio Pós-Doutoral – UFPR (2018).

MUNANGA, K.. Teorias sobre o racismo. In: C. A. Hasenbalg, K. Munanga, & L. M. Schwarcz (Org.). *Racismo: Perspectivas Para um Estudo Contextualizado da Sociedade Brasileira* (Cap. 2, pp. 43-65). (Série Estudos e Pesquisas, v. 4). Niterói: EdUFF, 1998.

MUNANGA, Kabengele. **Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo**. Cadernos PENESB, v. 12, p. 169-203, 2010.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. 5.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. 4.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020

MUNANGA, Kabengele. A identidade negra no contexto da globalização. *Ethnos Brasil*, v. 1, n. 1, p. 11-20, 2002 Tradução . Disponível em: biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_AIdentidadeNegraNoContextoDaGlobalizacao.pdf. Acesso em: 08 fev. 2023.

MUTHEMBA, Sansão. Usos e Costumes do Sul de Moçambique. *Jornal O Cooperador*. Artigo 4 jan.1971.

NASCIMENTO, Abdias. *Thoth Pensamento dos povos africanos e afrodescendentes*. Gabinete do Senador Abdias do Nascimento. Secretaria Especial de Editoração e Publicações, Brasília, 1997.

NOGUEIRA, O. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. *Tempo Social*, 19(1), 287-308, 2007.

NOVAES, Sylvia Caiuby. Tranças, cabeças e couros no funeral Bororo (A propósito de um processo de constituição de identidade). *Revista de Antropologia da Universidade de São Paulo*, v. 24, 1981

NGOENHA, E.S. (1992): *Por uma Dimensão Moçambicana da Consciência Histórica*. Edições Salesianas. Porto.

NGOENHA, S.E., *Estatuto e Axiologia da Educação em Moçambique: O Paradigmático Questionamento da Missão Suíça*. Livraria Universitária, UEM, Maputo, 2000, p.30.

NGOENHA, S.E. & José P. CASTIANO. *Pensamento engajado: ensaios sobre filosofia africana, educação e cultura política* ; Author, Severino Elias Ngoenha ; Publisher, Editora EDUCAR, 2011.

NZEGWU, Nkiru. *Encounters in Aesthetic Appreciation*. Tese (Doutorado em Filosofia) – University of Ottawa, Ottawa, Ontario, 1989

ODUDUWA, Abisogun Olatunji. *O Pan-Africanismo*. São Paulo: Editora Filhos de África, 2019.

OLIVEIRA, Paula Beatriz de Carvalho. *Ressignificações em torno de cabelos crespos e cacheados: uma análise sobre performances corporais nas favelas Chapéu Mangueira e Babilônia*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense, 2017.

OLIVEIRA, Ivani Francisco de. *Versões de mulheres negras sobre a transição capilar: um estudo sobre processo de descolonização estética e subjetiva*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/22176/2/Ivani_Francisco_de_Oliveira.pdf. Acesso em: 06 jul. 2019.

OYÊWÚMI, Oyèrónké. *Conceitualizando gênero: a fundação eurocêntrica de conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas*. In: BERNARDINO-COSTA, J; MALDONADO-TORRES, N; GROSGOUEL, R (Org.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

OYÊWÚMI, Oyèrónké. *Fazendo uma genealogia da experiência: o método rumo a uma crítica da colonialidade da razão feminista a partir da experiência histórica da América Latina*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (ORG). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2020.

OWENS, Joseph. *Dread: the Rastafarians of Jamaica*. Kingston, Jamaica: Sangster, 1976.

PAIXÃO, Marli Madalena Estrela. *Uma rosa para meus cabelos crespos: experiências estéticas e políticas da imagem*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Universidade Federal do Maranhão, 2008.

PINHO, Osmundo. *Deusas do Ébano: A Construção da Beleza Negra como uma Categoria Nativa da Reafricanização em Salvador*. In: *Anais do XXVI Encontro Anual da ANPOCS*, 2002

QUEIROZ, L. Q. S. *Corpo Negro em Cachoeira/BA/Brasil: ritos e percursos no âmbito educativo da cidade*. 2013. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

QUIJANO, Anibal. A colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (org.). A colonialidade do saber – Eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clasco, 2005. p. 227-228.

QUINTÃO, Adriana Maria Penna. O que ela tem na cabeça? Um estudo sobre o cabelo como performance identitária. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

RABELO, Danilo. Rastafári: Identidade e hibridismo cultural na Jamaica – 1930-1981. 2006, 544 f. Tese (Doutorado em História). Distrito Federal: Universidade de Brasília. Brasília, 2006.

RAMBWAWASVIKA, Hardlife & Parekh, Champaklal & Naidoo, Eliazzer & Chiririwa, Haleden. (2017). Extraction and Characterisation of Mucilage from the herb *Dicerocaryum senecioides* and its use as a potential hair permanent.

REIS, L.A. Trabalhando a autoestima de crianças negras no ambiente escolar: desfazendo preconceitos e estereótipos. 2015, 42p. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Trabalho de conclusão de especialização em Educação e Relações Étnico – Raciais. Disponível em <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-ADSKVU>

RITA-FERREIRA, A. 1962. Bibliografia Etnológica de Moçambique (das origens a 1954). Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.

ROCHA, Neli Gomes. Crespos: cabelo como ícone da identidade negra. Memória e estética, a circulação de ideias e valores na realidade brasileira. Revista Nep, v.2, n.1, p. 86-92, 2016.

ROCHA, Neli Gomes. Usos sociais das plantas. (Orgs) AMAURO, N. Q.; ROCHA; N. G. Crespura: Beleza Negra sem Química. Curitiba: UFPR. 2021, p. 35-47.

RUFINO, José dos Santos (ed.). Álbuns fotográficos e descritivos da colônia de Moçambique. V. 10: Raças, usos e costumes indígenas. Fauna Moçambicana. Lourenço Marques: J. S. Rufino, 1929.

SANTOS, Luane Bento dos. Bens culturais afro-brasileiro: o ofício de trançadeiras afro em debate. Revista Eixo, v. 8, p. 126-137, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. Novos Estudos Cebrap, São Paulo, n. 79, p. 71-94, nov. 2007.

SANTOS, S. M. A. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. Plural - Revista de Ciências Sociais/USP, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017. SENNET, Richard. A mão. In: SENNET, Richard. O artifício. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SENGHOR, Léopold Sédar. Liberté I – Négritude et Humanisme. Paris: Éditions du Seuil, 1964.

SENGHOR, Léopold Sédar. O contributo do homem negro. In: SANCHES, Manuela Ribeiro. Malhas que os impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais. Lisboa: Edições 70, 2011.

SCHILLER, F. A educação estética da humanidade numa série de cartas. Tradução de Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1995.

SILVA, Carlos Benedito Rodrigues da. Da terra das primaveras à ilhado amor: reggae, lazer e identidade cultural. São Luís: EDUFMA, 1985.

_____. Ritmos de identidade em maranhão. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) –Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001. 500 Revista Brasileira do Caribe, Brasília, Vol. IX, nº18. Jan-Jun 2009, p. 485-501

SILVA, Paulo Vinícius Baptista da; ROSEMBERG . Brasil:lugares de negros e brancos na mídia. In: Teun A. van Dijk. (Org.). Racismo e discurso na América Latina. 1ed.São Paulo: Contexto, 2008, v. , p. 73-118.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista da. Regis, Katia. Miranda, Shirley Aparecida de. Organizadores. .Educação das relações étnico-raciais [recurso eletrônico]: O estado da arte. Curitiba : NEAB-UFPR e ABPN, 2018.

SILVA, Ciranilia Cardoso. Vidas trançadas: a vivência e o trabalho das trançadeiras do Centro Histórico de Salvador/BA. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Centro de Arte, Humanidades e Letras. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia 2013. 115p.

SILVA, Teresa Cruz e. “Determinantes globais e locais na emergência de solidariedades sociais: O caso do sector informal nas áreas periurbanas da cidade de Maputo”. In Revista Crítica de Ciências Sociais, nº. 63: Coimbra: CES, 2002.

SITOE, B. 1996. Dicionário de Changana-Português. Maputo. Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação.

SITOE, B. 2001. Verbs of Motion in Changana. Research School of Asian, African and Amerindian Studies. Leiden University.

SITOE, B. e Ngunga, A. (Org.). 2000. Relatório do II Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas. Maputo. NELIMO, Universidade Eduardo Mondlane.

SODRÉ, Muniz. As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006.

SOUZA, Elizeu Clementino (Org.). Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino. Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006.

_____. “A arte de contar e trocar experiências: Reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação”. In: Revista Educação em Questão. vol. 25, n. 11, jan/abr. Natal, RN: EDUFRRN, 2006a, pp. 22-39.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (AUTO)BIOGRAFIA, IDENTIDADES E ALTERIDADE: MODOS DE NARRAÇÃO, ESCRITAS DE SI E PRÁTICAS DE FORMAÇÃO NA PÓS-GRADUAÇÃO. Revista Fórum Identidades, Itabaiana-SE, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/1808>. Acesso em: 11 out. 2023.

TAVARES, Julio Cesar. Educação através do corpo: a representação do corpo nas populações afro-americanas. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 25, 1997. p. 216-221. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat25_m.pdf Acesso em: 7 jul 2020.

_____. Dança de Guerra: arquivo e arma (elementos para uma teoria da capoeiragem e da comunicação corporal afro-brasileira): Nandyala, Belo Horizonte, 2012
TEMPELS, R. P. Placide. A Filosofia Bantu. Tradução Amélia A. Mingas e Zavoni Ntongo. Luanda-Angola: Edições Kuwindula, 2016.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1986.

TOLEDO, Víctor e Barrera-Bassols, Narciso (2015). A memória biocultural: A importância ecológica das sabedorias tradicionais (1ª ed.). São Paulo: Editora Expressão Popular.

VANSINA, Jan."A tradição oral e sua metodologia". In: História Geral da África: metodologia e pré-história da África. Joseph Ki-Zerbo(coord.). Tradução Beatriz Turquetti et al. São Paulo: Ática/UNESCO

WA THIONG'O, Ngugi. Decolonising the Mind: The Politics of Language in African Literature. Islington, Londres: James Currey, 1986.

WALKER, Alice. Cabelo oprimido é um teto para o cérebro. Palestra dada em 1987. Disponível em: <http://arquivo.geledes.org.br/patrimonio-cultural/literario-cientifico/literatura/3062-cabelooprimido-e-um-teto-para-o-cerebro>

WACQUANT, Loïc. *Corpo e Alma Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2002.

WOLF, N. O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres/ Naomi Wolf; tradução de Waldéa Barcellos. - Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

WOODSON, Carter G. A Deseducação do Negro. Tradução Kwame Asafo Nyansafo Atunda. São Paulo: Medu Neter Livros, 2018.

XAVIER, Giovana. Segredos de penteadeira: conversas transnacionais sobre raça, beleza e cidadania na imprensa negra pós-abolição do Brasil e dos EUA. Estudos Históricos, v. 26, n. 52, p. 429-450, jul/dez 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/MrcHJWxGCDZjwJjRvZPwvYR/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 2 agosto 2022.

_____. Ciência de Mulheres Negras: um experimento de insubmissão. Saúde e Debate, v.45, p.51-59, 2021.

XAVIER, João Paulo. Racismo estético: descolonizando os corpos negros. Minas Gerais: João Paulo Xavier, 2020.

ANEXOS

1 Penteados tradicionais - Homem ruandês com penteados Amasunzu, 1923

Fonte: <https://www.aljazeera.com/program/africa-direct/2022/12/6/a-legacy-reviving-rwandas->



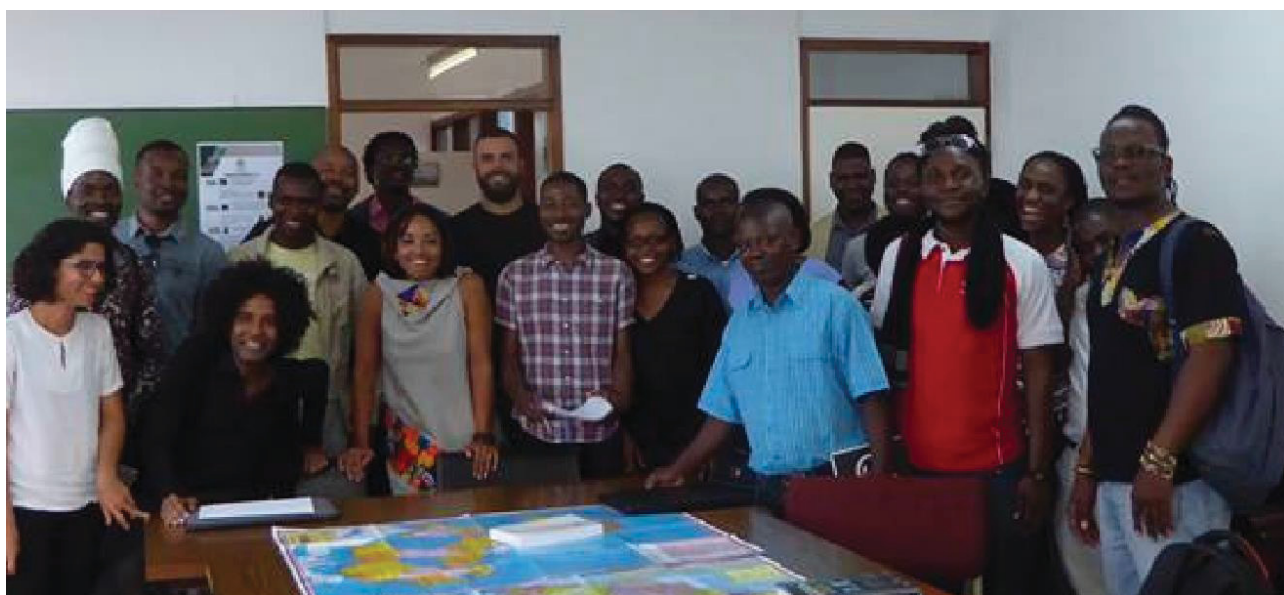
dramatic-hairstyle

2 Random casual Bantu Knots natural hairstyle

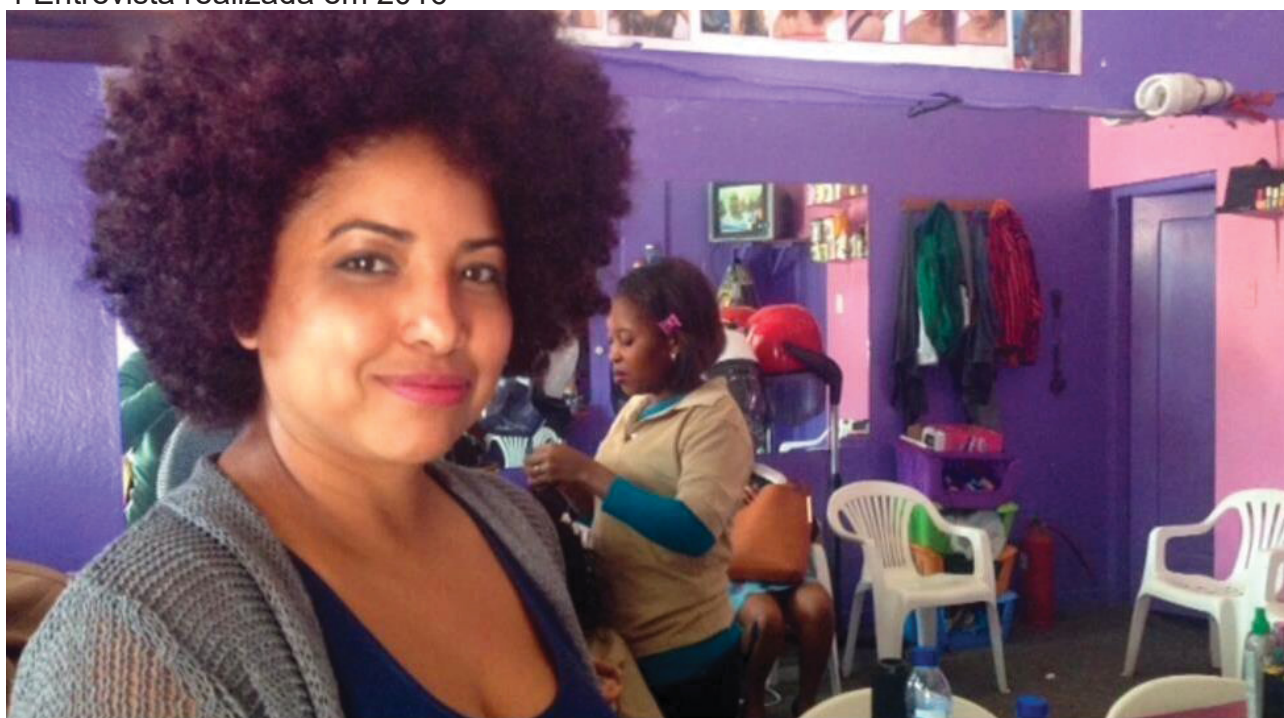


FONTE: <https://www.shutterstock.com/pt/image-photo/random-casual-bantu-knots-natural-hairstyle-2373509049>

3 Apresentação de artigo – Centro de Estudos Africanos UEM - 2017



4 Entrevista realizada em 2016



Disponível em: <https://www.rfi.fr/br/africa/20160828-brasileira-faz-pesquisa-sobre-cabelo-crespo-em-mocambique> Acesso em: 01.11.2023

5 Atividade formativa NEAB UFPR 2017



6 Mozambique, 22nd November - 2019: Barber trimming hair of a young man.



7 Registro Fotográficos Débora Pereira, ao lado de sua filha Naomi e Jamal



Descrição: Débora Pereira, ao lado de sua filha Naomi e Jamal.

8. Naomi em gravação de vídeo para evento acadêmico

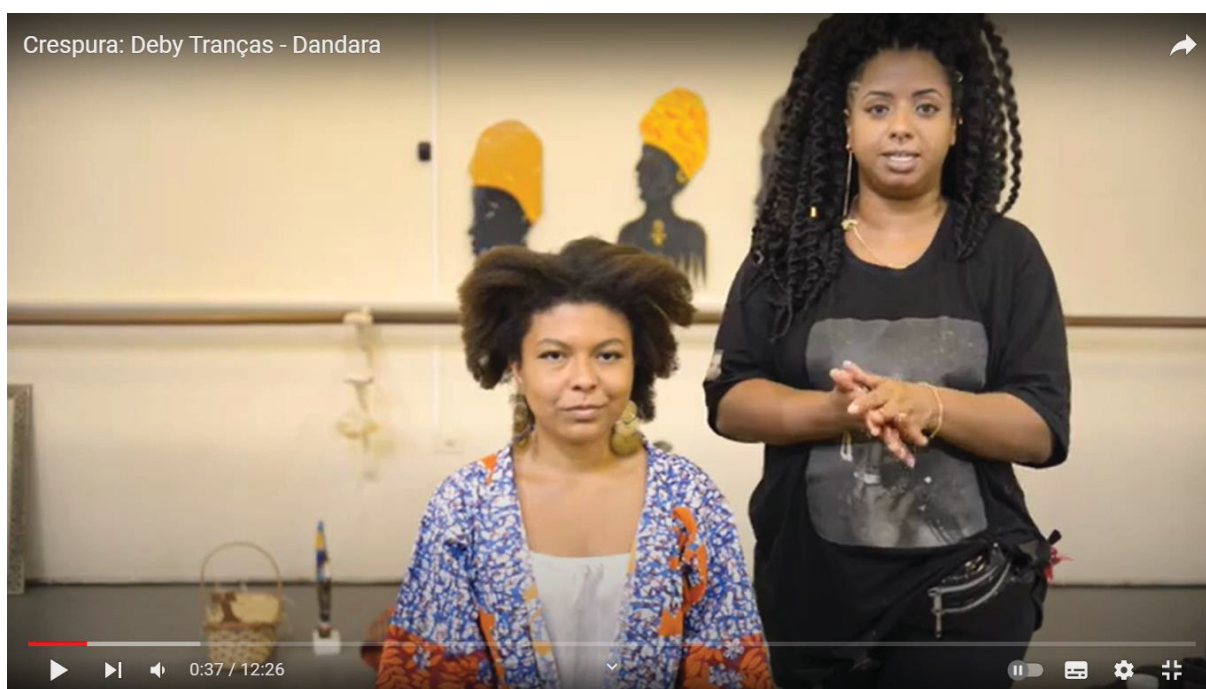


Descrição: 2021, Naomi fazendo a leitura do livro O Black Power de Taió, autori.
Atividade cultural online para o Congresso de Pesquisadores(as) COPENE 2020-2021.

9 Atividade Cultural Online 2021



10. Aula Prática projeto CRESPURA: Beleza Negra sem Química, Curitiba/PR - 2021



Descrição: 2021 Projeto CRESPURA: Beleza Negra sem Química, aula online de penteado AFRO (trançados textura 4a)